



Volta a chover, mas não há como recuperar os prejuízos provocados pela seca, que deixou imagens como esta

A SAFRA NO CHÃO

Na Região Pioneira da Cotrijuí, a seca levou um terço da produção de grãos prevista para este ano. Página 4 à 10

COTRIJUI

Participação, o maior saldo de 1985

Cresceu em 85 a participação dos associados nos debates, nas decisões e na entrega de produtos

Páginas 12 e 13

HISTÓRIA



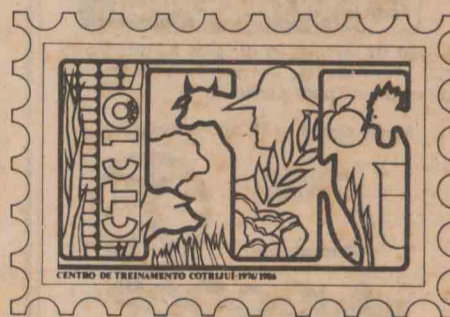
Desfile contra o governo há quase 30 anos

O Movimento dos Triticultores

Novo estudo mostra, desta vez, como aconteciam as articulações políticas na década de 50

Páginas 20 e 21

CTC



Os 10 anos do Centro

Página 14 à 18

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N.º 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Valter José Pötter
Vice/MS:
Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Beschorner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Angelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Vagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

Suplentes:
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godoi Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Antenor Vione, Frederico Antônio Stefanello e Ruy Adelino Raguzzoni.

Suplentes:
Valter Luiz Driemeyer, Darci Aléssio e Antônio Cândido da Silva Neto.

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Renato Borges de Medeiros, Romeu Orlando Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brillante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indópolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornalistas e Revistas de Cooperativas

REDAÇÃO:

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés Mendes

CORRESPONDENTES:

Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Centro de Treinamento da Cotrijuí está fazendo 10 anos. Localizado no município de Augusto Pestana, distante 15 quilômetros da Cotrijuí sede, o CTC nasceu a partir da discussão que começou a se fazer, por volta de 1974, em cima do risco de manter o cultivo de apenas duas culturas, o trigo e a soja. Já naquela época se falava da necessidade de diversificar a propriedade, e integrar a pecuária com a lavoura e, a Cotrijuí passou a apostar nesta sua proposta. Para ter respaldo, fez convênio com o Ministério da Agricultura, em regime de comodato, transformando o Posto Agropecuário num centro de pesquisa, experimentação e extensão. A distância dos grandes centros de pesquisa do país não foi barreira para que se iniciasse a implantação de vários projetos. Começou com a idéia de integração da lavoura e pecuária e daí vieram os programas de forrageiras, visando não apenas a alimentação do gado ou a produção de semente, mas também uma ocupação mais racional do solo, de avicultura, suinocultura, piscicultura, hortifrutigranjeiros, plantas medicinais, entre tantos outros. E dentro deste seu trabalho, o CTC vem procurando também inserir o resgate de alguns elementos do próprio produtor, que em função do advento da monocultura, começavam a desaparecer. Todo o trabalho do CTC, a partir da página 14.

Departamento de Comunicação e Educação e de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuí na Região Pioneira passou por uma reformulação completa nesse ano de 1985. Com nova orientação de trabalho, o setor passou a desempenhar a função de assessoria da diretoria executiva. Na página dos Núcleos, 22, um relato das atividades do Departamento de Comunicação da Cotrijuí.

Voltou a chover no Estado, e os produtores gaúchos ganham um pouco de ânimo, depois do alarme provocado pela pior seca dos últimos anos. Mas a falta de chuvas, que se registrava desde outubro, causou danos irreversíveis. Só na Região Pionei-

ra da Cotrijuí, as estimativas indicam que a produção de grãos deste ano ficará reduzida em dois terços. São cerca de 200 mil toneladas a menos de produtos, A partir da página 4, apresentamos um balanço dos prejuízos provocados pela seca nas regiões onde a Cotrijuí atua, no Estado e no país.

Ano de 1985 foi, mais uma vez, de sufoco financeiro em todo o país. E a Cotrijuí — como a grande maioria das empresas brasileiras — se ressentiu dos reflexos dos altos custos do dinheiro e da baixa remuneração dos produtos que comercializa. Para se ter uma idéia dessa situação, a Cotrijuí faturou em 1985, conforme estimativas, um valor equivalente ao de 1984, corrigido apenas com o índice de inflação, mesmo que tenha recebido um volume de produtos 45 por cento superior ao do exercício anterior. Essa constatação, se por um lado preocupa, tem também seu aspecto positivo: o associado da Cooperativa participou, com entrega da safra, muito mais da sua entidade. Essa participação não fica só nisso. O quadro social também esteve presente aos debates sobre o futuro da Cotrijuí, questionou, indagou e ajudou a direção a tomar decisões. Num balanço do ano, apresentado nas páginas centrais dessa edição, esse é um dos pontos mais enfatizados pelo presidente Oswaldo Meotti.

Quem não tem a compreensão do seu passado dificilmente poderá carregar muitas certezas em direção ao futuro. Essa frase é antiga mas não fica gasta, e vale também para os agricultores. Pois a professora Elza Falkembach, da Fidene/Unijuí, está dando mais uma contribuição aos que ainda hoje tentam compreender melhor o Movimento dos Triticultores, da década de 50. Elza vai lançar um livro sobre o assunto, onde aborda, entre outras coisas, o jogo de forças políticas envolvidas no Movimento. Pouca gente sabe, por exemplo, que a mobilização dos agricultores teve uma forte interferência de gente ligada ao Partido Comunista Brasileiro, o PCB. O assunto é abordado nas páginas 20 e 21.

Cooperativismo de consumo

Valdir Roque Dallabrida

No dia 6 de outubro último, em assembléia onde compareceram mais de 50 operários da cidade e trabalhadores rurais, foi fundada a Cooperativa de Consumo Ajuricaba Limitada. Esta cooperativa assumiu, como principal objetivo, a defesa econômico-social dos seus associados, por meio da ajuda mútua que irá libertá-los da ação dos intermediários. Irá operar na aquisição de gêneros e artigos de uso e consumo pessoal e doméstico, que serão fornecidos aos associados. Poderá ainda produzir, industrializar, beneficiar ou embalar produtos, desde que isto venha representar redução de custos.

Grças ao apoio da Prefeitura Municipal de Ajuricaba e da Unijuí, foram conseguidos recursos junto à Fundação Interamericana dos Estados Unidos para a construção de um mercado onde passará a funcionar a cooperativa. Os recursos foram liberados em dezembro último, e na última quinzena daquele mês se realizou a concorrência para aquisição de todo o material de construção.

A obra está em andamento desde o dia 2 de janeiro, contando com o trabalho de oito operários, entre construtores e ajudantes contratados. A cooperativa conta ainda com um funcionário que está assessorando a diretoria na administração da obra. É importante destacar a ajuda que a Prefeitura Municipal está dando à iniciativa, cedendo a assessoria gratuita do

engenheiro Mauro Berf e do construtor Wilson Marques. O Município também vem contribuindo com fretes e outros tipos de ajuda.

Deve também ser ressaltada a disposição do quadro social de contribuir concretamente na construção do mercado através de mutirões. No dia 4 de janeiro foi realizado o primeiro mutirão, do qual participaram mais de 20 associados, que auxiliaram na abertura de valos. É desta forma que se põe em prática, com gestos concretos, os princípios do cooperativismo.

O funcionamento da Cooperativa de Consumo Ajuricaba deverá ocorrer, conforme se prevê, em duas etapas. A partir do dia 15 de fevereiro e até o término da construção, previsto para junho deste ano, ela funcionará precariamente em peça alugada. A partir de julho, já em dependências próprias, iniciará seu efetivo funcionamento, com todos os gêneros e artigos de uso e consumo exigidos pelos seus associados.

A iniciativa está entusiasmando o seu quadro social, e a cada dia aumenta o número de pessoas que procuram se associar. A cooperativa conta com o apoio das comunidades Católica e Evangélica de Ajuricaba, através da Pastoral Operária, que reconhecem a função social da entidade. Os trabalhadores da cidade e do meio rural, que sentem no dia-a-dia a ex-

ploração desmedida do comércio intermediarista, estão sendo convidados a integrar esforços.

A maior aproximação entre produtor e consumidor, o sistema de vendas, a democracia, a participação de todos nas decisões e a prática real do cooperativismo farão parte do cotidiano da cooperativa, que já é uma realidade. O Conselho de Administração efetivo é integrado por Valdir Roque Dallabrida, na presidência; José Fernandes de Vargas, vice; Lúcia Ottonelli, secretária; Neri da Silva, 2º secretário; Nereu Correa da Silva, tesoureiro; e Guido Norberto Ruschel Filho, 2º tesoureiro. Interessados em participar da cooperativa podem procurar os membros do conselho ou se dirigir à funcionária Elaine Piesanti, na Prefeitura.



Valdir Roque Dallabrida é supervisor de ensino da Secretaria de Educação de Ajuricaba e presidente da Cooperativa de Consumo

registro

Eleição na Fecotrigo

Este início de ano já começa movimentado nos meios cooperativistas, com a deflagração da campanha sucessória na Fecotrigo. O atual presidente, Jarbas Pires Machado, concorre à reeleição, mas terá uma chapa oposicionista pela frente, liderada por Darcílio Giacomazzi, presidente da Cooperativa Triticola de Getúlio Vargas. As eleições serão em março, e até lá as cooperativas de trigo e soja terão — além da seca — mais este assunto para centralizar as atenções de dirigentes e associados. Os novos dirigentes da Fecotrigo serão indicados por colegiado formado por delegados das 76 cooperativas filiadas à Federação no Estado. Jarbas Pires Machado, eleito em 1980, chegou a ter seu nome cogitado para concorrer à Assembleia Nacional Constituinte, mas preferiu disputar a reeleição. Darcílio Giacomazzi preside uma cooperativa que não enfrenta problemas com endividamento, e este tem sido o aspecto mais destacado pelos que apoiam seu nome. Daqui a pouco estarão definidos os outros integrantes das duas chapas, e as campanhas serão intensificadas. Além deste, outro assunto — também relacionado com sucessão — movimentará o setor, pois Jarbas Pires Machado antecipa que não pretende continuar na presidência da Central sul. Jarbas herdou da direção anterior uma central envolvida em dívidas e controvérsias. No dia 15 de janeiro a imprensa chegou a noticiar que o governo federal não teria condições de socorrer a Central sul. Sem ajuda financeira, a Central deixaria seus ativos à disposição dos credores, e se transformaria numa empresa prestadora de serviços.

Exposição de ovinos

O Sindicato Rural de Dom Pedrito promove de 26 a 28 de fevereiro a sétima edição da Exposição de Ovinos, para comercialização de carneiros reprodutores. A Expofeira de verão foi de certa forma desvinculada da exposição de primavera, onde apenas uma representação de ovinos comparece. Com a realização da mostra de verão, os animais nela comercializados serão logo colocados no serviço de reprodução. Hoje, também esse procedimento, relacionado com o encameiramento, vai sendo alterado no município, já que até anos atrás o encasamento acontecia durante os meses de janeiro e fevereiro. Os criadores estão transferindo o serviço para abril e maio, para que o nascimento dos cordeiros escape da época de chuvaradas, do frio e das geadas que normalmente ocorrem em junho e julho. Com este tipo de manejo, Dom Pedrito está conseguindo recuperar seu rebanho ovino, tendo sido registrado um aumento em torno de 10 por cento a nível de rebanho geral. Esse dado é importante, pois se sabe que no Estado o rebanho vem sendo reduzido, não só porque a criação perde espaços para a lavoura, mas também em decorrência da mortalidade de cordeiros nascidos no rigor do inverno. A 7ª Expofeira de Verão deverá atrair criadores de vários municípios, pois contará com reprodutores premiados em mostras nacionais e internacionais. A Cotrijuí apoia a exposição e estará no parque municipal prestando informações aos seus associados.

Dezembro/85 — Janeiro/86

CONSTITUINTE:
MAIS PARTICIPAÇÃO,
MENOS FOME



1º CONGRESSO NACIONAL DA MULHER TRABALHADORA

SÃO PAULO-86
DELEGAÇÃO DE IJUÍ/RS

Mulheres de novo

Em muitas regiões do país os homens terão que assumir tarefas das mulheres, durante pelo menos alguns dias, realizando a ordenha e, em alguns casos, até cozinhando. Acontece que 17 a 19 de janeiro será realizado em São Paulo o 1º Congresso Nacional da Mulher Trabalhadora. E é claro que centenas de moradoras do meio rural não perderão mais esta oportunidade de fazer avançar uma luta que vem crescendo no país. O

encontro é aberto a mulheres da cidade e do campo e se realiza por iniciativa da Conclat — Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora. Ijuí e municípios vizinhos formaram uma delegação de 13 pessoas, integrada também por trabalhadoras rurais e coordenada pela União das Mulheres de Ijuí. O Congresso vai debater a participação da mulher na sociedade e assuntos específicos, relacionados com a condição de vida, a aposentadoria, a necessidade de ampliação da rede de creches no país. Na volta, o pessoal irá rediscutir todos esses temas em suas comunidades. A comitiva da região vai disposta a entrar firme nas discussões, e pretende marcar presença também com o visual: o desenho que aparece acima é a estampa das camisetas que as mulheres utilizarão em São Paulo.

Venenos: lei sai em março

Os Estados que já contam com legislação para controle do uso e comercialização de agrotóxicos conseguiram mais uma vitória. O anteprojeto da nova lei federal que trata dessa questão reafirma esse poder dos Estados, tão questionado pelas indústrias de venenos. O anteprojeto ficou pronto no início do ano, e entregou ao ministro Pedro Simon no dia 6 de janeiro. A matéria será agora encaminhada ao Congresso, para ser votada provavelmente em março. As indústrias já estão protestando contra o anteprojeto, com o argumento de que tiveram apenas um representante na comissão formada por 31 pessoas de várias entidades, que elaborou o texto. A principal preocupação dos fabricantes de agrotóxicos é com a autonomia dos Estados, que poderão ter leis próprias. Para eles, o bom seria que a lei federal centralizasse todas as decisões em Brasília. A preocupação pode ser explicada, pois crescem nos Estados os movimentos em defesa do meio ambiente, e se multiplicam as decisões corajosas dos órgãos oficiais no enfrentamento ao poder de fortes grupos. Outro artigo do anteprojeto, que provocou dor de cabeça nos industriais, se refere à divulgação obrigatória das fórmulas dos produtos. Segundo eles, isso vai facilitar a espionagem industrial. Para os fabricantes, os interesses da população que se danem, pois o que importa nesse caso é evitar a espionagem. O anteprojeto será encaminhado ao Congresso pela presidência da República e poderá sofrer emendas antes de ser votado.



Trigo irrigado no MS

O trigo irrigado será o tema da reunião de pesquisadores brasileiros em Dourados, Mato Grosso do Sul, entre os dias 25 de fevereiro e 1º de março. O encontro é promovido pela Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE de Dourados/Embrapa) e conta com o apoio da Cotrijuí, entre outras entidades. A reunião de pesquisa de trigo irrigado tem por objetivo promover um diagnóstico completo da situação atual da pesquisa de trigo irrigado no Brasil; caracterizar e discutir os principais problemas comuns e específicos enfocando tanto os parâmetros exclusivos à prática da irrigação em si, como também os demais fatores de produção; discutir metodologia de experimentação com objetivo de promover um aumento e uniformização do nível científico desta, através do intercâmbio de experiências; estruturação de um mecanismo que propicie trocas periódicas de informações entre pesquisadores, e levantar subsídios para traçar linhas de pesquisa de trigo irrigado

Gritaria? Só quando convém

O contabilista Léo Miron foi o primeiro diretor comercial da Cotrijuí, e trabalhou na Cooperativa até 1978. Hoje, aposentado, ele continua acompanhando de perto o que acontece nessa área, e meio que se surpreende quando falam da crise que atinge o cooperativismo de produção. É ele quem diz: "Quando um banco quebra, ninguém fala em desestruturação do setor financeiro, mas quando isso acontece com uma cooperativa parece que se tenta criar uma reação em cadeia". Por trás disso tudo há, para Léo Miron, interesses muito claros. Outra observação feita por ele: "Quando alguns se sentem prejudicados pela ação de uma cooperativa, a gritaria é grande. Mas quando estes mesmos entregam produto a atravessadores, e os comerciantes acabam quebrando sem pagar o que devem, todo o mundo fica quietinho". O contabilista entende que as cooperativas devem realmente passar por uma reciclagem, mas acha perigosa essa história de que precisam voltar a ser pequenas. Na página 21 desta edição ele comenta mais uma vez aspectos do Movimento dos Tricultores, na década de 50, que levou à formação das cooperativas de trigo. Os comentários são feitos a respeito de um novo livro, da professora Elza Falkembach, da Unijuí, que aborda o assunto.

a nível nacional. O uso da irrigação tem proporcionado altas produtividades, justamente por reduzir o risco de uma frustração proveniente de uma adversidade climática, principalmente a seca. Observa-se, porém, que muitas vezes o trigo irrigado frustra o produtor por não apresentar rendimento mínimo compatível com o uso desta sofisticada e cara tecnologia. Os principais fatores limitantes são: o manejo inadequado da água e má utilização dos equipamentos de irrigação; desconsideração com outros fatores de produção, tais como, preparo do solo, adubação, tratamentos fitossanitários e práticas culturais e inadequação da estrutura física e educacional do irrigante.

A reunião terá caráter estritamente científico e vai focar de maneira global a problemática do trigo irrigado a partir da situação específica de cada representante, devendo contar com a participação de técnicos especializados de várias instituições.

Contando as sobras

Na Região Pioneira da Cotrijuí a seca já comprometeu um terço da safra de grãos deste ano

As conseqüências da seca para os agricultores e para todo o país somente serão bem medidas depois de se pesar o que irá sobrar dessa safra. Mas já há indicadores do tamanho deste desastre que atinge os Estados do Sul e o centro do país. A Região Pioneira da Cotrijuí é bem uma amostra do quadro desolador que, como nunca nos últimos anos, deixou tanta gente assustada. Com as lavouras de milho e feijão praticamente arrasadas, a esperança agora é com a colheita da soja, depois das chuvas que voltaram a ocorrer a partir do dia 17 de janeiro.

Os produtores ganharam um pouco de ânimo, para apostar em menores perdas após as chuvas do dia 12 de janeiro, mas já fazem as contas dos prejuízos irreversíveis. Uma idéia dessa situação pode ser dada por números levantados pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí na Região Pioneira. Estimativa feita antes do forte da seca indicava que a Pioneira poderia colher em torno de 607 mil toneladas de grãos (soja, milho, feijão, arroz e sorgo). Essa estimativa, que já considerava quebras pela falta de chuvas, foi totalmente revisada.

No dia 14 de janeiro, quando fechou uma nova previsão na Região, o tecnólogo Ênio Facco, que coordenou o trabalho, chegou a números preocupantes. A seca reduziu a produção esperada para 407 mil toneladas, apesar do replantio de mais de 27 mil hectares de lavoura. Isso quer dizer que, em relação à estimativa inicial, a safra foi reduzida em 33 por cento. Com isso, a Região irá colher cerca de 200 mil toneladas a menos de produtos.

O milho fica com a segunda maior quebra, atrás do feijão, com 82 por cento. A produção de milho, inicialmente prevista em 152 mil toneladas (veja tabela abaixo) ficou, conforme a última estimativa, de 14 de janeiro, em torno de 57 mil toneladas. Depois da chuva do dia 12 de janeiro, os produtores correram aos bancos, atrás de financiamentos, e à Cooperativa, em busca de sementes, e conseguiram replantar 13.450 hectares de milho.

A soja estava, também até 14 de janeiro, com quebra prevista em 27 por cento, e a produção esperada ficou em 343.790 toneladas. Após a chuva do dia 12, os produtores conseguiram replantar

12.800 hectares de soja na Região Pioneira, que pode ficar com uma área total de mais ou menos 296 mil hectares. A produtividade da soja, que estava prevista em 1.645 quilos por hectare, quando a seca ainda era mais branda, ficou reduzida a 1.262 quilos por hectare, de acordo com as mesmas previsões.

COOPERATIVAS

Também terão quebras significativas o arroz (24 por cento) e o sorgo (36 por cento). A lavoura de feijão, da primeira safra, a mais atingida pela falta de chuvas, teve frustração de 90 por cento, e praticamente não terá safra nenhuma, com uma produção de apenas 133 toneladas. Ao mesmo tempo, cai a produção

leiteira e fica comprometida igualmente a área de hortigranjeiros. Num resumo disso tudo, vai faltar comida (veja na página seguinte), e os preços dos alimentos irão disparar.

Os reflexos dessa situação, desde a lavoura até o bolso do consumidor, obrigam, ao mesmo tempo, as cooperativas de produção a se adaptar à realidade. A direção da Cotrijuí reuniu-se durante três dias, em Ijuí, para tratar dessa adaptação, ajustando os mais diversos setores ao novo quadro criado pela seca. Isso aconteceu também nas demais regionais, do Mato Grosso do Sul e Dom Pedrito. Cumpru-se assim uma determinação do presidente da Cooperativa, Oswaldo Meotti, sintetizada nessa frase: "Não podemos deixar nenhuma torneira pingando".

DESEMPREGO

Mas não só o setor primário aperta torneiras e tenta reduzir custos. Dezenas de municípios gaúchos enfrentam estado

de calamidade pública. Há racionamento de energia e consumo de água, redução da produção em muitas áreas da indústria e inclusive a ameaça de desemprego. O Rio Grande do Sul já teria perdido com a seca mais de 12 trilhões de cruzeiros. A safra de grãos do Estado, prevista em 13 milhões de toneladas, pode ficar reduzida a apenas 6 milhões.

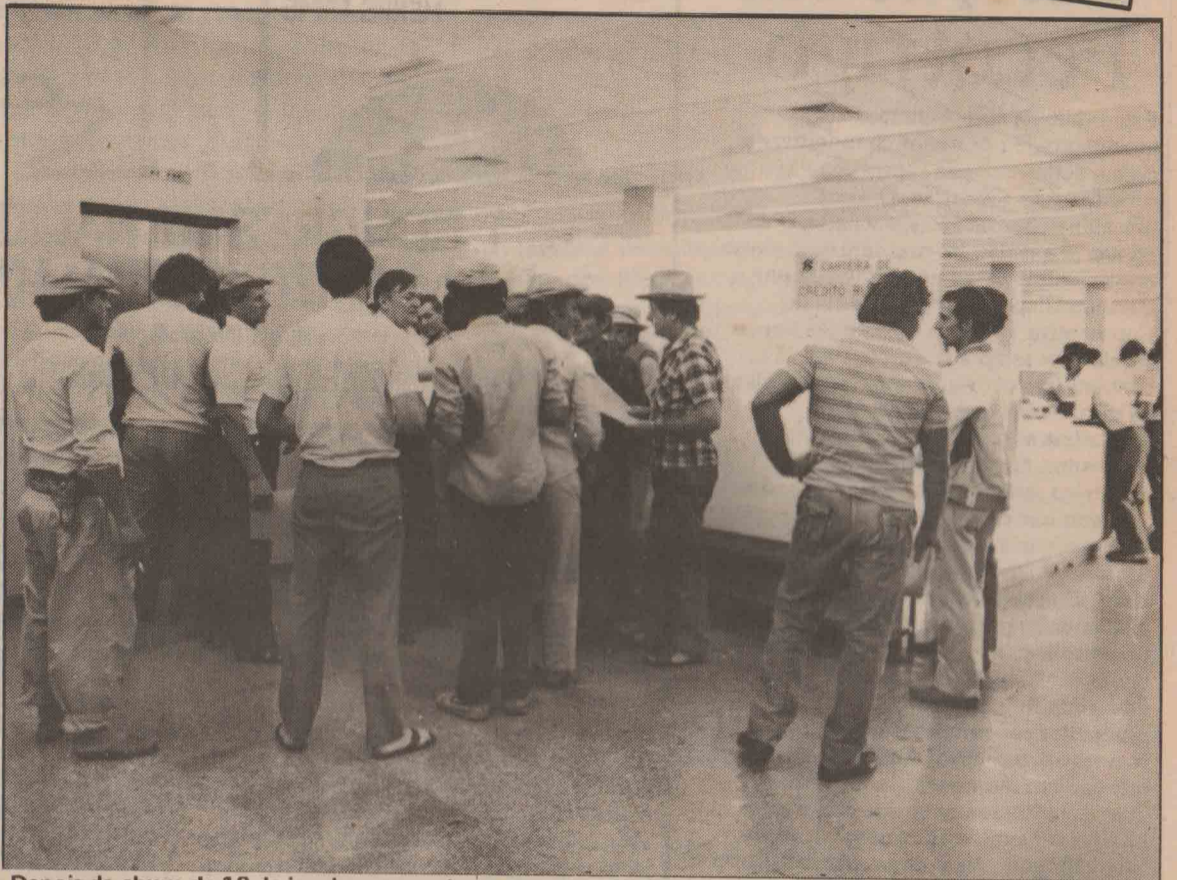
Estimativas divulgadas pela Fecotriço, no dia 16 de janeiro, indicavam que as quebras no Estado estavam em 58 por cento na safra de milho, 40 por cento na de soja, e entre 70 e 80 por cento na de feijão. No mesmo dia, cooperativas de trigo e soja e outras entidades ligadas ao setor primário estiveram reunidas em Porto Alegre, quando decidiram pedir moratória às dívidas dos agricultores. Para os dirigentes do setor, as medidas adotadas pelo governo como socorro à agropecuária (veja no quadro desta página) são muito tímidas diante dos prejuízos registra-

dos.

INFLAÇÃO

Os mesmos problemas enfrentados pelos gaúchos se repetem nos demais Estados do Sul e Centro do país. Mas pelo menos uma área do setor primário tira proveitos da seca. Os produtores de café do Paraná, São Paulo e Minas estão recebendo este ano uma remuneração que há muito não viam para o produto. O café conseguiu, e irá manter por alguns anos, excelentes cotações, tanto no mercado interno como a nível internacional.

O governo, que irá gastar muito para importar alimentos e formar estoques reguladores, já vê ameaçada sua meta de encolher a inflação a 160 por cento no próximo ano. As previsões indicam que o peso dos produtos agrícolas, no cálculo da inflação, poderá contribuir para que — com a escassez provocada pela seca — o custo de vida atinja índices elevados no próximo ano.



Depois da chuva de 12 de janeiro, os produtores correram aos bancos atrás de dinheiro para replantio

REGIÃO PIONEIRA DA COTRIJUI ESTIMATIVA ANTES DA CHUVA

Culturas	Área (ha)	Quilos por ha	Produção (toneladas)	Quebra até 14.01
Soja	272.320	1.645	448.361	27%
Milho	61.798	2.460	152.025	82%
Arroz	1.548	2.290	3.560	24%
Feijão	2.180	615	1.332	90%
Sorgo	1.132	2.260	2.554	36%

Estimativa feita antes da chuva de 12 de janeiro. A previsão de quebra foi atualizada dia 14 de janeiro

REPLANTIO APÓS AS CHUVAS

Culturas	Área (ha)	Quilos por ha	Produção (toneladas)	Quebra até 14.01
Soja	12.800	1.288	16.486	—
Milho	13.450	2.266	30.478	—
Feijão	680	645	439	—
Sorgo	270	2.260	610	—

Estimativa feita após as chuvas que permitiram o replantio

TOTAL ATÉ 14 DE JANEIRO

Culturas	Área (ha)	Diferença área (%)	Quilos por ha	Produção (toneladas)
Soja	296.000	-0,73	1.262	343.790
Milho	63.710	+16,6	936	57.843
Arroz	1.580	+14,4	1.960	3.096
Feijão	2.860	+11,3	200	571
Sorgo	1.400	+89,4	1.627	2.278

Estimativa geral após a chuva de 12 de janeiro. A diferença de área é em relação à safra anterior

Saída é a moratória

Em novembro e dezembro o governo já havia adotado medidas de socorro aos produtores, relacionadas com crédito para replantio, Proagro e prorrogação de dívidas, além de empréstimo de emergência para os pequenos agricultores. Durante a primeira quinzena de janeiro outras decisões foram tomadas, entre as quais uma que se refere aos débitos junto aos bancos particulares, que irão suspender as execuções judiciais. As medidas adotadas até 16 de janeiro podem ser assim resumidas:

- Os agricultores com dívidas em bancos particulares vinham sofrendo cobrança na Justiça. O governo entrou em acordo com esses bancos, e os prazos para pagamento das contas serão renegociadas. Os bancos irão examinar caso por caso, mantendo os mesmos juros dos contratos.
- Os empréstimos de emergência,

de até 3 milhões e 600 mil cruzeiros por família, podem ser concedidos pelos bancos até 15 de março. Antes, o prazo ia até 15 de janeiro. Os empréstimos são concedidos com juros do crédito rural, para pagamento em até 18 meses.

- Os financiamentos de custeio, para plantio ou replantio, terão prazo para pagamento prorrogado por até dois anos. A prorrogação será sobre a parte não coberta pelo Proagro. Os financiamentos para investimentos, por sua vez, podem ser pagos até um ano depois do vencimento do contrato.

- O preço mínimo da soja, que seria corrigido até maio, terá correção até julho. Antes, em dezembro, já haviam sido ampliadas até julho as correções dos preços mínimos do milho, do arroz, do sorgo e do feijão.

- As lavouras custeadas com financiamentos de até 100 MVR (28 milhões de cruzeiros, em valores de janeiro) ficam dispensados de perícia quando da solicitação de Proagro. O produtor comunica as perdas aos bancos e pode replantar sem esperar a visita dos peritos.

- O prazo para replantio também foi ampliado. Antes, vencia no dia 15 de janeiro. Agora, o produtor pode solicitar

crédito para replantar até o dia 31 de janeiro.

MORATÓRIA

Entidades ligadas ao setor primário, liberadas pela Fecotriço, elaboraram no dia 16 de janeiro um plano de socorro à agropecuária do Estado. As medidas de emergência incluem um pedido de moratória às dívidas dos agricultores, que já vinha sendo defendido desde dezembro. Abaixo, um resumo dos pedidos que os produtores farão ao governo:

- Moratória para as dívidas dos agricultores, com recomposição de todos os débitos não cobertos pelo Proagro. Essas contas seriam pagas em cinco anos, com juro fixo de 35 por cento ao ano.

- Retenção de parte da produção pelo agricultor, para manutenção de suas famílias. O produtor ficaria com 10 sacas de soja por hectare, 10 de milho, 5 de feijão e 30 de arroz. O pagamento será feito em cinco anos, com valor equivalente ao do preço mínimo na época.

- As cooperativas vão insistir junto ao governo para que sejam liberados os recursos, solicitados desde o ano passado, para saneamento financeiro do setor. Com a seca, a situação das cooperativas ficou ainda mais grave.

Um desastre para todos

"A sociedade terá que dividir os custos deste desastre agrícola". A frase é do economista Fernando Homem de Mello, da Universidade de São Paulo, e pode ser entendida como um resumo muito claro das conseqüências da seca para todos os brasileiros. Homem de Mello é um dos mais respeitados estudiosos da agricultura do país, e vem acompanhando de perto os possíveis impactos da seca no bolso do consumidor. Para ele, uma coisa é quase certa: o ganho que a população teve de aumento real de salário, em 1985, deverá ser consumido pelo aumento dos preços dos alimentos em 1986.

Isso quer dizer que a parte da renda que a população destinava à alimentação, durante 1985, não terá sobras em 1986, mesmo que muitas categorias de trabalhadores tenham recebido reajustes salariais acima da inflação. Homem de Mello acredita que os preços da comida crescerão até 15 por cento acima da inflação no primeiro semestre de 86. Nos últimos seis meses, os ganhos dos salários sobre a inflação ficaram, dependendo da categoria profissional, entre 10 e 15 por cento, em função dos reajustes concedidos além do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor).

CONSUMO

O interessante nisso tudo é que a população brasileira vinha comendo mais nos últimos meses. Com as muitas greves realizadas (forma mais de 500 greves em 1985), diversas categorias receberam reajustes salariais com percentuais que nunca haviam sido registrados antes, em comparação com a inflação. Isso repercutiu dire-

ta e indiretamente num maior consumo de arroz, feijão, milho, farinha de trigo, açúcar. A Associação Brasileira dos Supermercados, por exemplo, prevê que as vendas de arroz e feijão cresceram entre 8 a 10 por cento em 1985.

Com salários menos ruins, famílias de baixa renda voltaram a consumir mais num país que, entre 1977 e 1984, viu a produção per capita de alimentos cair 15 por cento. Diminuiu-se a produção de arroz, feijão, milho, mandioca, em favor especialmente do aumento das áreas com soja para exportação e com cana de açúcar para os carros a álcool. E mesmo com menor produção não "faltou" comida no Brasil, porque o povo não tinha mesmo como comprar mais.

PREÇOS

Os economistas entendem que o poder de compra dessa população mais pobre, que começa a se recuperar, deverá continuar crescendo, em função da luta dos trabalhadores por melhores salários. Mas, ao mesmo tempo, não haverá — como se previa — uma boa oferta de alimentos. O trabalhador, mais uma vez, poderá ganhar de um lado e perder do outro. Um dado, referente à inflação de 1985, mostra muito bem o que espera a grande maioria dos brasileiros em 1986. Segundo a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, os preços dos produtos agrícolas cresceram 280 por cento em 85.

Os produtos industriais, por sua vez, tiveram aumento de preço médio de 220 por cento. Os produtos agrícolas foram assim os maiores responsáveis pela inflação de 233,65 por cento, que fechou



Preços dos alimentos vão disparar em 1986

o ano. O produtor, é claro, não se beneficiou desse aumento nas coisas que produz, e certamente não se beneficiará em 86, quando os preços crescerão mais ainda. O pior disso tudo é que os produtos agrícolas terão peso ainda maior no custo de vida, em 86, mas isso não irá repercutir no momento do cálculo dos reajustes salariais do trabalhador. E por que isso acontecerá?

Acontece que o INPC, que era base para aumento dos salários, foi trocado no fim do ano pelo tal IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Ampliado). No IPCA, o peso dos preços dos alimentos cai para 33 por cento, contra os 47 por cento do peso que tinha no INPC. Em resumo, os preços dos alimentos irão crescer ainda mais, mas terão peso menor na soma total dos itens que determinam a inflação (aluguel, gás, vestuário, transporte, etc). Quem descobriu isso foi a economista Lúcia Salgado, do Rio de Janeiro.

SALÁRIOS

O que interessa, nessa história da redução forçada do peso dos alimentos no tal IPCA, é que a comida estará mais cara e pesará mais no custo de vida. Mas isso não irá se refletir no índice que reajusta os salários, que é o mesmo IPCA. Para a economista, esta mudança nos critérios para cálculos do custo de vida, pelo governo, é uma mão na roda dos especuladores. Já se prevê, afinal, que o comércio de alimentos no Brasil em 1986, em função da seca, deverá abarrotar os cofres dos atravessadores. E isso sem falar nas demais conseqüências da seca, como queda do nível de emprego nas cidades, menos impostos e menos dinheiro em circulação.

Por causa de tudo isso, deverá aumentar no país o número de associações comunitárias para compra de alimentos. Essa é uma nova moda em São Paulo, Rio, Minas e Paraná. São grupos de pessoas, na maioria das vezes de uma mesma empresa ou vizinhos de um bairro, que se reúnem numa espécie de cooperativa. Esse grupo faz ranchos em conjunto, para obter melhores preços e reduzir custos, dividindo até mesmo os gastos com transporte. Eles pechinham, fazem pesquisa de preços e acertam inclusive as melhores datas para realizar os ranchos e ganhar mais. Bem perto, aqui na Região, operários e trabalhadores rurais aderiram a esta saída, formando uma cooperativa de consumo em Ajuricaba (veja na página 2 desta edição).

O milagre do café

Os produtores de soja irão perder com a seca e certamente perderão mais adiante, na hora de vender o que sobrou da safra. Não será isso o que vai acontecer com os plantadores de café do país, pelo menos no momento de apurar os lucros da safra. Os cafeicultores também enfrentam uma grande quebra na safra, mas terão preços que não viam há muito tempo. O produto está com excelente cotação no mercado interno e a nível internacional, o que faz com que muita gente se arrependa hoje de ter derrubado cafezais, anos atrás, para substituir a planta por lavouras de soja no Paraná e em São Paulo.

De setembro até fins de dezembro, o preço do café no Brasil, a nível de atacado, subiu 500 por cento, e no varejo 380 por cento. No início do ano, em menos de uma semana, a cotação internacional do produto triplicou, e o governo passou a dar prioridade às exportações, ao mesmo tempo em que adotou medidas de controle de preços no mercado interno. A safra este ano será bem menor que a de 84, mas mesmo assim o país deverá faturar mais com as vendas para o exterior.

DÓLARES

Alguns números dão idéia do novo boom do café. O Estado de São Paulo, por exemplo, deverá colher este ano entre 2 a 3 milhões de sacas, contra as 8,4 milhões do ano passado. Cai a produção também no Paraná, Minas e em outros Estados. Mas mesmo assim o país deverá faturar com as exportações algo ao redor de



Cotações são boas dentro e fora do país

4 bilhões de dólares, contra os 2,6 bilhões de 1985. Os excelentes preços irão compensar a frustração da safra. As atuais cotações só aconteceram, pela última vez, em 1975.

Essa boa situação se reflete também na valorização das terras destinadas ao café. No interior de São Paulo, um alqueire de terra, que era vendido por 50 milhões de cruzeiros no começo de 1985, custa hoje entre 200 e 300 milhões. Uma muda da planta, que valia 500 cruzeiros há dois meses, não sai por menos de 3 mil. Os bóias-frias são igualmente beneficiados. Eles ganhavam, até o fim do ano, em torno de 30 mil cruzeiros por dia, e estão recebendo hoje mais de 80 mil.

O quadro favorável aos produtores foi criado por uma conjugação de fatores: a seca, os reduzidos estoques do governo e também a baixa oferta a nível internacional. Algumas previsões indicam que os cafeicultores serão beneficiados com boas cotações durante os próximos três anos. O consumidor, por sua vez, já estava pagando 120 mil cruzeiros pelo quilo do café, no dia 15 de janeiro.

Compras podem chegar a 6 milhões de toneladas

O Brasil terá que importar de 4 a 6 milhões de toneladas de alimentos este ano, para garantir o abastecimento interno. A safra, inicialmente prevista em 46 milhões de toneladas de grãos, pode ficar reduzida a 38 milhões. A colheita do milho, numa estimativa otimista, deverá ser inferior a 17 milhões de toneladas, contra as 21 milhões do ano passado. A soja, que em 85 ficou com 17 milhões de toneladas e este ano poderia ter uma safra de 16 milhões, talvez não renda 12 milhões de toneladas.

No Rio Grande do Sul, a estimativa — antes do plantio — era de uma safra de 13 milhões de toneladas de grãos (soja, arroz, milho e outros). A produção gaúcha já está reduzida a menos da metade desta previsão, conforme a Fecotriço. Para garantir o abastecimento do país, o governo irá gastar algo ao redor de 2,5 bilhões de dólares. Nunca o Brasil gastou tanto com alimentos nos últimos anos. E isso acontecerá exatamente num momento em que muito se esperava das safras dos produtos destinados ao mercado interno, como o milho, o feijão e o arroz.

São muitas as estimativas feitas sobre o volume a ser importado, pois as previsões dependem, é claro, da evolução do quadro criado pela seca. Até o dia 16 de janeiro, essas estimativas indicavam as seguintes necessidades, conforme uma comissão interministerial que tratou do assunto:

Milho: O governo pretende manter um estoque regulador permanente de no mínimo 500 mil toneladas. Para isso terá

que importar cerca de 3 milhões e 500 mil toneladas.

Arroz: As importações podem ficar ao redor de 1 milhão e 800 mil toneladas. O governo quer manter, em 1985, um estoque regulador de 800 mil toneladas do produto.

Feijão: Serão importados, conforme as previsões, 50 mil toneladas também para estoque regulador. Este ano, o governo terá que garantir o abastecimento de moradores da cidade e do campo.

Carne: Poderão ser adquiridas até 100 mil toneladas de carne. Mas os números, a respeito deste produto, ainda são imprecisos.

Leite: Poderão ser importadas 45 mil toneladas de leite em pó e outras 5 mil toneladas de manteiga. 20 mil toneladas de leite serão destinadas aos programas sociais do governo.



Situação dramática

STR de Miraguai e Prefeitura Municipal fazem levantamento para descobrir a situação dos agricultores

A seca que atingiu o Estado a partir de outubro, frustrando as lavouras de milho, feijão e arroz e impedindo o plantio de grande parte das lavouras de soja, está servindo para agravar ainda mais a situação dos agricultores. Eles viam nessa safra a oportunidade de fazer uma boa colheita e pagar, senão todas, pelo menos parte das dívidas que vêm sendo prorrogadas e se acumulando junto aos bancos. Mas uma coisa já é certa: vai faltar alimento e logo nesse ano que estava previsto um aumento na área dos produtos voltados para o mercado interno.

Sem alimento e sem uma boa safra de soja, como fazer para pagar as dívidas nos bancos? Essa é uma pergunta que tem andado de boca em boca na colônia e que só em Miraguai, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, foi responsável pela morte de quatro agricultores no ano passado. Recorrer à prorrogação é uma medida, mas ela só faz crescer ainda mais a dívida.

A seca, a frustração das lavouras de verão e o endividamento dos agricultores foram os assuntos principais levantados durante a assembléia geral ordinária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguai, realizada no dia 28 de dezembro. Aliás, esses assuntos já haviam sido levantados, alguns dias antes, numa reunião em que participaram, além do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Prefeitura Municipal de Miraguai, a Cotrijuf e agricultores. Foi nessa reunião que ficou decidido levar adiante uma idéia que partiu dos próprios agricultores: fazer um levantamento minucioso da situação de cada agricultor, contando, inclusive, o número de pessoas que trabalha na terra, a extensão da terra, a situação da lavoura e o montante das dívidas junto aos bancos e financeiras.

MUITAS DÍVIDAS VENCIDAS

O levantamento ainda não está concluído, mas já se sabe, segundo Ademir de Moura Rosa, secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais que entre os poucos mais de 2.000 agricultores do município de Miraguai, em torno de 1.000 encontram-se "em situação desesperadora".

"A maioria das dívidas dos agricultores são com financeiras e já estão quase todas vencidas. Com a frustração da safra anterior e sem dinheiro para pagar o custeio, eles recorreram as financeiras, achando que era a salvação", diz. Afora as suas dívidas, a situação ainda é agravada pelos avais assinados junto aos bancos. "Em Miraguai a situação é mesmo crítica. Tem agricultor vendendo as suas terras para pagar aval", conta Ademir.

Uma pequena amostragem, de apenas 44 agricultores de Miraguai dá uma idéia do que está acontecendo. A área de terra destes agricultores totaliza 746 hectares, sendo que 456 hectares são próprias e 289 hectares são terras arrendadas. O endividamento destes 44 agricultores junto ao Banco do Brasil, segundo o Valdomir Ottonelli, agrônomo e coordenador do Departamento Agrotécnico da Unidade de Tenente Portela, chega a Cr\$ 2.838.447.453. Destes, apenas cinco agricultores são proprietários de 205 hectares — foram considerados no caso propriedades com no mínimo 25 hectares e no máximo 64 hectares.

Esses números, que representam apenas uma amostragem de todo o trabalho servem para mostrar o grau de endividamento dos produtores, sendo que destes, muitos nem são proprietários, mas apenas arrendatários. "A tendência, complementa Ademir, é de que a situação fique ainda mais feia. O produtor não vai colher milho, nem feijão, nem batatinha, nem mandioca e a soja vai apresentar uma quebra de 70 por cento. Se o governo não



Seu Zeferino e a família: pouca terra e muitas dívidas

der uma solução, o produtor vai ter que simplesmente entregar as suas terras para os bancos".

O ENCAMINHAMENTO

Depois de concluído esse levantamento, uma comissão formada por 10 agricultores, mais o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Prefeitura Municipal pretende ir até Porto Alegre, gestor junto as autoridades competentes, uma solução imediata para essa situação. "O que vamos pedir, diz Adão Preto, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguai, é um prazo de cinco anos para o pagamento das dívidas, com um ano de carência, correção monetária de 50 por cento e mais juro de 3 por cento ao ano. "De juro aberto não queremos nem ouvir falar, porque o agricultor não tem condições de pagar".

Essa comissão vai pedir, também, que os créditos de emergência que o governo vem dando aos agricultores, sejam estendidos até aqueles que são avalistas e que estão com problemas junto aos bancos. "Nós acreditamos numa solução por parte do governo, diz Preto, pois se ele tem dinheiro para salvar os bancos da falência, deve também encontrar uma saída para esses agricultores endividados".

SITUAÇÃO SEM PRECEDENTE

"Estamos enterrados até o pescoço", diz a dona Lueci Fanesi da Silva, esposa do seu Zeferino e proprietários de 33,5 hectares de terra na localidade de Braço Forte, Miraguai. Além do casal e dos filhos menores, em número de quatro, também trabalha na mesma área de terra, um outro filho casado. "Nós temos 33,5 hectares para sustentar duas famílias", conta o seu Zeferino.

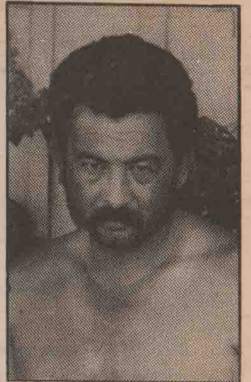
A situação da família Silva é bastante crítica. A dívida deles, junto a bancos e finan-

ceiras, já alcança os Cr\$ 237 milhões, isso sem contar um aval que a dona Lueci assinou no valor de Cr\$ 8 milhões e que já está vencido. "A gente nunca tinha passado por uma situação desta", lamenta o seu Zeferino. Quem nos conhece aqui na região sabe que já fomos agricultores de ter dinheiro a juro".

Segundo a dona Lueci a situação começou a ficar feia a partir da safra de 83 e piorou em 84, quando pegaram um financiamento de Cr\$ 10 milhões para comprar um trator. "Em pouco mais de um ano e meio, conta a dona Lueci, já devíamos Cr\$ 120 milhões, enquanto que o trator não vale mais de Cr\$ 40 milhões.

O seu Zeferino pegou crédito de emergência no valor de Cr\$ 2.400.000, com pagamento no prazo de um ano e meio para comprar semente e óleo e fazer o plantio do resto da lavoura. Mas desde já ele não sabe se, na época do vencimento da dívida, vai ter condições de pagar, pois a seca já levou o feijão e o milho. "Plantei 2,5 sacos de feijão, conta, e não consegui tirar nenhuma cozinhada. Comprar mais sementes nem pensar, pois andam pedindo Cr\$ 700 mil por um saco de feijão. O jeito é esperar pela lavoura de soja".

Quem mais tem pensado em vender a terra para pagar as contas é dona Sueli, mas nem isso está fácil, pois ninguém tem dinheiro para comprar. "O que realmente tem me tirado o sono são os nossos avalistas, afinal, eles não podem ficar prejudicados por uma situação que não tem nada a ver".



Ermógenes

A situação do seu Ermógenes Teixeira dos Santos, proprietário de 10 hectares e arrendatário de mais 15, também em Linha Braço Forte, não é lá muito diferente da do seu Zeferino. Ele deve Cr\$ 70 milhões, resultado do custeio da lavoura de 84. "Peguei Cr\$ 15 milhões, mas como a soja não rendeu nada, não tive condições de pagar o financiamento. Prorroguei a dívida e não sei como vou pagar, pois Cr\$ 12 milhões já estão vencendo". Para piorar a situação, o seu Ermógenes está sendo protestado por causa de um aval, e por esse motivo, não teve direito a pegar financiamento para fazer a última lavoura e muito menos direito a crédito de emergência.

Todo o problema do seu Ermógenes começou em 1983, quando ele ficou segurando a soja e no final vendeu por pouco mais de Cr\$ 18.000 o saco. "Se tivesse vendido em maio, teria pego Cr\$ 22.000. Hoje, para equilibrar a situação, ele, que é pai de cinco filhos, já vendeu uma junta de bois, uma vaca de leite, um boi, alguns porcos, o carro e só não vendeu ainda a terra e a trilhadeira porque não achou comprador. "A minha situação é danada e nem eu mesmo sei como tenho conseguido sobreviver. Já plantei milho, feijão, arroz, batatinha. O que nasceu, a seca se encarregou de matar. A minha lavoura de soja está pronta, adubada e inclusive com herbicida aplicada, mas de onde vou tirar dinheiro para comprar sementes e fazer o replantio?".

Se não conseguir vender a terra e nem a trilhadeira para terminar a lavoura, o seu Ermógenes é mais um dos tantos agricultores de Miraguai que está pensando em entregar a terra para o banco e trabalhar de empregado. "Não tenho medo de trabalhar de empregado. É melhor do que ficar devendo e não conseguir dormir sossegado".

Sem dívidas, mas sem terra

O seu Rodolfo Gomes da Silva, arrendatário de quatro hectares em Barra Grande, município de Três Passos, é mais um dos tantos pequenos agricultores, que apertados pelas dívidas e frente a uma eminente frustração de safra em consequência da seca, não teve outra saída senão vender a sua terra e pagar o banco. Ele era proprietário, até alguns meses atrás, de oito hectares de terra na localidade de Linha Jacques, município de Tenente Portela. Mas mesmo sem terra própria, seu Rodolfo, que é pai de sete filhos, todos menores, ainda persiste na sua idéia de que lugar de agricultor é na lavoura.

Os oito hectares do seu Rodolfo foram vendidos pelo preço de Cr\$ 20 milhões. Com o dinheiro pagou a dívida no banco, no valor de Cr\$ 15 milhões e mais Cr\$ 1.016.000 na Cooperativa. Com a sobra, ele pagou, adiantado, o arrendamento dos quatro hectares de terra dobrada em Barra Grande. Todo o arrendamento saiu por Cr\$ 3.300.000 e de agora em diante, a esperança do seu Rodolfo é de que a lavoura produza e lhe renda o suficiente para poder comprar um pedacinho de terra. A sua intenção é comprar essa mesma área, já que o dono, que também não andava muito bem com a lavoura, foi embora para o Mato Grosso, trabalhar com um irmão de mais terra:

— A situação do agricultor anda muito triste e ainda pior por essa seca que não ajuda a lavoura ir para frente. Eu não queria vender a minha terra, mas no final acabei botando fora,



O seu Rodolfo, sem saída, vendeu a terra

só para não sujar o nome do avalista. Agora tenho que trabalhar para quando chegar julho, época em que vence o contrato de arrendamento, tentar comprar uma terrinha.

As dívidas do seu Rodolfo eram todas da safra passada. A frustração da safra reduziu a sua colheita em pouco mais de 40 sacos em seis hectares de lavoura de soja. O dinheiro que conseguiu com a venda do produto não deu para cobrir o custo do financiamento da lavoura. "Mas

mesmo desanimado e sem terra própria, continuei criando meus porquinhos e galinhas para o gasto, mantendo uma junta de bois e as vacas de leite", diz o seu Rodolfo, que ao lado da esposa e dos filhos e tendo como maquinário apenas uma trilhadeira, garante que ainda não desistiu de um tudo de continuar trabalhando na agricultura. "Afora essa seca que tem nos tirado o sono, quem anda castigando por demais o produtor é esse juro alto que o governo vem cobrando pelo financiamento da lavoura".

Muitas famílias já foram morar na cidade

Quem chega pela primeira vez na localidade de Linha Jacques, às margens do rio Turvo, no município de Tenente Portela, não vê nada de novo, além de muita terra dobrada plantada a bico de máquina. Mas quem mora ali pela região garante que muita coisa tem mudado nestes últimos anos, quando muitas famílias de agricultores, desanimados pelas constantes frustrações de safras e dívidas se acumulando nos bancos, têm deixado a terra para ir morar na cidade, em busca de melhores condições de vida. "Já vi muita gente sair daqui para trabalhar de empregado na cidade, conta a dona Gládis Pereira Martins, moradora na Linha Jacques há cinco anos. Só para as cidades de Novo Hamburgo e Ivoti devem ter isso umas quatro famílias".

Muitas destas famílias que foram embora da Linha Jacques, segundo a dona Gládis, eram formadas de filhos de agricultores que não tiveram condições de comprar terra para trabalhar e junto com os pais não havia condições de morar, já que quase todos na região são proprietários de poucos hectares de terra, "que mal dá para o sustento de uma família". Outras famílias — ela calcula que em torno de 10 já devem ter ido embora — decidiram vender a terra porque a situação da agricultura está danada de ruim. Quando não são as frustrações que desanimam o produtor, são as dívidas nos bancos. "Tem outros que não arriscam ir para a cidade e ficam por aqui, trabalhando de empregado de quem tem mais terras".

A dona Gládis e o marido, o seu Alceno, são proprietários de um hectare de terra e arrendam mais dois onde plantam o milho e a soja. Além disso, são proprietários de um caminhão, que está à venda e de um pequeno armazém, onde o pessoal da comunidade se abastece de farinha, açúcar, café, feijão, arroz. "O armazém já foi bem sortido, mas agora estamos fechando", conta ela. A situação na colônia está muito ruim e não tínhamos movimento".

Afora a falta de movimento no armazém, o pessoal costumava comprar para pagar na época da safra. Como a situação começou a ficar ruim na lavoura, muita gente deixou de comprar no armazém e outros, ainda mais apertados, tiveram que prorrogar suas dívidas. "Se o pessoal, com todas estas frustrações que tem dado, não tem dinheiro nem para pagar os financiamentos da lavoura, como querer que ainda paguem os armazéns", indaga dona Gládis.

E nessa situação de pouca terra, de tantas frustrações e de uma seca que ninguém esperava, o pessoal começa a vender

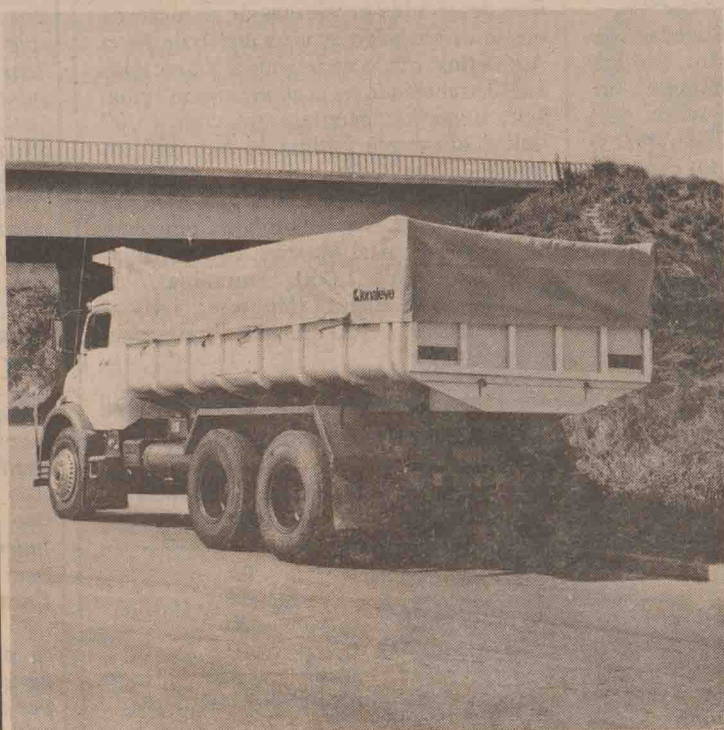
a criação, a carroça, a propriedade, para se defender. "Quem tinha uma junta de boi, já trocou por uma menor. Aquele que não tem safra mesmo, está vendendo a sua terrinha para um outro

agricultor daqui mesmo, de mais posse. Nós mesmos, estamos com vontade de vender o caminhão para comprar mais um pedacinho de terra e lidar só com a lavoura", conta.



A dona Gládis teve de fechar o armazém

Lonaleve



COBRE MAIS E CUSTA MENOS.

Lonaleve é a lona sintética que, como o próprio nome já diz, respeita quem tem que pegar no pesado: é leve, fácil de manusear e lidar. E além de leve é muito mais resistente que os chamados "filmes plásticos", dura mais tempo e em caso de furo ou rasgo pode ser reparada sem problemas.

Lonaleve cobre a sua safra, o adubo, protege o trator e a colheitadeira, é ideal para fazer silo-trincheira

e até para cobrir carga em caminhões basculantes. E depois de usada pode ser guardada sem problemas até molhada porque nunca mofa.

Lonaleve é a alternativa mais barata e prática para a agricultura. E com uma vantagem que não tem igual: Lonaleve dá toda a cobertura ao agricultor e a qualidade Alpargatas dá toda a cobertura a Lonaleve.



Os prejuízos no MS

Situação geral é considerada grave e de grande indecisão

O ano agrícola de 1985/86 tem se apresentado atípico quanto ao regime pluviométrico em Mato Grosso do Sul, acompanhado de altas temperaturas que ajudam a agravar ainda mais o quadro de perdas na produção agrícola, e também na pecuária. A falta de chuvas se prolonga por seis meses em todo o Estado, cujo solo tem, em geral, baixa capacidade de retenção de água. Apenas chuvas de manga, geralmente de pequena intensidade, têm ocorrido em algumas regiões, porém sem beneficiar a totalidade da área agrícola. Na Região Cotrijuí, mais ao sul do Estado, a situação é um pouco melhor que a média de perdas em Mato Grosso do Sul, mas nem por isso o quadro deixa de ser preocupante.

Os reflexos da estiagem prolongada já se fazem sentir na agricultura, com prejuízos calculados em Cr\$ 2,9 trilhões pelas quebras nas produções de soja, milho, arroz e algodão apenas, e também na pecuária, onde a perda é estimada em 100 mil animais adultos. A economia do Estado está seriamente abalada em função da falta de chuva, pois 70 por cento de sua arrecadação em ICM (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias) provém do setor primário.

IRREVERSÍVEL

Levantamento divulgado no dia 7 de janeiro pela Comissão Estadual de Planejamento Agrícola (CEPA/MS), com dados levantados em vários municípios do Estado pela Empresa de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul (Empaer), mostra um quadro já considerado irreversível por lideranças do setor primário (veja tabela abaixo). A soja, principal cultura em área, está com apenas 72 por cento da área prevista em 1.250.000 hectares formados, o que corresponde a 900 mil hectares. Destes, 441 mil são tidos como perdidos em função da seca, ou seja, 49 por cento da área plantada não apresenta mais condições de uma produção economicamente viável. O prejuízo é calculado em Cr\$ 1.765.050.903.000.

O caso mais grave fica porém por conta das lavouras de arroz, tanto de sequeiro quanto irrigado. A perda é estimada em 84 por cento. A cultura tinha uma estimativa de área de 310 mil hectares, dos quais 241.800 hectares (78 por cento) foram formados. Desse total, 203.112 hectares são considerados perdidos, o que equivale a um prejuízo de Cr\$ 585.311.052.000.

Depois do arroz vem o milho como a segunda cultura com maior quebra de produção. Ela já é estimada em 70 por cento, que correspondem a 128.072 hectares dos 182.700 que foram plantados dentro da estimativa total de 210 mil hectares (87 por cento). O valor econômico da perda é estimado em Cr\$ 410.074.557.000.

O levantamento da CEPA/MS também inclui as lavouras de algodão, cuja intenção de plantio era de 60 mil hectares, dos quais 48 mil foram formados (80 por cento). Desse total, 31.436 já são considerados perdidos, que correspondem a 65 por cento de quebra em relação a área plantada e a um prejuízo de Cr\$ 188.728.368.000.

REGIÃO COTRIJUI

A situação difere um pouco nos municípios da área de ação da cooperativa no Estado. As perdas nas principais culturas ainda são pouco inferiores a média do Estado, mas comprometem também as expectativas dos produtores. A cultura com maior quebra é a de feijão, que deveria ser plantada em 3.180 hecta-



Soja: problemas até em áreas replantadas

res e só o foi em 2.995 que correspondem a 94 por cento da intenção de plantio. A quebra de produção já é estimada em 99 por cento na média dos municípios, sendo total em vários deles (veja tabela).

A quebra apresentada pelas lavouras de arroz também preocupa. As variedades de sequeiro, que deveriam ser plantadas em 123.800 hectares não tiveram o plantio concluído, ficando em torno de 115.800 hectares (86 por cento da intenção de plantio). A quebra de produção já é estimada em 72 por cento, sendo mais acentuada nos municípios de Rio Brilhante (90 por cento) e Dourados e Jardim (ambos com 80 por cento). No caso do arroz irrigado, também existem perdas, pois já começou a faltar água para a irrigação.

Estas variedades são cultivadas apenas nos municípios de Dourados, Rio Brilhante, Maracaju e Itaporã (Montese), onde a falta de chuva se fez sentir com maior intensidade, causando assim quebra da produção na ordem de 31 por cento. O arroz irrigado foi a única cultura que teve confirmada a intenção de plantio, tendo sido formados 13.500 hectares na Região Cotrijuí.

O milho e o sorgo são culturas que apresentam quebras na produção semelhantes, estimadas em 63 por cento. O mi-

lho, que deveria ser plantado em 85.800 hectares só o foi em 81.200 (94 por cento da área), enquanto o sorgo tinha uma intenção de plantio de 2.600 hectares e só foram plantados 1.790 hectares (68 por cento).

A falta de chuva também prejudicou o plantio da soja. Até o dia 5 de janeiro haviam sido plantados 632.700 hectares, que correspondem a 83 por cento da intenção de plantio, de 764 mil hectares, na área de ação da cooperativa. A quebra de produção nesta cultura é estimada pelos técnicos em 33 por cento, podendo se elevar caso persistia a falta de chuvas em algumas regiões.

MUITAS PRAGAS

O tempo seco e quente favoreceu o rápido desenvolvimento de pragas na totalidade das culturas de verão, contribuindo para aumentar ainda mais os prejuízos dos produtores ao exigirem, em muitos casos, mais de um controle com produtos químicos (agrotóxicos). Alguns produtores estão fazendo o controle biológico da lagarta da soja, empregando para isso o Baculovirus anticarsia.

Ataques generalizados de pragas têm ocorrido em todos os municípios da área de ação da Cotrijuí, principalmente nas lavouras menos beneficiadas com as chuvas, onde praticamente não se encontram inimigos naturais destas pragas.

NÍVEL DE EMPREGO

A perspectiva de uma safra de verão frustrada pela seca já compromete a oferta de trabalho aos bóias-frias. Levantamento efetuado pela Secretaria de Agricultura e Pecuária na primeira quinzena de dezembro mostra que 10.450 trabalhadores já perderam seus empregos no setor rural.

Nos municípios de Três Lagoas e Guia Lopes da Laguna ainda não haviam sido detectados problemas de redução de oferta de emprego, mas na região de Nova Andradina, que compreende 9 municípios, 3.000 trabalhadores já estavam sem trabalhar, o mesmo acontecendo com 1.000 trabalhadores em Fátima do Sul, 200 em Jatei e 250 em Culturama.

Nos municípios da Região Cotrijuí a situação era esta na primeira quinzena de dezembro: Aral Moreira, 800 trabalhadores; Dourados, 1.000; Douradina, 700; Caarapó, 100; Itaporã (Montese), 1.400 e em Maracaju, 2.000 trabalhadores rurais sem emprego.

ESTIMATIVA DOS EFEITOS DA ESTIAGEM NO MATO GROSSO DO SUL

Cultura	Intenção de Plantio (ha)	Área Plantada (ha)	Área Perdida (ha)	Perda (% de Área plantada)
Algodão	60.000	48.000 (80)	31.436	65
Arroz	310.000	241.800 (78)	203.112	84
Milho	210.000	182.700 (87)	128.072	70
Soja	1.250.000	900.000 (72)	441.000	49

FONTE: Empresa de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul - EMPAER

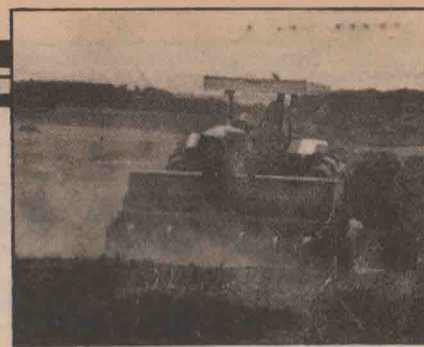
ELABORAÇÃO: Comissão Estadual de Planejamento Agrícola de Mato Grosso do Sul - CEPA/MS.

ESTIMATIVA DOS EFEITOS DA ESTIAGEM NA REGIÃO COTRIJUI-MS

Cultura	Intenção de Plantio (ha)	Área Plantada (ha)	Perda (% de área plantada)
Soja	764.000	632.700	33
Milho	85.800	81.200	63
Arroz Irrigado	13.500	13.500	31
Arroz de Sequeiro	133.800	115.800	72
Feijão	3.180	2.995	99
Sorgo	2.600	1.790	63

Fonte: Área Técnica das Unidades e Postos da Cotrijuí - MS

Obs: Os dados correspondem a semana de 30/12 a 05/01.



Produtores pedem um juro menor

A exemplo dos demais Estados atingidos pela seca, lideranças do setor primário de Mato Grosso do Sul encaminharam ao Governo Federal uma série de reivindicações para superar o difícil momento que atravessam. As principais preocupações, manifestadas em documento elaborado em reunião que contou com a presença de dirigentes da Famasul, Secretaria da Agricultura e Pecuária, Sindicatos Rurais, Cotrijuí e outras entidades representativas do setor, dizem respeito ao nível de cobertura do Proagro e aos encargos financeiros que terão de suportar em função da prorrogação de suas dívidas.

As medidas anunciadas pelo Governo Federal até o dia 9 de janeiro atendem apenas em parte o pedido dos produtores rurais de Mato Grosso do Sul, não abrangendo as consideradas essenciais.

Os pedidos dos produtores foram estes:

1) Liberação imediata da segunda e terceira parcelas de custeio, independente do Proagro;

2) Liberação integral do VBC, no caso de replantio, independente da classe de produtor;

3) Que os produtores que realizaram o plantio com recursos próprios tenham a possibilidade de ter seus prejuízos cobertos pelo Proagro, haja visto que não oneraram a União para realizar seus plantios, e hoje necessitam de apoio para continuar na atividade;

4) Ampliação da cobertura do Proagro a 100 por cento do VBC, independente da opção feita na época de formalização do contrato, devendo o adicional ser pago por ocasião da liberação da terceira parcela;

5) Em casos de plantio parcial da área, que a semente não utilizada seja considerada pelo valor de sua compra para efeito dos cálculos de Proagro;

6) Dispensar a comprovação dos gastos referentes a segunda parcela, quando a lavoura estiver plantada e sob análise do Proagro;

7) Nos casos de perda parcial, este ano, que seja imediatamente procedida a indenização do Proagro, liberando a área para que o produtor possa efetuar novos financiamentos sobre ela;

8) Que os encargos financeiros para os financiamentos relativos ao ano agrícola 85/86 sejam alterados para 35 por cento ao ano;

9) Que os encargos financeiros para os possíveis plantios e/ou replantios para este ano agrícola também sejam fixados em 35 por cento ao ano;

10) Prorrogação dos débitos para três anos, com encargos financeiros fixos em 35 por cento ao ano;

11) Correção do preço básico do algodão e da soja prorrogados até julho de 1986; e,

12) Linha de financiamento para custeio pecuário na modalidade de abertura de crédito, em caráter emergencial, estabelecendo-se um valor por número de abeças, com encargos financeiros fixados em 35 por cento ao ano.

Estado quer tratamento especial

Entidades representativas dos produtores, caso da Federação da Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul (Famasul), Sindicatos Rurais e a própria Secretaria de Agricultura e Pecuária, se mostram apreensivas com as perdas, que tendem a se agravar com a continuidade da estiagem. Estas entidades encaminharam ao Governo Federal uma série de reivindicações com o objetivo de melhorar a situação dos produtores e consideram apenas paliativas as medidas anunciadas pelo Governo até o dia 9 de janeiro, já que seus principais pedidos não haviam sido atendidos. Eles dizem respeito a ampliação da cobertura do Proagro a 100 por cento do Valor Básico de Custeio (VBC) e a prorrogação dos débitos dos produtores por três anos, com taxa de juros diferenciada, à base de 35 por cento ao ano.

O engenheiro agrônomo José Marques dos Santos, assessor do secretário da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso, tem acompanhado de perto a evolução dos prejuízos causados pela estiagem e afirma que as medidas adotadas pelo Governo Federal são insuficientes para resolver os problemas dos produtores. Segundo ele, mesmo que ocorra o replantio da área prejudicada, como quer o Governo, o prejuízo continuará existindo porque a produção não alcançará os níveis anteriores esperados.

EXCEÇÃO

Para José Marques, por se tratar de um ano de exceção é preciso que as decisões do Governo Federal também sejam de exceção. "As últimas medidas visam incentivar o plantio e o replantio, o que não deixa de estar certo, mas não se pode esquecer que houve problema para os produtores que plantaram na época certa e estes não receberam a devida atenção de parte do Governo", frisou.

Uma das medidas de exceção preconizada pelo assessor é a ampliação da cobertura do Proagro a 100 por cento do Valor Básico de Custeio, independente da ação feita pelo produtor à época de formalização do contrato. A medida atende as necessidades dos produtores, em especial do Mato Grosso do Sul, Estado que apresenta uma estrutura fundiária diferente da dos demais Estados atingidos pela seca.

A maior parte dos produtores que financiaram suas lavouras são enquadrados pela legislação do crédito rural como grandes produtores e por isso mesmo recebem apenas 60 por cento do Valor Básico de Custeio (VBC). Como a cobertura do Proagro é de 80 por cento do valor do financiamento, salvo opções particulares, estes produtores terão cobertos apenas 52 por cento do valor que investiram na formação de suas lavouras.

SITUAÇÃO IRREVERSÍVEL

"As conseqüências da estiagem são piores para os produtores de Mato Grosso do Sul que de outros Estados da Região Sul também atingidos pela seca". A afirmação é do vice-presidente da Federação da Agricultura do

Estado de Mato Grosso do Sul, Ramão Ney Magalhães, para quem os levantamentos técnicos mostram uma situação irreversível de perdas tanto na agricultura quanto na pecuária.

O vice-presidente da Famasul afirma que tudo o que o Governo Federal fez até agora é em seu próprio benefício e não dos produtores, que só terão prejuízo. A única saída para a atual crise é a prorrogação dos débitos por três anos, com juros na ordem de 35 por cento ao ano, medida necessária para manter grande número de produtores na atividade, conforme afirma.

A dilatação do prazo de plantio até o dia 30 de janeiro é vista pelo dirigente da Famasul como uma alternativa de grande risco, tanto para os técnicos da Embrapa que irão autorizá-la quanto para os produtores, que não sabem qual será o comportamento das plantas, e também do clima. Ney afirma que o Governo quer uma boa produção de grãos, a qualquer custo, mas tem se omitido em participar dos riscos a que estão sujeitos os produtores. A única alternativa viável para os produtores de Mato Grosso do Sul é o plantio do milho nos meses de janeiro e fevereiro, atrasando um pouco o plantio das culturas de inverno. Plantar qualquer outra cultura é aumentar a incerteza do produtor.

O vice-presidente da Famasul lembra que não é só a agricultura que vive momentos difíceis em função da estiagem. A pecuária, segundo levantamento dos sindicatos filiados, apresentava em dezembro uma perda de 100 mil cabeças de gado adulto. A maior perda está na região do "Bolsão", onde não chove há praticamente oito meses.

Outra conseqüência da estiagem em relação à pecuária é o atraso na cobertura dos animais, o que pode representar elevado prejuízo econômico nos próximos anos. Além disso, os pecuaristas estão vendendo os animais com duas ou três arrobas (30 a 45 quilos) a menos que o peso ideal. A falta de pastagens e a possibilidade da morte de mais animais os força a vender o rebanho, ainda que com grande prejuízo, ao primeiro comprador que aparecer.

QUEM VAI COLHER

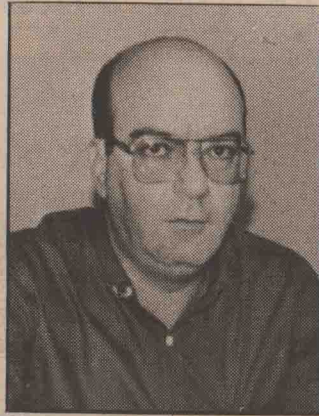
Como colher uma lavoura de soja cujas plantas são de pequeno porte? Esta é uma das dúvidas do associado da Cotrijuf Genésio Marcos Sponchiado. Ele planta em duas fazendas do município de Rio Brillante, um dos mais prejudicados pela estiagem na área de ação da cooperativa em Mato Grosso do Sul. Na Fazenda Jaraguás, de 190 hectares a maior parte da área foi destinada a soja. Apenas 10 hectares estão prontos para receber as sementes de arroz, cujo plantio não foi realizado pela falta de chuva.

Grande parte da soja está com apenas 20 centímetros de altura e já apresenta as primeiras flores, com o que se pode prever uma lavoura de baixo porte. Além da falta de chuva, Genésio Sponchiado enfrentou dois ata-

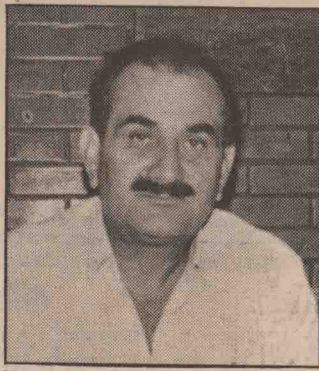
ques de lagartas em suas lavouras de soja. Duas aplicações de agrotóxicos foram realizadas, e ainda assim algumas lagartas podiam ser encontradas.

Apontando para parte da lavoura, o associado da Cotrijuf disse que na safra passada quase nem podia caminhar pela lavoura, tal era o porte da soja. As médias de produção nunca foram inferiores a 50 sacos por hectare na Fazenda Jaraguás, mas para esta safra a estimativa de produção cai para 20 sacos por hectare, isto se as chuvas forem regulares e ainda permitirem a recuperação da planta.

Na outra fazenda, com 330 hectares, o problema é um pouco diferente ao da Jaraguás. Nela, as sementes tiveram baixa germinação, também ocasionada pela falta de chuva. Esta área foi toda financiada, ao contrário da Jaraguás, mas por enquanto Genésio Sponchiado não pensa em recorrer ao Proagro, e muito menos aos financiamentos para o replantio por considerá-los uma medida inviável economicamente.



Marques: medidas de exceção



Ney: situação irreversível



Sponchiado: temor com a colheita

Curacron®

O pequeno GRANDE lagarticida



Pequeno na dose, grande na eficiência.

Apenas 1/4 de litro de CURACRON é suficiente para controlar a Lagarta da Soja (*Anticarsia gemmatilis*) em 1 hectare.

É aí, na dose usada, que o lado pequeno de CURACRON se mostra vantajoso para você, uma vez que seu custo se apresenta como um dos mais baixos por hectare.

Agora vem o lado grande de CURACRON: seu efeito de choque sobre a Lagarta da Soja, o qual tem sua eficiência completada pela ação de ingestão e profundidade que o produto também apresenta. Vale, por tudo isso, comprovar em sua própria lavoura este excelente desempenho que CURACRON apresenta.

CIBA-GEIGY

Marca Registrada

Uma estatística sombria

Em Dom Pedrito, a quebra na safra de arroz já passa de 30 por cento

O município de Dom Pedrito, que até 10 anos atrás era tradicional pecuarista, com cerca de 500 mil hectares de campos habitados por mais de meio milhão de cabeças de gado, de raças nobres, de origem européia, hoje é agropecuarista típico. O relatório da Cotrijuí relativo ao exercício financeiro de 1984 mostrava o seguinte panorama da situação geo-econômica-populacional do município, e relatava o desfrute das riquezas: população bovina, 430 mil cabeças, com um abate de 52 mil bois. Desse total, a Cotrijuí foi responsável pelo abate de mais de 20 mil cabeças.

A população ovina era de 378 mil e 524 cabeças, e o destaque foi para a lã, com a tosquia de 1 milhão e 230 mil quilos. O frigorífico da cooperativa abateu 2.307 ovinos, dando início a uma campanha de popularização do consumo dessa carne. Esse trabalho terá prosseguimento agora, com a oferta de cortes especiais para churrasco, como ocorre com a carne bovina, acondicionada nas caixas Tenrês, com absoluto sucesso.

A área cultivada com grãos ocupou naquele ano 90 mil hectares, despontando como principais produtos o arroz (25 mil hectares e produção de 2 milhões e 500 mil sacos); soja, 24 mil hectares (700 mil sacos de 60 quilos); sorgo, 3 mil hectares (75 mil sacos); milho, 483 mil quilos, e mais: trigo, aveia, linhaça, alho, cebola, sementes de grãos em geral.

O povo reza e faz procissões

Dom Pedrito, uma importante fronteira agropecuária do Estado, completou 100 dias sem chuva no dia 10 de janeiro. Alguns chuviscos ocasionais e esparsos não solucionaram as necessidades do solo e das plantas, e a estiagem manteve-se por todo o longo período. As conseqüências são dramáticas. As pastagens ressequidas e o solo crestado oferecem uma visão típica de Nordeste. Um espetáculo realmente doloroso e trágico.

Não há massa verde nos campos, e as aguadas, além de escassas, não têm as condições de potabilidade necessárias para os animais, que perdem peso e declinam de estado geral, a olhos vistos. O povo pedritense, já temeroso em sua esperança mas inabalável na fé, agarra-se na revelação de um milagre, e reza. As procissões se sucedem na cidade e nas pequenas capelas do interior do município.

A religião é um antídoto. E se não resolve o problema pelo menos ajuda as pessoas mais sensíveis a enfrentar o drama com mais coragem, conforme diz o associado Ruy Adelino Raguzzoni, também conselheiro da Cooperativa, e cuja produção de arroz já estava, em grande parte, comprometida. Ele enfatizou dramaticamente que "nossa esperança agora está concentrada no São Pedro. Precisamos de chuva para salvar as plantações e os animais ameaçados".

O vice-presidente da Cotrijuí, Tânio José Bandeira, é um dos mais preocupa-



O leito do rio Santa Maria, em Dom Pedrito, mais parece poças de água em alguns trechos

QUEBRAS

Na safra seguinte, de 1985, houve um crescimento ainda maior, principalmente nas lavouras, conforme será demonstrado no relatório a ser divulgado proximamente, por aquela Regional. Mas a grande preocupação é para a safra de verão 1985/86, em virtude da calamitosa estiagem. Os dados disponíveis são verdadeiramente sombrios, agravados pelo fato de já existirem danos irreversíveis.

Mesmo que o tempo se regularize e volte a chover de maneira conveniente, os números fixos do estrago, ainda indefinidos em seu montante, já são considerados assustadores. Estatística levantada pelo escritório local da Emater, a pedido da Prefeitura Municipal, mostra a seguinte situação das lavouras:

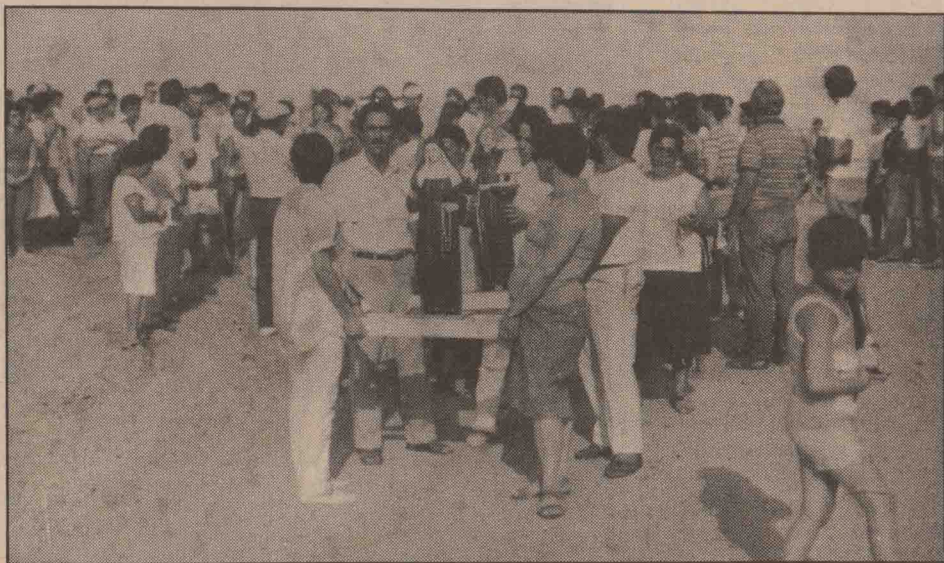
Arroz — a previsão inicial de plantio era de 25 mil hectares, com uma produtividade de 4.500 quilos por hectare. Da

área prevista foram plantados aproximadamente 24 mil ha com produtividade para 3.350 quilos. O prejuízo foi calculado em 30 por cento até o dia 10 de janeiro.

Soja — a previsão inicial de plantio foi de 18 mil hectares, com produtividade, de 1.500 quilos/ha. Foram cultivados apenas 9 mil ha, com produtividade prevista de 900 kg/ha. O prejuízo estava calculado em 70 por cento naquela data.

Sorgo — previsão inicial de plantio, 4 mil ha, com produtividade de 2 mil kg/ha. Foram plantados (até dia 10) 1 mil ha, com produtividade em torno de 2 mil kg/ha, mas os prejuízos já alcançavam 75 por cento da área cultivada.

Milho — previsão inicial de plantio, 1.500 ha, com produtividade de 1.800 kg/ha. Foram plantados aproximadamente mil ha, com produtividade prevista para 1.200 kg/ha. No dia 10, os prejuízos estavam caracterizados em 75 por cento.



Cortejos como este se repetem na cidade e no interior

dos com a seca, pois analisa o problema de maneira geral e abrangente. Ele lamenta que um município como Dom Pedrito, que tem excepcional potencialidade híbrida, esteja submetido hoje a esse flagelo. Segundo Tânio, para que Dom Pedrito se livre da tragédia das secas, é suficiente a construção de algumas barragens de médio porte. Com isso, não só regularizará todo o sistema de massa líquida, evitando também as enchentes, que ocorrem em períodos cíclicos.

Aliás, esse raciocínio é generalizado entre as autoridades e lideranças do município, que até já elaboraram um projeto técnico para ser enviado ao Ministério do Interior, órgão ao qual estará vinculada a obra. Conforme o projeto, a canalização das águas de alguns arroios com origem no Uruguai, que desaguam no rio Santa Maria, pode transformar Dom Pedrito num município seguro para a agricultura e pecuária, eliminando-se a seca e as enchentes.

Aumenta o abate de ventres

Ademar Luiz Comin, associado e conselheiro da Cotrijuí em Dom Pedrito, é tradicional plantador de arroz no município. Também cultiva soja e engorda terneiros, mas o forte de sua atividade é a orizicultura. Neste ano as coisas vão muito mal, diz ele, pois não era de se esperar essa seca, que está torrando tudo.

Plantou 1.342 hectares de arroz, sorgo e milho, apostando tudo numa boa safra. Mas a esta altura, considera que já perdeu 70 por cento do sorgo e do milho, ficando as esperanças depositadas no arroz, felizmente com um prejuízo menor, mas já substancial.

Comin ressalta que a situação agravou-se mais no município devido ao fato dos produtores plantarem além da real capacidade de suas reservas de água. Como não havia precedente de uma seca tão prolongada na região, os lavoureiros confiaram sempre na reposição dos mananciais — açudes e represas — ampliando as lavouras.

Neste ano não foi diferente, mas veio a seca inesperada para complicar tudo, disse num desabafo, o produtor. Quanto à pecuária, a situação atinge a mesma dramaticidade. Os pecuaristas entregaram para abate gado não terminado plenamente, para fugir do prejuízo total, que seria a perspectiva de morte dos animais no campo.

VENTRES

O gerente industrial do frigorífico da Cotrijuí, Juarez Pereira da Silva, constatou que estão sendo abatidos muito ventres, praticamente em torno de 50 por cento entre vacas e terneiros. Segundo ele, isso é um mal, pois revela que teremos problemas de natalidade nos próximos anos. O gado abatido, longe do peso ideal, não tem a cobertura de gordura que é comum nesta época do ano.

Outro fato que revela a debilidade do gado é a tendência para o aborto. A maioria das vacas não mantém a prenhez. Os resultados da inseminação também são bastante reduzidos. Todo esse quadro, verdadeiramente desalentador no momento, antecipa que teremos desequilíbrio populacional na pecuária já a partir do próximo ano.

Oscar Vicente Silva, grande criador, cabanheiro de ovinos e orizicultor (planta 300 quadras de arroz: 552 hectares) na região do Ponche Verde, não tem lembrança de ter visto aqueles campos, tradicionalmente verdes, amarelados pela seca. O seu prejuízo está calculado em 30 por cento no arroz. Quanto à pecuária, ele disse que é difícil um cálculo de quebra no ato dos acontecimentos, pois as conseqüências quase sempre têm efeitos a médio e longo prazo.



Comin: áreas superam reservas de água

Uma forma de organização

O leite foi um assunto que tomou conta de muita reunião no final de 1985. Só que desta vez as discussões não giraram apenas em cima dos preços, que os produtores ainda consideram defasados. O assunto era outro e não menos importante que a questão da falta de uma política definida: o desconhecimento do funcionamento da estrutura do setor leiteiro. Os produtores se deram conta de que apesar de saberem que a CCGL é uma empresa eficiente e que em 1984 teve um lucro de mais de 9 bilhões de cruzeiros, eles ainda não sabem de que forma o produtor está representado na Central. E é justamente uma maior participação dentro da Central que os produtores estão buscando e para isso começam a se organizar.

No início do ano, logo após a posse da nova diretoria, o Departamento Agrotécnico, em conjunto com o Departamento de Comunicação e Educação e mais o setor operacional de leite da Cotrijuí, definiram como metas prioritárias de trabalho a reativação do conselho de produtores de leite — hoje transformado em comissão. Também ficou acertado que nesse ano se buscaria um maior intercâmbio com as cooperativas filiadas da CCGL e que integram a 5ª Região e, ao mesmo tempo, se procuraria estreitar os contatos da Cotrijuí com a Central.

Esse trabalho ganhou impulso depois de uma reunião das cooperativas da região com a direção da CCGL. A reunião serviu para alertar as cooperativas no que diz respeito a falta de conhecimento do funcionamento da Cooperativa Central. Conscientes dessa situação, as cooperativas, neste mesmo dia, se propuseram a ampliar as discussões internas e promover, com mais frequência, este tipo de encontro.

REATIVAÇÃO

A Cotrijuí arregaçou as mangas e já na reunião seguinte, realizada no mês de dezembro, apresentou uma comissão provisória, integrada por alguns produtores que faziam parte do antigo Conselho de Produtores de Leite, que imediatamente foi reativado. A comissão provisória, integrada pelos produtores José Moacir Zucolotto, representando o Posto de Tenente Portela, por Vidolino Bagetti, o Posto de Ajuricaba, por Helmuth Guth, representando o Posto de Recebimento de Ijuí e Luiz Carlos Libardi, do Posto de Santo Augusto, foi formada mais em razão da reunião que ocorreria em dezembro com as demais cooperativas da região.

O trabalho de organização dos produtores de leite da Cotri-

juí na Regional Pioneira, continuou em andamento através das várias reuniões realizadas em todos os Postos de Leite e Unidades. Uma primeira proposta de reorganização dos produtores de leite foi apresentada numa reunião geral que contou com a participação de representantes do antigo Conselho de Produtores de Leite. Essa proposta consiste na formação de uma Comissão Regional da Atividade Leiteira e que será formada por oito produtores — um representante de cada unidade —, mais oito produtores indicados pelo Conselho de Representantes eleitos de cada Unidade e ainda mais um representante do Conselho de Administração da Cotrijuí. No total, a comissão terá 17 pessoas.

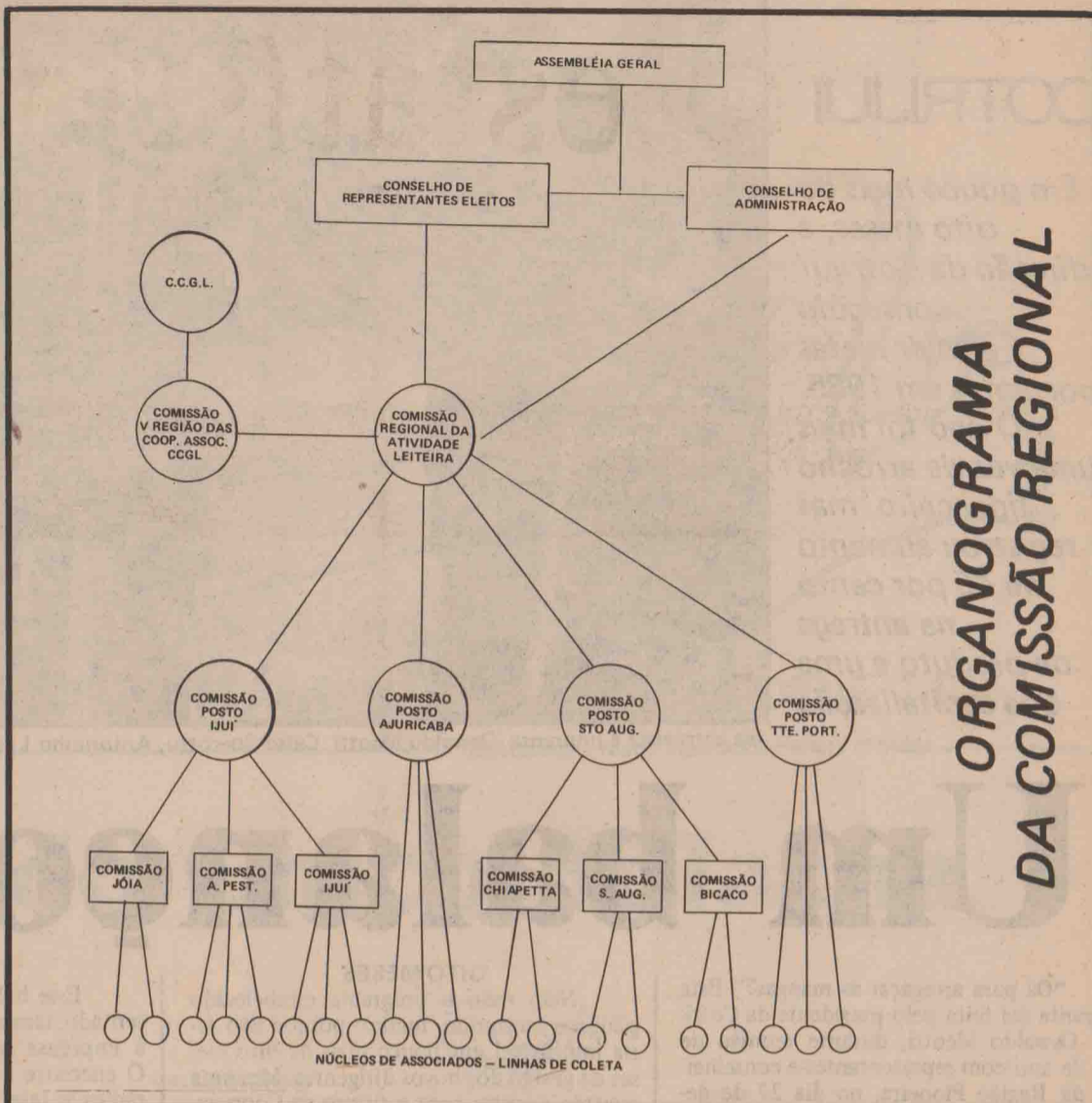
Essa Comissão Regional está acima das comissões de cada um dos Postos e estas, acima das comissões por unidades. Mas a Comissão Regional não foi formada de cima para baixo, como faz questão de deixar bem claro o agrônomo José Luiz Kessler, coordenador da área de produção de leite da Cotrijuí na Região Pioneira. Cada Unidade, depois de muitas reuniões, formou a sua comissão para participar da Comissão por Posto. Destas comissões saíram os representantes para formar a Comissão Regional (ver organograma acima).

Das Unidades de Jóia, Ijuí e Augusto Pestana, por exemplo, saíram os representantes que integram a comissão do Posto de Ijuí. A comissão do Posto de Leite de Ajuricaba é integrada unicamente por produtores da Unidade. Já a comissão do Posto de Santo Augusto é constituída por produtores de leite das unidades de Chiapetta, Santo Augusto e Coronel Bicaco, enquanto que os produtores de Tenente Portela fizeram a sua comissão. A maioria das Unidades, segundo o José Luiz, definiu as suas propostas através de representantes por linha de coleta.

Essa é a proposta da Cotrijuí, mas cada cooperativa singular, assinala o agrônomo, tem o direito de organizar seus produtores dentro de suas características e que tanto pode ser através de comissões, como de conselhos ou associações. "O importante é que todos os produtores comecem a se organizar."

APRÓXIMA

Na reunião de dezembro ficou definido um próximo encontro a ser realizado em São Luiz Gonzaga, no dia 14 de março, sob a coordenação da Coopatrigo. Essa reunião deverá contar com a participação de no mínimo três e no máximo oito produtores por cooperativa e mais dirigentes, técnicos e direção da CCGL.



ORGANOGRAMA DA COMISSÃO REGIONAL

O ponto básico das discussões vai girar em torno do trabalho de organização dos produtores. Afora esta questão, também estão na pauta a discussão de critérios para a organização dos produtores, por região; o plano de trabalho para 1986, da CCGL; a questão das subsidiárias e o grau de participação política da central, tanto a nível estadual como federal.



A reunião, em Jóia, que criou a comissão dos produtores da Unidade

Unindo as forças

O seu Vidolino Bagetti é proprietário de 45 hectares de terra em Linha 11, município de Ajuricaba, onde planta soja, milho, mandioca e mantém um pequeno plantel de gado leiteiro. Dos 17 animais produzindo leite, ele tem tirado uma média de 85 litros de leite por dia.

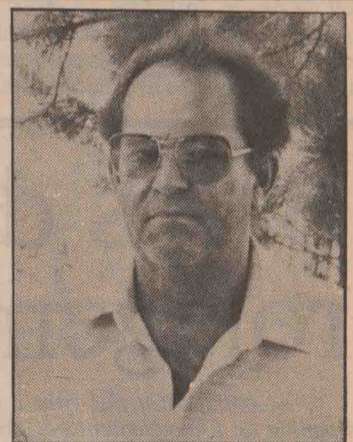
Para o seu Vidolino a situação do produtor de leite está danada de ruim. A seca levou toda a pastagem e o agricultor vem sendo obrigado a alimentar os animais à base de rações concentradas, de alto custo e que tem levado todo o lucro do leite. Classifica o preço do leite, hoje na base de Cr\$ 1.750 por litro, uma vergonha. "Esse reajuste trimestral que o governo vem aplicando, não deixa de ser uma boa medida, mas não tem resolvido a nossa situação". Para melhorar, ele diz que o governo teria de dar um reajuste de 100 por cento, "pois o preço está muito de-

fasado" e depois continuar com os reajustes trimestrais na mesma média que vem aplicando. "Acredito que então o preço se tornaria mais de acordo com os custos de produção".

ORGANIZAÇÃO

Mas uma pressão em cima do governo para melhorar os preços do leite, segundo o seu Vidolino, vai depender da organização do produtor. Por essa razão ele acha que está mais do que na hora do produtor começar a se mexer e também participar da Central de Leite. "Pelo que se sabe o produtor não tem vez em parte alguma e da Central de Leite, ele não tem nenhum conhecimento. Então, vamos unir as nossas forças para garantir uma maior participação, inclusive na CCGL".

O seu Vidolino faz parte da comissão provisória do leite da Cotrijuí na Regional Pioneira, representando o Posto de Leite de Ajuricaba. Essa comissão,



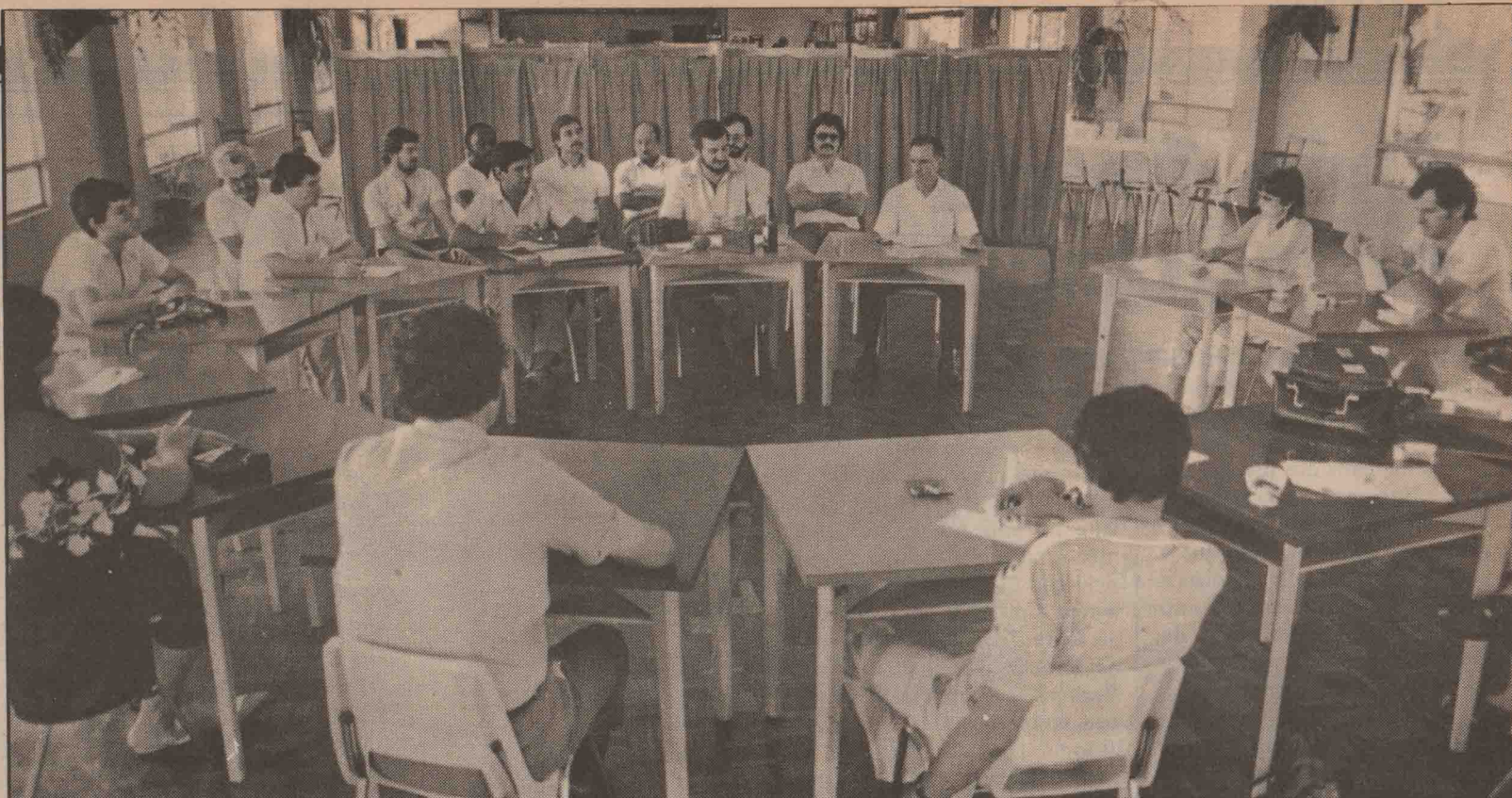
Vidolino Bagetti

embora represente apenas a Cotrijuí, já é um grande passo e pode servir de exemplo para as outras cooperativas da região". Um bom exemplo de organização a ser seguido, segundo o produtor, é a associação dos produtores de Leite de São Luiz Gonzaga. "Se as demais cooperativas seguissem o exemplo da Cotrijuí e dos produtores de leite de São Luiz Gonzaga, nós teríamos muito mais força, inclusive, para brigar junto ao governo por melhores preços. É claro que cada cooperativa tem o direito de se organizar como melhor entender. O que não pode é ficar parada".

COTRIJUI

Em pouco mais de oito meses, a direção da Cotrijuí conseguiu atingir metas importantes em 1985.

O ano foi mais uma vez de arrocho financeiro, mas registrou aumento de 45 por cento na entrega de produto e uma boa capitalização



Na entrevista à imprensa, Oswaldo Meotti, Celso Sperotto, Antoninho Lopes e diretores contratados

Um balanço de 1985

“Dá para arregaçar as mangas?” Esta pergunta foi feita pelo presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, durante reunião de fim de ano com representantes e conselheiros da Região Pioneira, no dia 27 de dezembro, em Ijuí. A pergunta teve muito mais o sentido de afirmação, depois de um balanço dos saldos deixados pelo ano de 1985. Apesar dos problemas crônicos que ainda são enfrentados pelo produtor, como os altos custos da atividade e os preços que não remuneram as safras, a Cotrijuí fechou o período com bons resultados em algumas áreas.

O mais importante, segundo Oswaldo Meotti, é que a direção eleita em abril estabeleceu metas que foram atingidas, especialmente no que se refere à participação do produtor. Em 1985, a Cooperativa recebeu um volume de produtos 45 por cento superior ao de 1984, apesar dos novos abalos sofridos pelo sistema com a situação difícil de outras entidades do setor. E também atingiu a estimativa de capitalização de 24 bilhões de cruzeiros, proporcionada pela boa participação do quadro social.

OITO MESES

Nem todo o programa estabelecido pôde ser cumprido, mesmo porque isso seria impossível em pouco mais de oito meses da gestão dos novos dirigentes. Mas uma questão decisiva para o futuro da Cooperativa, o débito junto a CFP (Companhia de Financiamento da Produção), foi tratada de forma satisfatória. Foi fortalecida a Estrutura do Poder. Implantou-se definitivamente a nova estrutura administrativa da Cooperativa. Rediscutiu-se a situação das subsidiárias e a participação da Cotrijuí nas cooperativas centrais.

“Não podemos deixar nenhuma torneira pingando”, disse Meotti aos conselheiros e representantes, durante a reunião em Ijuí, ao comentar o compromisso assumido junto ao governo, quando da rolagem da dívida. Ele também se referiu ao quadro criado pela seca, que terá consequências econômicas e sociais. E comentou, juntamente com os demais dirigentes da Pioneira, vários aspectos da situação geral da Cooperativa.

COLETIVA

Esse balanço de fim de ano foi apresentado também, no dia 28 de dezembro, à imprensa regional, na sede da Afucotri. O encontro com representantes de jornais, rádios e televisão durou quase duas horas, e teve a presença de Celso Sperotto, vice-presidente da Pioneira; Antoninho Lopes, superintendente da mesma Regional, e dos diretores Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Paulo Roberto da Silva, Romeu Etgeton, Rui Polidoro Pinto e Renato Borges de Medeiros.

Durante a entrevista coletiva, Antoninho Lopes enfatizou “a confiança que o associado mantém na Cotrijuí”, e Renato Borges de Medeiros comentou resultados e expectativas relacionadas com a diversificação da produção. A seguir uma síntese dos assuntos abordados por Oswaldo Meotti, na reunião com os conselheiros e representantes e na entrevista à imprensa:

AS FINANÇAS

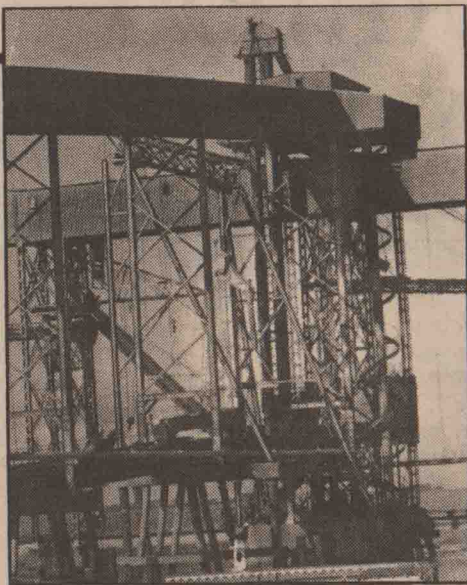
Entre as metas estabelecidas pela direção, o saneamento financeiro da Cotrijuí

foi a principal, desde que assumimos. É por demais conhecido o arrocho que atinge o sistema cooperativista nacional, e a Cotrijuí está dentro deste contexto. A situação patrimonial da Cooperativa continua excelente, mas o arrocho em parte ainda persiste. O saneamento financeiro, como constava do próprio relatório da diretoria no ano passado, poderia vir de várias maneiras. A primeira alternativa seria uma maior capitalização por parte do produtor. Tínhamos então um patrimônio fixo de cerca de 400 bilhões de cruzeiros e uma capitalização de 27 bilhões. Isso quer dizer que era pouco o capital de risco envolvido na empresa. Mas sabíamos também que este déficit de capital era decorrente de um conjunto de dificuldades enfrentadas pelo produtor, com algumas frustrações de safra, frustrações de mercado, altos juros e outros fatores. Ficava difícil, dessa forma, atingir o ponto ideal via capitalização direta. A segunda alternativa estaria nas desmobilizações (a venda de parte do patrimônio), que envolveria o Terminal Luiz Fogliatto, de Rio Grande, como foi bastante noticiado. E a terceira

Bases da rolagem

A dívida da Cotrijuí com a CFP — Companhia de Financiamento da Produção chegou a 131 bilhões e 322 milhões de cruzeiros no dia 31 de dezembro de 1985. Para se ter uma idéia do crescimento desse débito, corrigido a cada ano, desde 1983, o presidente da Cooperativa mostrou dados comparativos, utilizando-se da soja, que é o principal produto comercializado pela Cooperativa.

No final de abril de 1983, a dívida era de 6 bilhões de 402 milhões de cruzeiros, e poderia ser paga com 104 mil toneladas de soja, considerando-se o preço da saca do produto a 9 mil 610 cruzeiros na época. No final de dezembro de 1985, o débito estava em 131 bilhões e 322 milhões de cruzeiros, e para ser quitada precisaria de 136 mil e 800 toneladas de soja, a um preço de 96 a saca de 60 quilos (preço do dia no fim de dezembro). A Cotrijuí necessitaria então de mais 32 mil e 800 tonela-



Terminal: as gestões continuam

das de soja para pagar a dívida, em comparação com o volume necessário em 1983.

Isso dá uma idéia da evolução da dívida, que superou o crescimento do preço da soja e, enfim, de todos os produtos agrícolas. A rolagem deste débito, que é o maior da Cooperativa, representa por isso mesmo um sopro de oxigênio para que — como diz Oswaldo Meotti — a Cotrijuí ganhe novo fôlego. A dívida foi acumulada

a partir de 1982, em função do giro negativo (falta de dinheiro em caixa), e venceria em fevereiro de 1986.

CINCO ANOS

A renegociação do débito, referente a EGF (Empréstimos do Governo Federal) foi definida pela direção da Cotrijuí com a CFP no dia 19 de dezembro. O prazo para amortização da dívida é de cinco anos, com pagamentos mensais, a partir de janeiro de 1986, e juro de crédito rural (correção monetária mais 3 por cento). A Cooperativa realizará os pagamentos com produto, destinando também toda a receita líquida do Terminal Luiz Fogliatto, de Rio Grande, à CFP.

Também a prestação de serviços, com o aluguel de armazéns, será utilizada nas amortizações, existindo ainda a possibilidade de entrega de alguns armazéns, em definitivo, ao governo. Mas essa hipótese ainda está em estudos. Meotti ressalta que a Cotrijuí não recebeu tratamento especial para rolagem do débito, que beneficia, em tese, também outras 2 mil empresas que devem ao governo federal. Mas a Cotrijuí foi uma das primeiras a conseguir a renegociação em Brasília.

TERMINAL

Essa decisão de tornar uma dívida de curto prazo em compromisso de longo pra-

zo não encerra as gestões em torno da possível venda do Terminal Luiz Fogliatto ao governo. O Terminal está avaliado hoje em torno de 204 bilhões de cruzeiros. A Cotrijuí poderia, com esse dinheiro, pagar a CFP e ficar com um crédito de 73 bilhões, que seriam pagos em cinco anos.

Os ministérios da Agricultura e dos Transportes já deram parecer favorável à compra do Terminal, mas tudo depende de uma decisão da área financeira. Essa decisão passaria inicialmente pelo Ministério do Planejamento, para chegar depois ao Ministério da Fazenda. Se o negócio não for fechado, segundo Meotti, o governo deve pelo menos assegurar à Cotrijuí o direito de trabalhar livremente com terceiros em igualdade de condições com o Terminal de Trigo e Soja, administrado pelo Deprec.

Atualmente, os serviços do Terminal Luiz Fogliatto são prestados a terceiros de acordo com critérios da administração do Deprec — Departamento de Portos, Rios e Canais, que é ligado ao Ministério dos Transportes. Com base nesses critérios é que o terminal do governo tem prioridade para carregamentos, ficando os demais terminais particulares à espera de sobras, especialmente no caso do farelo. Com a livre concorrência — segundo Meotti — é claro que os mais competentes sairiam ganhando.

opção seria a transformação da dívida de curtíssimo prazo em dívida de longo prazo. A primeira meta, que se referia à capitalização, foi atingida em 100 por cento, com o ingresso de 24 bilhões de cruzeiros do produtor no ano de 1985. As desmobilizações, incluídas na segunda alternativa, ainda não aconteceram. Mas conseguimos a rolagem de nosso maior débito, junto à Companhia de Financiamento da Produção (veja detalhes da renegociação da dívida no quadro da página anterior).

A CONFIANÇA

Com a nova composição para a dívida junto à CFP, a Cotrijuí tem mais oxigênio, tem mais fôlego para pensar, para redimensionar suas atividades internas. Podemos acelerar mais ainda o processo daquilo que vem sendo feito até agora. Daremos maior ênfase, já no primeiro mês do novo ano, a algumas reaglutinações de setores internos e enxugamento de outros. Somos uma empresa de pessoas e exatamente por isso devemos buscar resultados. E no ramo em que atuamos os resultados são cada vez menores, quando não são negativos. Hoje, o grande objetivo do produtor não está tanto na busca de uma maior produtividade ou num maior preço de venda. É claro que isso também interessa, mas o que importa de fato é reduzir custos. Esse deve igualmente ser o objetivo dentro de uma



A reunião com conselheiros e representantes esmiuçou uma série de assuntos

Para 1986, a receita prevista é de 4 trilhões e 670 bilhões de cruzeiros, com uma geração de impostos estaduais da ordem de 270 bilhões; de impostos municipais, 433 milhões; e mais 121 milhões de cruzeiros de Finsocial. Os gastos com salário ficariam em 187 bilhões de cruzeiros, somando-se mais as despesas com a Previdência Social, de 57 bilhões, o que totalizaria 244 bilhões. A previsão de recebimento de produtos ficou em torno de 1 milhão de toneladas, e agora já é uma estimativa otimista, em decorrência da seca. Para atingirmos nossas metas, dependemos de uma série de fatores, dentre os quais as condições climáticas. Mas o que mais importa é a continuidade da participação efetiva do produtor em sua organização, como ocorreu durante 1985.

OS RESULTADOS

Nós estamos diante da ameaça de uma frustração de safra, mas devemos considerar também outra frustração, a de mercado. Números relativos ao movimento de 1985 servem de exemplo dessa situação. A receita global da Cotrijuí, em 1984, foi de 596 bilhões de cruzeiros. Partindo dessa receita e adicionando a ela apenas a inflação dos primeiros 11 meses, que foi de 219,86 por cento, nós chegaríamos ao final de 1985 com o mesmo valor de 1984, apenas corrigido. Isso representaria uma entrada de 1 trilhão e 700 bilhões de cruzeiros em 1985, que deverá ser, em números redondos, o faturamento de 1985. Mas para chegarmos a uma receita igual a de 1984, nós recebemos do produtor um volume de produto 45 por cento superior ao do ano anterior. Em 1984, foram recebidas pela Cotrijuí 662 mil e 750 toneladas de produto, e em 1985 o recebimento chegou a 961 mil e 635 toneladas. Isso quer dizer que o associado teve de produzir 45 por cento a mais, para ganhar exatamente o que ganhou um ano antes. No caso do complexo soja, que representa 40 por cento da receita global da Cotrijuí, em 1984 nós tivemos uma média de preço de 283,77 dólares por tonelada de produto, e em 1985, 216,24 dólares. O déficit de preço foi de 67,53 dólares por tonelada, sem considerarmos os ajustes cambiais, que estão sendo inferiores aos índices de inflação. Na conversão do dólar para o cruzeiro, nós recebemos 30 por cento a menos pela tonelada do que em 1984.

AS SUBSIDIÁRIAS

As empresas subsidiárias da Cotrijuí também passaram por uma reavaliação este ano. O tempo ainda foi pouco para essa discussão, mas avaliamos suas performances, discutimos seus objetivos e, a partir de agora, poderemos saber da validade de sua continuidade. Uma dessas subsidiárias, que é a rede hospitalar, tem função muito mais social do que econômica, e vinha apresentando um déficit acumulado assustador. Hoje, a administração dos hospitais é semi-

autônoma, mais descentralizada, e a situação financeira vai aos poucos chegando quase ao equilíbrio, sem a necessidade de uma desativação desse setor. O mesmo ocorreu com outras subsidiárias, como a Cotriexport, que até o ano passado operava muito em risco próprio, com compra e venda de cereais de terceiros. O risco era grande, e as atividades da Cotriexport foram redimensionadas às necessidades da Cotrijuí, com redução da ação direta de compra e venda de terceiros. Já o Irfa - Instituto Rio-grandense de Febre Aftosa, também vinha operando, até o final de 1985, com déficit. Mas já está previsto que em 1986 o Irfa poderá operar com equilíbrio entre receita e despesa. Durante o ano discutimos igualmente nossa participação nas centrais de hortigranjeiros, de leite e de carnes, para que exista uma maior aproximação, e os resultados foram satisfatórios. No caso da Central de Carnes (CCGC), houve uma reestruturação, para que ela esteja mais próxima da região produtora e mais adequada à nossa realidade. A sua sede, antes deslocada da zona produtora, vem para o interior. A Central de Carnes é uma das grandes armas para que se amplie os programas de diversificação que a Cotrijuí vem desenvolvendo. Ela, que até aqui era um sonho, passará a ser uma realidade a partir de 1986.

O COOPERATIVISMO

O cooperativismo é muito combatido por certos setores da sociedade, e evidentemente que esse combate tem algumas causas justas. Nunca deixamos de reconhecer que o sistema tem distorções, mas isso não acontece apenas na área do cooperativismo, e sim na economia como um todo. Estouraram cooperativas assim como estouraram bancos, além de muitas empresas entrarem em falência e concordata. Uma parte do público, às vezes por desinformação, entende que o setor recebe privilégios do governo, com favores em financiamentos e im-

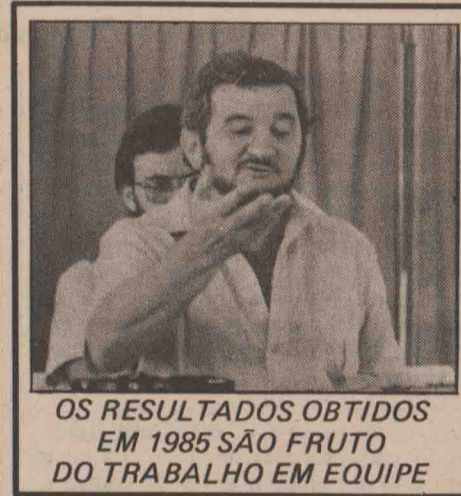


RECEBEMOS 45 POR CENTO A MAIS DE PRODUTOS PARA TER A MESMA RECEITA

postos. Se esses benefícios existem, nós estamos administrando muito mal a nossa cooperativa e teremos que ser substituídos por gente mais competente. A menor taxa de juro que temos hoje é o crédito rural, com ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional) mais 3 por cento ao ano. O produtor rural e as cooperativas têm acesso a financiamentos com esta taxa, mas também as indústrias de óleos vegetais, as sociedades anônimas de capital aberto (via debêntures). Neste final de ano houve uma verdadeira enxurrada de empresas captando dinheiro no mercado via debêntures, e o cooperativismo não tem acesso a isso. Desde o ICM, pagamos todos os demais impostos nas mesmas condições do comércio e da indústria, e não temos como sonegar. Cumprimos com nossa função social também no que se refere a funcionários. Mesmo com sacrifícios, procuramos manter o nível de emprego. O cooperativismo e a Cotrijuí em especial não são melhores do que outras empresas, e em certos aspectos podemos até ser considerados piores, mas cuidamos de nossos compromissos com carinho.

A PARTICIPAÇÃO

O produtor bem esclarecido é um bom companheiro e abraça qualquer causa. Sem informação, ele se torna um associado desconfiado e pouco participante.



OS RESULTADOS OBTIDOS EM 1985 SÃO FRUTO DO TRABALHO EM EQUIPE

Defendemos essa abertura, quando se tratam das questões da Cotrijuí, pois a democratização é decisiva para o próprio aperfeiçoamento dos administradores. A nova estrutura administrativa da Cooperativa possibilita esta participação. Há hoje representatividade política do produtor em todos os locais onde a Cotrijuí atua, através do conselho de representantes. Boa parcela dos resultados conseguidos deve ser creditada ao trabalho de equipe de todo esse povo. Hoje, o produtor consegue inclusive transformar os números do balanço da Cotrijuí em dados vinculados com sua realidade, transformando a dívida da Cooperativa em soja, em arroz e outros produtos. Temos levado todos esses números ao associado, através de suas lideranças em reuniões de núcleos, sem omitir absolutamente nada. É assim que ele sabe, por exemplo, que o custo financeiro teve participação de 17 por cento da receita bruta, em 83, passando para 24 em 1984 e agora, em 1985, para cerca de 19 por cento. É por isso também que o produtor não se sente chocado ou surpreso quando, como aconteceu há dois meses, houve um problema com uma colimã. A imprensa chegou a noticiar que também a Cotrijuí estava na mesma situação, ao vender duas vezes o mesmo produto (soja) ao governo. Para o corpo associativo, e também para os agentes financeiros e as autoridades governamentais, nós não tínhamos explicações a dar, pois eles nos conhecem. Não nos preocupamos com a repercussão dessa notícia entre o quadro social, porque o associado está sempre informado. Isso tudo é fruto da participação, da abertura, desse contato do dia-a-dia com o produtor. Agora, em 1986, teremos novas eleições de representantes, e desejamos que os escolhidos sejam os que mais se identificam com o cooperativismo e em especial com a Cotrijuí.



HOJE TEMOS MAIS FÔLEGO PARA PENSAR E REDIMENSIONAR A COTRIJUI

empresa, e mais ainda numa cooperativa que trabalha com produtores. Para que novos prazos fossem estabelecidos para pagamento da dívida, foi levada em conta a história da Cotrijuí, considerando-se sua filosofia, seus procedimentos políticos, a integração do produtor, seu potencial quanto ao recebimento de safras. Tudo isso foi examinado quando do compromisso assumido com o governo, e a decisão tomada demonstra a grande confiança que os poderes públicos depositam na Cotrijuí. Mas teremos percalços no caminho, apesar da coesão do produtor associado. Infelizmente, estamos enfrentando uma seca, o que não nos permite fazer uma projeção de safra para 1986. Mas, no que depender de nós, da direção e do produtor, estamos de mangas arregaçadas.

OS COMPROMISSOS

Apesar das dificuldades financeiras, nós tivemos um ano relativamente equilibrado quanto aos nossos compromissos. E, dentre estes compromissos, e especialmente no caso de uma cooperativa, este é o que está em primeiro lugar: não deixar faltar dinheiro para o produtor. No momento em que isso deixar de acontecer, o associado deixará de confiar na sua entidade. A prioridade número um no setor de finanças, desde a época em que atuava como diretor financeiro, e agora adotamos a mesma filosofia, é a de que não pode faltar dinheiro para o produtor. Também procuramos pagar em dia os funcionários, porque igualmente neste caso os reflexos negativos, a partir das consequências sociais, seriam terríveis. Em 1985 atendemos da mesma forma nossos compromissos com impostos.



Renato Medeiros



Rivaldo Dhein



Vários projetos de pesquisa e experimentação estão em desenvolvimento no CTC

170 hectares para pesquisa e experimentação

Localizado no município de Augusto Pestana, às margens do rio Conceição e distante 15 quilômetros da Cotrijuí sede, em Ijuí, o Centro de Treinamento ocupa uma área total de 236,56 hectares. Do total desta área, cerca de 170 hectares estão sendo utilizados em trabalhos de pesquisa, experimentação e lavouras demonstrativas. O restante da área permanece com mata nativa, que acompanha o leito do rio Conceição, sob a forma de reserva ecológica.

A Cotrijuí assumiu essa área em 1976, quando então se chamava Posto Agropecuário da Secretaria da Agricultura do estado e transformou-a em Centro de Treinamento - CTC. Nessa época, todas as benfeitorias - casas, galpões, oficinas e estábulos - encontravam-se em precárias condições de conservação e de utilização. Foi preciso que a Cotrijuí, colocasse, logo de saída, mãos à obra e deixasse tudo em dia e adequado ao uso.

Atualmente existem no Centro de Treinamento residências para o administrador e alguns funcionários, escritórios da administração e da equipe técnica, uma sala de aula, cozinha, refeitório, alojamentos, almoxarifado, oficina mecânica e galpões para abrigo de máquinas. As benfeitorias se complementam ainda com o laboratório para multiplicação do baculovirus anticarsia, sala de sementes, uma estação de piscicultura - constituída de 35 tanques e mais um laboratório - instalação de avicultura - com incubadora - de suinocultura, de bovinocultura de leite, silo trincheira, três açudes, uma estação meteorológica e vários poteiros.

SOLUÇÕES

Ao assumir o CTC a Cotrijuí tinha como objetivo estabelecer uma base física que lhe servisse de suporte não apenas para a realização de treinamento de pessoal - técnicos e produtores - mas também para que pudesse colocar em andamento a pesquisa de campo nas diversas áreas de exploração agropecuária.

Uma das primeiras medidas adotadas pela Cotrijuí ao assumir esta unidade de pesquisa, experimentação e treinamento, foi buscar a participação de outras instituições e organizações que já tivessem experiências em trabalhos semelhantes. Atualmente, entre as entidades que participam dos trabalhos levados adiante no CTC, seja através de convênios de co-participação, a Cotrijuí conta com: Embrapa, Fecotrigo, Ipagro e IPRNR, ambos ligados a Secretaria da Agricultura, Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Agronomia da Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo, Ministério da Agricultura, Instituto de Melhoramento de Plantas da Universidade de Göttingen, Alemanha, Cia Coker de Melhoramentos, Estados Unidos, Universidade do Texas, Estados Unidos, CIAT da Colômbia, CIMMYT, do México, e mais ainda o DNOCS e a Sudepe de Chapecó, Santa Catarina.

O CTC conta atualmente com 43 funcionários. Três são engenheiros agrônomos ligados às áreas de pesquisa, extensão e treinamento. A equipe é reforçada por seis técnicos agrícolas e dois funcionários de escritório. O restante dos funcionários está distribuído entre os trabalhos a campo, cozinha e limpeza

Os 10 anos do CTC

O trabalho desenvolvido no CTC tem o reconhecimento dos produtores e dos centros de pesquisa de todo o país

O Centro de Treinamento da Cotrijuí nasceu da discussão que se passou a fazer, a partir de 1973, em cima da sucessão trigo e soja, sujeitando os produtores da região a um alto grau de dependência. Quem faz esta afirmação é o Renato Borges de Medeiros, agrônomo e diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, ao lembrar os motivos que levaram a Cooperativa, há 10 anos atrás, a criar, em lugar do Posto Agropecuário do Ministério da Agricultura, um Centro de Treinamento.

A criação do CTC está muito ligada a todo esse processo de monocultura e suas conseqüências, e antes de contar a sua história e de falar no trabalho realizado nesse tempo todo, o Renato Medeiros diz que se faz necessário uma análise das prioridades agrícolas dos últimos anos e que levaram a Cotrijuí a trabalhar em cima da diversificação na propriedade. O Brasil, segundo o Renato, nunca teve a produção de alimentos como uma prioridade, no entanto, sempre teve uma política muito clara em relação aos produtos exportáveis, como a soja, a laranja, o cacau, o algodão e os produtos energéticos, como a cana-de-açúcar.

O Renato Medeiros chama esse processo de internacionalização da economia, que na medida em que internacionalizou as relações de mercado, também acabou por internacionalizar as formas de produção, gerando o "modernismo" ou "produtivismo agrícola". Essa modernização, com suas características produtivas, apareceu como sendo a única forma possível e capaz de aumentar a produção e a produtividade, de se eliminar a fome, de gerar novos empregos e garantir o crescimento econômico, social e político do país.

PRECÁRIA

Ele admite, no entanto, que não se pode negar o sucesso de muitos destes objetivos, assim como também não se pode desconhecer que a deficiência alimentar continuou da mesma forma. A agricultura continuou atendendo às grandes cidades de forma tão precária como fazia no passado. Essa situação se tornou ainda mais grave em razão da perda do poder aquisitivo do povo brasileiro. "O que tivemos na verdade foi um desenvolvimento simétrico, onde de um lado se avistam prédios muito bonitos e bem acabados e máquinas modernas, e do outro, a população enfrentando as mesmas limitações e comportamentos que enfrentava no passado".

Essas propostas de modernização, do ponto de vista da agricultura, segundo Renato Medeiros, apresentaram resultados bem opostos. Numa ponta aparecem os médios e grandes produtores que realmente tiveram sucesso. Estes realmente ingressaram em todos os benefícios que a modernização ofereceu e que seus empreendimentos permitiram. Na outra ponta, numa situação bem oposta, aparecem os pequenos produtores, que num primeiro momento e incentivados pelas facilidades de crédito, também tiveram a oportunidade de realizar uma certa acumulação de riquezas. Num segundo momento, com a retirada de incentivos, eles passaram a ter dificuldades de fazer suas propriedades prosperar.

A BUSCA PELA DIVERSIFICAÇÃO

A questão da monocultura, aliada ao aspecto técnico da topografia, das precipitações elevadas e de outros fenômenos que ocorrem na região, serviram para acentuar o risco do cultivo de apenas duas culturas: o trigo e a soja. Foi justamente a discussão em cima da monocultura que levou a Cotrijuí a iniciar um trabalho buscando a diversificação da propriedade agropecuária. Partiu-se então para a adoção de sistemas integrados de produção, onde a terra coberta com forrageiras pudesse entrar em rotação com culturas de grãos.

Neste caminho, segundo o diretor agrotécnico da Cotrijuí, o CTC vem praticando variadas formas de produção, buscando maiores produtividades agropecuárias, sem deixar de atender a todos os tipos de produtores, sejam pequenos, médios ou grandes. "Nesse nosso trabalho está embutido o resgate de alguns elementos da experiência do próprio produtor, que o levam ao reencontro com a sua forma de vida e o caráter econômico e produtivo do seu conhecimento", diz. A proposta do CTC procura, por outro lado, estimular a presença curiosa do produtor, levando-o a participar e problematizar conhecimentos no sentido de buscar também a sua transformação. "Esse novo comportamento do produtor permitirá, se bem articulado no plano global, estabelecer uma política agrícola comprometida com os nossos desejos e com a realidade econômica e social", reforça.

O RECONHECIMENTO

Criado em fevereiro de 1976, o CTC que até então era conhecido como Posto Agropecuário e estava ligado ao Mi-

nistério da Agricultura, hoje faz parte da Cotrijuí, através de convênio em regime de comodato. "O nosso trabalho começou de forma bastante modesta", conta o Rivaldo Dhein, agrônomo e gerente do CTC, "mas hoje já tem o reconhecimento não só dos produtores, como também de centros de pesquisa, experimentação e extensão de todo o país".

A participação do grande número de associados da cooperativa nos vários cursos realizados no CTC durante todo o ano passado, segundo o gerente, por si só já revelam que o trabalho realizado vem atingindo os objetivos. "Mas isso não é tudo. Nós precisamos que o associado participe ainda mais do CTC, que ele acredite no trabalho que vem sendo feito".

Segundo o Rivaldo Dhein, a Cotrijuí tem reconhecimento e está presente em todas as entidades de pesquisas do país, graças aos trabalhos realizados no CTC. "É o CTC, inclusive, um dos grandes responsáveis pela divulgação da Cotrijuí no exterior, diz ele, citando entidades internacionais, como o CIMMYT, do México, o Instituto de Melhoramentos de Plantas da Universidade de Göttingen, da Alemanha, da Cia. Coker de Melhoramentos, dos Estados Unidos, da Universidade do Texas, do INTA, Argentina, entre tantas outras, que participam de trabalhos já desenvolvidos ou em desenvolvimento no CTC.

AMETA

A grande meta para 86, segundo o Renato Medeiros e o Rivaldo Dhein, é buscar recursos em outras fontes para dar andamento aos trabalhos. Para tanto, já foram encaminhados e aprovados pela Embrapa vários projetos, como o de suinocultura, avicultura, fruticultura e horticultura. Outros projetos, como o de plantas medicinais estão sendo encaminhados a outras organizações e instituições. Dessa captação de recursos externos, vai depender a construção de uma nova sede em melhores condições de abrigar estudantes, visitantes, os filhos dos associados e os próprios associados. "Gostaríamos de ver muito mais filhos de agricultores associados da Cotrijuí circulando pelo CTC, conhecendo o trabalho que lá está implantado", diz o Rivaldo.

Ainda como meta do CTC para 1986, o Rivaldo cita a redução nos custos de manutenção e o aumento das receitas, que deverá ser feito através da comercialização de animais, mudas, sementes, produzidos internamente.



HORTIFRUTIGRANJEIROS

Reativando hortas e pomares

O programa de hortifruticultura, em andamento no CTC há pouco mais de sete anos, tem a intenção de reativar as hortas e pomares domésticos que, praticamente desapareceram da região em consequência da euforia da soja na última década. Uma horta orgânica diversificada e pomares de citrus, rosáceas (pessegueiros, ameixeiras, macieiras...) e videiras vêm sendo mantidos no CTC, não apenas visando o abastecimento do próprio Centro, mas também servindo de reforço ao programa, principalmente durante a realização de cursos de hortifruticultura.

Foi justamente a partir do CTC que o alho conquistou a posição de cultura econômica importante para a região. Só em 1985, por exemplo, foram plantados 84,3 hectares de alho na Região Pioneira, apresentando, no final da colheita, uma produtividade média de 1.800 quilos por hectare. Em 1983 os produtores chegaram a plantar 145 hectares e a tendência para a próxima safra é de que haja um novo aumento de área.

Ainda é da responsabilidade do CTC a distribuição ao quadro social, de rammas de mandioca de variedades mais produtivas — cerca de 60.000 mudas já foram distribuídas — e de material genético de frutíferas de alta qualidade aos viveiristas da região.



Os produtores aproveitam o pomar para praticar a poda

Um parreiral demonstrativo, com diversas variedades de uvas, está sendo implantado no CTC. Toda a produção do parreiral servirá para abastecer uma cantina artesanal, projetada para ser construída tão logo comece a produção de uvas. A meta é a de criar condições necessárias para estimular e orientar o produtor associado também para este tipo de atividade, partindo desde a produção da uva até a produção e armazenamento do vinho, da grapa e do conhaque, de forma natural.

Ao lado da horta orgânica — vale ressaltar que ela nunca recebeu qualquer tipo de aplicação de fertilizantes químicos ou de agrotóxicos — existe um "mi-

nhocário". Este "minhocário" tem a responsabilidade de produzir minhocas. Estas são transferidas a montes de compostagem para acelerar a decomposição dos materiais orgânicos — resíduos animais e vegetais — transformando-os em fertilizantes orgânicos de alta qualidade. Este material é destinado à adubação das hortaliças.

No programa de hortifruticultura, que conta também com a colaboração da Universidade Federal de Santa Maria, da Embrapa/UEPAE, de Bento Gonçalves, da Estação Experimental de Taquari e da Estação Experimental de Caxias do Sul,



Alho: cultura economicamente importante

estão sendo conduzidos, mantidos e avaliados, os seguintes experimentos:

- Coleção de cultivares de morangos;
- Coleção de cultivares de amoreira;
- Instalação e condução de uma horta ecológica;
- Ensaio de cultivares de mandioca;
- Multiplicação de cultivares de mandioca;
- Coleção de cultivares de frutíferas;
- Instalação de um parreiral demonstrativo;
- Ensaio de competição de cultivares e linhagens de lentilha;
- Introdução de linhagens e cultivares de lentilha e
- Multiplicação de semente básica de linhagens e cultivares de lentilha.



MILHO E FEIJÃO

Melhoramentos

O milho e o feijão são duas culturas de grande potencial econômico. No Centro de Treinamento da Cotrijui vêm sendo realizados diversos trabalhos envolvendo estas duas culturas. Estes trabalhos contam com a colaboração do CIM-MYT/México, CNPAF/Embrapa de Goiânia, da Fecotrig e do Ipagro.



Os trabalhos procuram resguardar e avaliar populações crioulas

Um Ensaio de Populações Crioulas vem se destacando por colocar em competição e seleção, milhos crioulos coletados junto a agricultores da região. Com esse trabalho, procura-se resguardar e também avaliar — até mesmo recomendando o plantio — plantas perfeitamente adaptadas à região e menos dependentes de insumos. Além disso, são todas variedades das quais o produtor pode colher a sua própria semente.

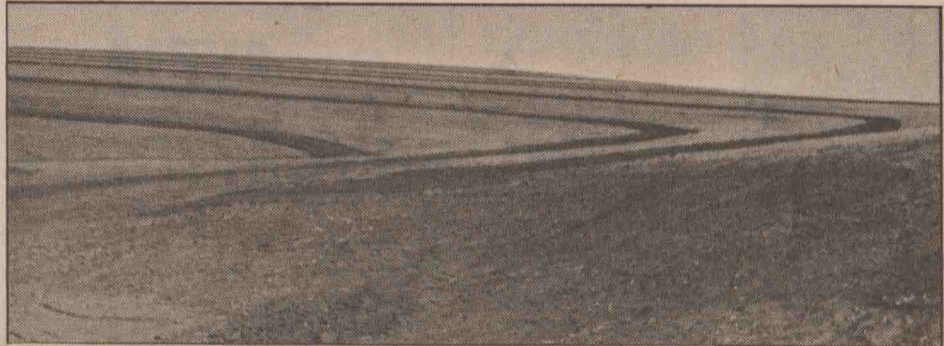
Tanto para o milho como para o feijão, estão sendo conduzidos trabalhos envolvendo diferentes sucessões culturais — especialmente de leguminosas, para o caso do milho — e de dosagens de nitrogênio. Para o caso específico do feijão, uma cultura normalmente pouco produtiva na região, buscam-se alternativas de substituição. Uma destas alternativas seria o caupi, mais produtivo e de qualidade semelhante ao feijão.

Entre os trabalhos em desenvolvimento e já desenvolvidos no CTC, merecem ser citados:

- Avaliação do comportamento do milho em quatro níveis de nitrogênio em sucessão à três leguminosas e uma gramínea;
- Ensaio estadual de híbridos normais;
- Ensaio estadual de híbridos

precoce;

- Introdução de variedades experimentais de milho;
- Ensaio de rendimento de populações de milhos crioulos;
- Efeitos de três níveis de adubação nitrogenada e quatro níveis de preparo do solo e implantação, sobre o comportamento e produtividade do milho, em uma área com ervilhaca;
- Efeito de três níveis de adubação nitrogenada sobre o comportamento e produtividade do milho em uma área com trevos subterrâneos;
- Efeito de três níveis de adubação nitrogenada sobre o comportamento e produtividade do milho em uma área com quatro anos de cultivo com trevo vesiculoso Yuchi;
- Multiplicação de sementes de populações de milhos crioulos;
- Ensaio estadual de linhagens e cultivares de feijão;
- Ensaio regional de linhagens e cultivares de feijão;
- Multiplicação de semente básica de variedades de feijão;
- Avaliação do rendimento de consórcio feijão x soja;
- Ensaios regionais, 1 e 2, de caupi e
- Multiplicação de sementes básicas de caupi.



O terraço de base larga veio para reforçar os cuidados com o solo

SOLOS

Alternativas conservacionistas

A grande preocupação do programa de solos é buscar alternativas para uma agricultura mais conservacionista e menos agressiva ao meio ambiente. Dentro do programa vem recebendo maior atenção a adoção de uma agricultura menos dependente de insumos e mais orgânica, envolvendo rotação de culturas, manutenção das restecas, cultivo mínimo, sobressemeadura, além de trabalhos de determinações físicas e químicas da qualidade do solo e avaliação dos rendimentos obtidos nas diferentes situações de utilização do solo.

Várias entidades colaboram no programa de solos e entre elas, pode-se citar a Secretaria da Agricultura (IPRNR), a Embrapa, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade Federal de Santa Maria, o CNPq e a Universidade de Passo Fundo.

Foi justamente o programa de solos o responsável pela grande melhoria que aconteceu nos solos do CTC. Para tanto, foram dispensados cuidados conservacionistas e de fertilização. Esse fato pode ser comprovado pelas análises de solo, que acusam, de um modo geral, valores muito bons para os principais índices determinantes da fertilidade: Fósforo: 9ppm; Potássio; 90 pmm; pH SMP médio; 6,0 e Ma-

téria Orgânica. 3,8 por cento.

Na área de pesquisa e experimentação entre trabalhos realizados e em andamento destacam-se:

- Efeito de sistemas de preparo e uso do solo na redução da erosão hídrica sob chuva artificial (1979 a 81);
- Avaliação do comportamento do milho submetido a quatro níveis de nitrogênio e cultivado em sucessão a quatro culturas anuais e pousio (1981 a 84);
- Avaliação do comportamento do milho submetido a três níveis de nitrogênio e cultivado em sucessão a quatro leguminosas e uma consorciação gramínea x leguminosa (1981 a 84);
- Efeito do cultivo de gramíneas e leguminosas forrageiras sobre a fertilidade química do solo (1982/83);
- Efeito de diferentes sistemas de preparo do solo sobre o rendimento das sucessões culturais trigo/soja e aveia/milho (1976 a 84);
- Avaliação dos efeitos de diferentes rotações de culturas sobre a produtividade do trigo (1983);
- Semeadura direta de soja sobre pensacola (1981);
- Efeito de diferentes usos agrícolas do solo sobre algumas propriedades físicas em latossolo roxo (1982);



COLZA

O pioneirismo no Estado

A colza foi introduzida no Rio Grande do Sul pela Cotrijuí, num trabalho pioneiro desenvolvido junto ao CTC. Todas as cultivares que hoje são recomendadas e cultivadas no sul do país, como por exemplo, a CTC-2, a CTC-4 e a CTC-7, foram selecionadas no CTC, provenientes de materiais vindos da Alemanha e do Canadá. Também já estão sendo selecionados outros materiais provenientes da Suécia, França e Chile, para posterior distribuição entre os produtores do estado.

De momento estão sendo realizados no CTC trabalhos de campo com a colza referentes a introdução, competição e formação de semente genética de cultivares e linhagens de colza; a manutenção de um banco de germoplasma de colza; desenvolvimento de novas cultivares; ensaios comparativos de rendimentos de cultivares e linhagens e produção de semente básica.

A colza vem sendo considerada uma excelente alternativa de ocupação e cobertura do solo durante o inverno, principalmente pela sua importância como cultura a integrar qualquer plano de rotação. Também já está comprovado que é uma planta de efeito benéfico sobre as culturas subsequentes como a soja e especialmente sobre o trigo no ano seguinte.



A aveia ressurgiu na região, com cultura economicamente importante, graças aos trabalhos de introdução, seleção, cruzamento e avaliação que vêm sendo realizados no Centro de Treinamento desde 1976. Atualmente duas linhagens de aveia, a CTC-205 B e a CTC-207 B, melhoradas no CTC, integram, respectivamente, o Ensaio Sulbrasileiro e o Ensaio Regional de Aveia.

A busca de cultivares resistentes às doenças fúngicas — principalmente a ferrugem da folha e do colmo — continua sendo a grande preocupação em relação a cultura. Por essa razão, o melhoramento através de seleções e cruzamentos, ganhará atenção especial nos trabalhos realizados pela Cotrijuí.

Na área de ação da Cotrijuí, Regional Pioneira, são cultivadas atualmente cerca de 25 mil hectares com aveia, sendo 10 mil destinados à produção de grãos e 15 mil ao pastejo dos animais. A aveia não é indicada para rotação com o trigo, mas mesmo assim, representa uma boa alternativa para a ocupação dos solos não cultivados nos meses de inverno. Seu sistema radicular é muito eficiente, principalmente na reestruturação física dos solos degradados.

Os principais trabalhos em andamento no CTC são:

- Introdução de linhagens e cultivares de aveia na região noroeste do Estado;
- Cruzamento entre linhagens e/ou cultivares de aveia;
- Avaliação de cultivares de aveia para rendimento de forragem e grãos, sob diferentes sistemas de utilização;
- Ensino preliminar interno de genótipos de aveia;
- Ensino regional de rendimento de grãos de aveia;
- Ensino Sulbrasileiro de rendimento de grãos de aveia; e
- Multiplicação de semente básica de cultivares de aveia.

Colaboraram nos trabalhos de pesquisa da aveia a Universidade Federal do



A Cotrijuí busca cultivares mais adaptadas à região

te. Fortes indícios levam a crer que a colza exerça algum efeito alelopático (efeito inibidor) sobre a invasora mais conhecida como papua.

Atualmente, pode se dizer que os trabalhos de pesquisa e experimentação com a colza estão restritos praticamente à Cotrijuí e a Embrapa. Esta inclusive apoia os trabalhos da Cotrijuí, repassando recursos financeiros para custear o projeto. A intenção do projeto que vem sendo conduzido no CTC é o de buscar novas cultivares, mais adaptadas às condições climáticas da região, através de introdu-

ções, seleções e cruzamentos de materiais. Além da Embrapa também colabora no programa a Universidade de Göttingen, da Alemanha.

A lavoura de colza na região já chegou a 4.250 hectares em 1981. Problemas de mercado e aliados a falta de variedades melhor adaptadas, fizeram com que a lavoura voltasse a diminuir. Em 1984 a cultura ocupou 2.840 hectares na Região Pioneira sendo que a maior parte — 2.050 hectares — foi destinada à cobertura vegetal do solo durante o inverno e mais tarde incorporada.

AVEIA

Cultivares mais resistentes

Rio Grande do Sul, a Universidade do Texas, nos Estados Unidos, a Universidade Wisconsin, Estados Unidos, o INTA, Argentina; o Instituto de Investigação Agropecuária do Chile; o INIA e CIANO, do México; a Companhia Coker de Melhoramentos e a Quaker, ambas americanas.



Várias linhagens de aveia vêm sendo melhoradas no CTC



NOVILHO PRECOCE

A integração lavoura/pecuária

Dentro dos objetivos de incentivar a integração lavoura/pecuária, buscando não apenas uma melhor exploração do solo, mas também uma maior estabilidade econômica do produtor, a Cotrijuí vem conduzindo desde 1974 e através do CTC, trabalhos experimentais de terminação de novilhos precoces. Colaboram neste trabalho a Secretaria da Agricultura e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O programa de terminação de novilhos precoces envolve a utilização de pastagens em pastoreio direto, a fenação, a silagem e uma suplementação de grãos. Os resultados obtidos tem sido satisfatórios e hoje, muitos produtores vêm trabalhando dentro deste sistema utilizando forrageiras principalmente no inverno, quando há disponibilidade de terras.

De acordo com os resultados dos trabalhos realizados no CTC, a terminação de novilhos, exclusivamente sobre pastagens, tem se mostrado bastante econômica. Os resultados mostram que já se obteve ganhos de pesos médios diários de 0,676 quilos por animal por dia. Por hectare já se alcançaram índices de 773 quilos de peso vivo em novilhos jovens. As forrageiras utilizadas, no período de junho a dezembro, totalizando 210 dias, tem sido os trevos, aveia e azevém. No período de fevereiro a abril, 90 dias, o milho. Mas durante todo o ano vem sendo mantida a alfafa, pastagem nativa, pensacola, bermuda, setária (semeada em 1975) e pânico (semeado em 1977). A área de pastagens do CTC soma cerca de 70 hectares, divididos em 30 piquetes.



O trabalho de multiplicação do baculovírus começou em 84

Apicultura, o baculovírus e as plantas medicinais

A apicultura é uma atividade pouco exigente em investimentos, produz alimentos de alta qualidade e proporciona bons retornos econômicos. Afora estas questões, a atividade também vem sendo estimulada, porque a abelha é importante na polinização e produção de diversas frutíferas, forrageiras e até na soja.

Vários trabalhos sobre polinização com abelhas, principalmente em alfafa, foram realizados no CTC, que mantém, atualmente, cerca de 25 colméias. Além da produção de mel para o consumo próprio, essas colméias são utilizadas em aulas práticas de apicultura.

Esse programa, que também conta com a colaboração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, deverá sofrer maior intensificação daqui para frente, principalmente devido à sua importância no estímulo e manutenção do equilíbrio ecológico e ambiental. A intenção é manter um núcleo de multiplicação de abelhas e avaliar a produção de mel.

NOVOS PROJETOS

Mas além da apicultura, a Cotrijuí já tem programado, para o próximo ano, o andamento de novos trabalhos. Entre eles:

- Coeficientes técnicos — esse programa terá a colaboração da Fidene/Unijuí e deverá ser implantado brevemente, em continuidade aos trabalhos de determinação de coeficientes técnicos para as atividades agrícolas;

- Adubação orgânica — esse programa será incrementado com a instalação de um biodigestor no CTC para o fornecimento de biogás, a ser utilizado no aquecimento de leitões recém nascidos e também visando a produção de biofertilizantes;

- Plantas Medicinais — colaboram neste programa o Ministério da Agricultura, e as Universidades Federais do Rio Grande do Sul e de Santa Maria. Em 1986 serão iniciados trabalhos para estudo das características agrônomicas de plantas medicinais.

- Controle biológico — participam deste programa o Ipagro, a Fecotriço e a Embrapa. Durante 1984, incrementou-se na região o controle biológico da lagarta da soja através do baculovírus anticarsia. Para dar respaldo ao programa, foi instalado no Centro de Treinamento, um laboratório de multiplicação de *Anticarsia gemmatilis*. Este trabalho terá continuidade nos próximos anos, bem como, deverão ser colocados em andamento, novos trabalhos de controle biológico de pragas.



AVES E SUÍNOS

Sistema semi-extensivo

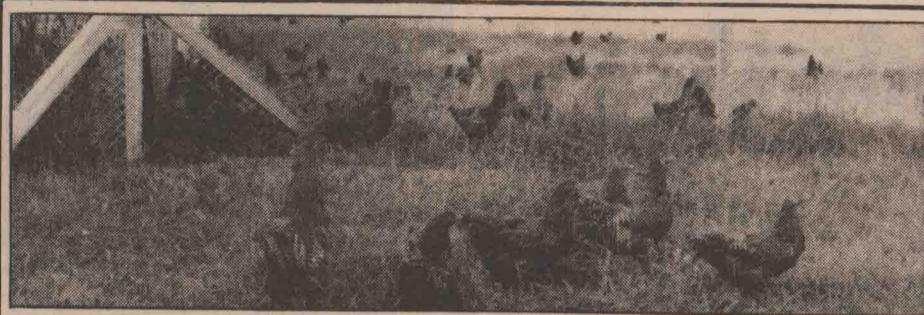
Galinhas crioulas e porcos rústicos começam a ganhar de volta os espaços que perderam para as aves híbridas e os porcos de pelagem branca. Essa nova situação começou a acontecer, praticamente a partir da introdução, no CTC, do programa de suínos e aves, desenvolvido em sistema semi-extensivo de produção. Ou seja, as aves são criadas em parques cercados e os suínos em piquetes, a campo.

No sistema semi-extensivo, os animais suprem grande parcela de suas necessidades alimentares com pastagens, permitindo, desta forma, grande economia em ração. A economia observada nos trabalhos realizados no CTC tem ficado ao redor dos 35 a 40 por cento. Também neste caso, é utilizado uma ração caseira, de baixo custo.

No programa de suínos, a raça mais utilizada é a Wessex. Ela também vem sendo empregada em cruzamentos com a Duroc. Futuramente o programa vai contar com a Landrace, também para cruzamento. No caso do programa de aves, as raças utilizadas são a Plymouth Rock Barrada e New Hampshire.

TABELA

O programa de suínos e aves desenvolvidos pela Cotrijuí conta também com a colaboração da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Secretaria da Agricultura. Dentro dos seus objetivos a Cotrijuí e demais entidades colaboradoras, estão tocando para frente vários trabalhos. Entre eles, a avaliação de produção de carne e ovos de galinhas em liberdade, sobre pastagem; estudo do crescimento de Plymouth Rock Barrada em diferentes sistemas de manejo e alimentação e avaliação do comportamento de suínos em sistema misto, sobre pastagem.



As galinhas são criadas em parques cercados e os suínos em piquetes, alimentando-se com pastagem e ração caseira

Produção, distribuição e plantel de suínos no CTC — 1983 a 1985

Raça	Nascimento	Distribuídos	Plantel atual	Morte e abatidos
Wessex	316	174	82	57
Duroc	123	90	4	29
Cruza	29	1	14	6
Landrace *	10	—	9	1
Total	478	265	109	93

* adquiridos

Produção e distribuição de pintos, plantel de aves do CTC. 1984/85

Raças	Nascimentos	Distribuídos	Plantel atual	Morte e abatidos
P. R. Barrada	13.205	11.696	889	620
N. Hampshire	557	341	125	104
Cruza	56	56	—	—
Total	13.818	12.093	1.014	724



Tremoço: recebendo atenção

LINHO E TREMOÇO

Duas excelentes alternativas para ocupação do solo

O cultivo do linho não é recente na região, mas o interesse técnico pela cultura vem crescendo de forma significativa, pois é mais uma alternativa a se firmar e ser levada adiante no trabalho de rotação. A Cotrijuí, através do CTC e em conjunto com a Fecotriço, vem participando dos Ensaio Regionais de Linho. Em 1984 o linho chegou a ocupar 7.130 hectares de lavoura na região, caindo para 2.775 hectares em 1985 em função do aumento da área de trigo.

O tremoço é outra cultura que vem recebendo a atenção da Cotrijuí. Os primeiros trabalhos de introdução, avaliação e seleção de materiais de tremoços doces — as espécies branco, amarelo e azul — começaram a ser feitos em 1976. O interesse pelo programa de tremoço tem várias razões: é uma excelente alternativa de ocupação e proteção do solo no inverno; é planta melhoradora do solo e indicada para adubação verde; tem potencial de produção de grãos para consumo animal e humano — variedades doces — e ainda, tem potencial de produção de forragem para animal.

Apesar de todos estes predicados, o interesse pela cultura a nível de produtor, vem diminuindo bastante. O motivo: intenso ataque de antracnose e de pragas no solo. Só em 1981, por exemplo, quando a cultura alcançou o auge entre os produtores, foram cultivados, na região, 15 mil hectares com tremoço, sendo que 13 mil hectares foram destinados para cobertura do solo e adubação verde e dois mil para a produção de grãos.

A recuperação da cultura vai depender da necessidade de introdução de novos materiais, de seleção e do melhoramento de plantas. Os trabalhos em andamento no CTC e que contam com a colaboração da Embrapa e CSIRO — Austrália, são os seguintes: introdução de linhagens e cultivares de tremoço; desenvolvimento de novas cultivares de tremoço e produção de sementes básicas de tremoço doce.

FORRAGEIRAS

Novas espécies



Dentro do programa de forrageiras, a alfafa, uma cultura que vinha amargando um descrédito entre os produtores da região, foi reintroduzida com sucesso. Várias cultivares, vindas inclusive de outros países, foram testadas e avaliadas, destacando-se sempre a Crioula/RS.

Mas o programa de forrageiras não se restringe apenas a alfafa. Outras espécies de forrageiras foram também introduzidas e avaliadas quanto a sua adaptação e produtividade. Hoje já estão plenamente difundidas na região e integradas ao meio a setária, pânico, guenoaro, milheto, bermuda, siratro, desmódio, trevo branco, trevo vermelho, trevo vesiculoso, trevo subterrâneo, além de novas cultivares de aveia.

Na área de introduções de cultivares, vale a pena destacar o trabalho que vem sendo realizado com pastagens tropicais, que conta hoje com 233 espécies e/ou cultivares em avaliação.

Os principais trabalhos em desenvolvimento e já desenvolvidos no CTC, são:

- Introdução e avaliação de espécies e cultivares na região noroeste do Estado;
- Produção de sementes básicas de leguminosas e gramíneas forrageiras;
- Teste de dois novos cultivares e dos disponíveis no Estado, de trevo branco consorciado com gramíneas;
- Avaliação de seis cultivares de capim elefante, sob pastagem, para rendimento de carne e leite;

- Introdução de linhagens e cultivares de serradela;
- Multiplicação de semente de serradela;
- Introdução e avaliação de linhagens e cultivares de ervilhaca;
- Ensaio preliminares de rendimento de grãos e forragem de linhagens e cultivares de ervilhaca;
- Multiplicação de sementes de ervilhaca;
- Avaliação de sincho na região noroeste do Estado e
- Multiplicação de semente de sincho.

A nível de propriedade, apenas em 1985, foram cultivadas 942 hectares de ervilhaca e 242 hectares de trevos na Região Pioneira da Cotrijuí. Tanto a ervilhaca como os trevos foram destinados à cobertura vegetal do solo no inverno e adubação verde, ao pastagem e à produção de grãos. As aveias para pastagem, por sua vez, ocuparam 15 mil hectares e o azevém 17,500 hectares.

Como parte do programa, a Cotrijuí vem procurando distribuir aos associados interessados, mudas de forrageiras, principalmente de capim elefante — seis diferentes cultivares — e capim bermuda.

Colaboram com a Cotrijuí no andamento do programa de forrageiras a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Embrapa, a Empasc, a CIAT-Colômbia e DPI — Austrália.



GADO DE LEITE

Avaliando o desempenho

Um outro programa, de gado leiteiro e ovinos, vem ganhando importância no CTC e visa, de início, a formação de plantéis próprios. O desempenho e a rusticidade das raças Gersey e Holandês vêm sendo avaliados em diferentes sistemas de manejo e alimentação, utilizando, inclusive, resíduos agrícolas. Também é motivo de estudo o desempenho das diferentes pastagens sobre a produção de leite. O rebanho de gado leiteiro é formado por 7 vacas Gersey e 8 Holandesas.

O interesse pelos ovinos reside na importante função que poderá desempenhar numa propriedade, tanto no sentido de proporcionar um melhor manejo das pastagens destinadas aos suínos, aves e bovinos, como ao fornecimento, a baixo custo, de carne para o consumo da propriedade.

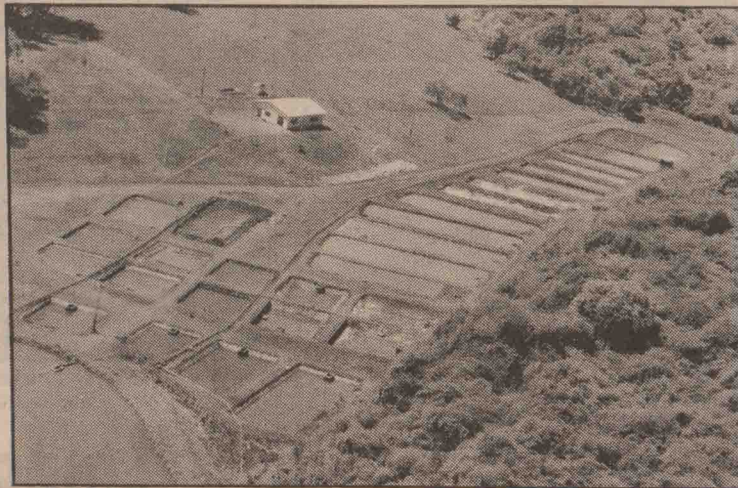
O plantel mantido pelo CTC totaliza 73 ovinos, sendo 33 matrizes distribuídas entre as raças Texel, Romney e Ideal e 40 cordeiros.



PISCICULTURA

Espécies mais produtivas

O CTC mantém um programa de treinamento de técnicos e produtores na atividade de piscicultura, através da realização de cursos. A preocupação inicial foi a de melhorar as condições das criações de peixes que vinham sendo desenvolvidas a nível de algumas propriedades. A produção de carpas,



A Estação de piscicultura foi criada em 1982

rapidamente passou de rendimentos de 800 quilos por hectare/ano, para 2.500 quilos por hectare/ano. A partir da introdução da nilótica e da carpa espelho, os produtores da região passaram a contar com espécies mais produtivas. O incentivo dado à produção de peixes em exploração integrada à suinocultura, permite que se obtenha, desde que a exploração seja bem manejada, rendimentos de até oito toneladas por hectare/ano.

Em 1982, através de projeto financiado pelo BNCC, foi iniciada no CTC a construção de uma Estação de Produção de Alevinos. Apenas em 84/85, 250.000 alevinos de carpa e nilóticas, foram produzidas. Cerca de 175.000 foram distri-

buídos aos associados da Cotrijuí e 75.000 destinados ao "peixamento" dos rios da região. Para 85/86, está previsto a produção e distribuição de cerca de 1.000.000 alevinos. A intenção para este ano é distribuir também alguns alevinos Capim e Carpa Prateada.

Para os próximos anos a previsão é de que a produção de alevinos do CTC possa atender, de maneira satisfatória, a demanda local e regional. Atualmente, várias cooperativas do estado e escritórios da Embrapa vêm se abastecendo de alevinos na Estação de Produção da Cotrijuí. O programa de piscicultura conta ainda com a colaboração do Propesca, Sudepe, Epamig e Dnoc.



Mais de mil produtores visitaram o CTC em 1985

VISITAS E TREINAMENTOS

Educação e conscientização

Entre todos os trabalhos que vem realizando, a Cotrijuí assume um outro de grande significação: a permanente educação e conscientização do seu quadro social, dos agricultores e estudantes. Através deste trabalho de educação e treinamento a Cotrijuí procura despertar-lhe a criatividade, estimulando-os para uma agricultura diversificada e equilibrada ecológica e economicamente e, ao mesmo tempo, mostrando-lhes os benefícios da integração lavoura/pecuária.

Dentro deste trabalho, o CTC vem servindo de base física, buscando soluções para os problemas e impasses da agricultura regional. A prova está no grande número de trabalhos importantes neste sentido, cujos resultados, seja através de reuniões técnicas, dias de campo, folhetos, cadernos técnicos, programas de rádio, audiovisuais ou até mesmo de jornais, sempre tem chegado e até sido colocado à dispo-

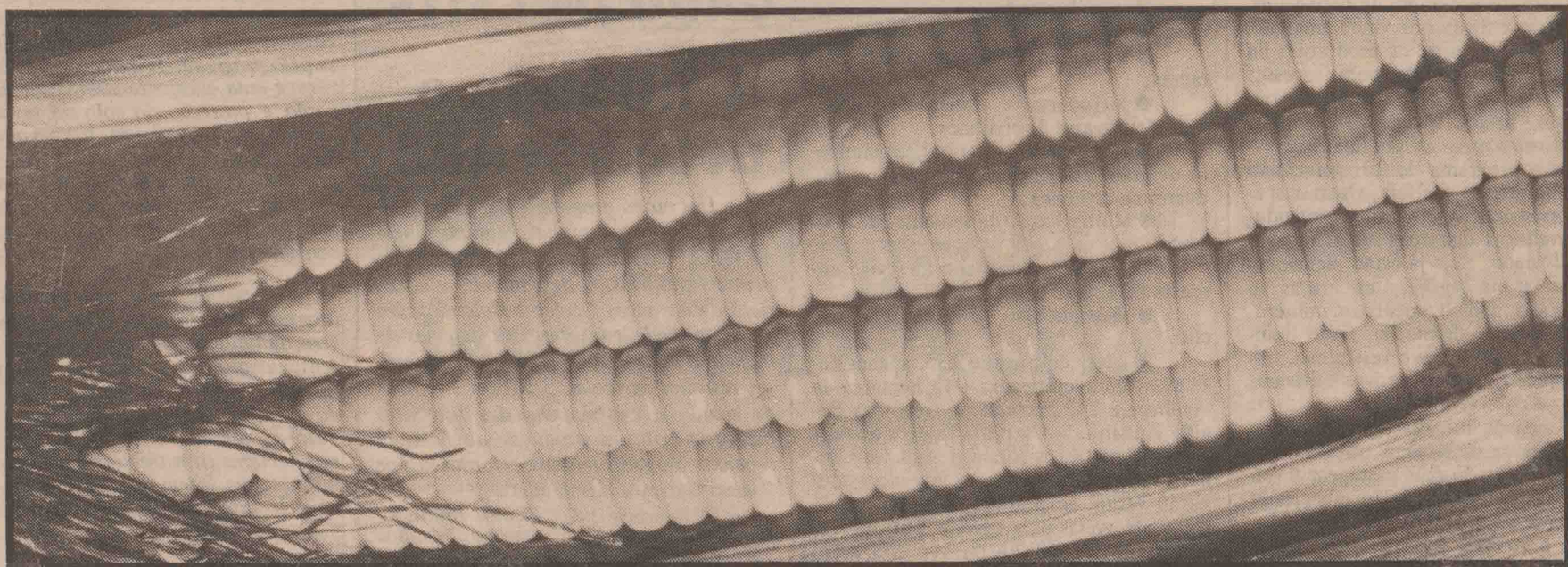
sição dos associados.

E assim como nos anos anteriores, o CTC viu passar 1985 realizando treinamentos, cursos ou recebendo visitas de agricultores ou de estudantes. O balanço das visitas e cursos do CTC estão no quadro abaixo.

Participantes	Visitas (n ^o)	Cursos (pessoas)	Total (pessoas)
Produtores	1.757	693	2.450
Estudantes	1.969	27	1.996
Técnicos	412	68	480
Outros	724	10	734
Total	4.862	798	5.660

O número de visitantes ao CTC tem aumentado de ano para ano. Em 1982, por exemplo, 1.375 pessoas passaram pelo Centro de Treinamento; em 1983, 2.920 e em 1984, 3.800.

TRABALHANDO POR UMA AGRICULTURA FORTE



A produção nacional de grãos desperta para uma nova arrancada. A Cotrijuí, que sempre esteve ao lado do agricultor, vai ajudar a plantar, colher e comercializar as safras do novo tempo. Associe-se à Cotrijuí e vamos criar uma agricultura do tamanho do Brasil. Juntos teremos mais segurança e melhores resultados.



COTRIJUI

Nada substitui a força da união

Americanos jogam duro

As armas dos EUA para recuperar mercado e aniquilar concorrentes



brasilera não pára aí. O analista lembra que o óleo tem peso na hora de se

Argemiro: é uma guerra

A sombra dos Estados Unidos pode crescer ainda mais no mercado da soja, com reflexos na comercialização da safra brasileira deste ano. Os americanos, que já chegaram ao ponto de desestimular o plantio de soja em 1983, com bonificações para quem não plantasse, invertem agora essa posição. Vão apostar tudo numa participação ainda maior nesse mercado, para recuperar os clientes da Europa e, é claro, minguar a concorrência de seus competidores mais próximos, o Brasil e a Argentina.

O analista de mercado, Argemiro Luís Brum, que há quase dois anos reside na França, realizando estudos sobre o comércio de oleaginosas, é quem faz essas previsões. Argemiro Luís é professor da Fidene/Unijuí e esteve em Ijuí, entre o final de dezembro e início de janeiro. Antes de retornar à Europa, e depois de participar de seminários sobre comercialização de soja e carne, nas regionais da Cotrijuí, ele fez uma análise sobre as perspectivas do mercado para este ano.

DÓLAR

O quadro não é nada favorável para os produtores gaúchos a curto e médios prazos. Ele relembra que o dólar americano, que no ano passado se transformou num fantasma para exportadores de soja, não mais é o vilão dessa história. A moeda, que contribuiu para a retração nos negócios em 1985, teve sua cotação enfraquecida, a partir de setembro último. Isso, numa observação mais apressada, poderia levar à conclusão de que o mercado poderia reagir. Afinal, o que se ouviu dizer é que o dólar forte reduzia o poder de compra dos países importadores da Europa.

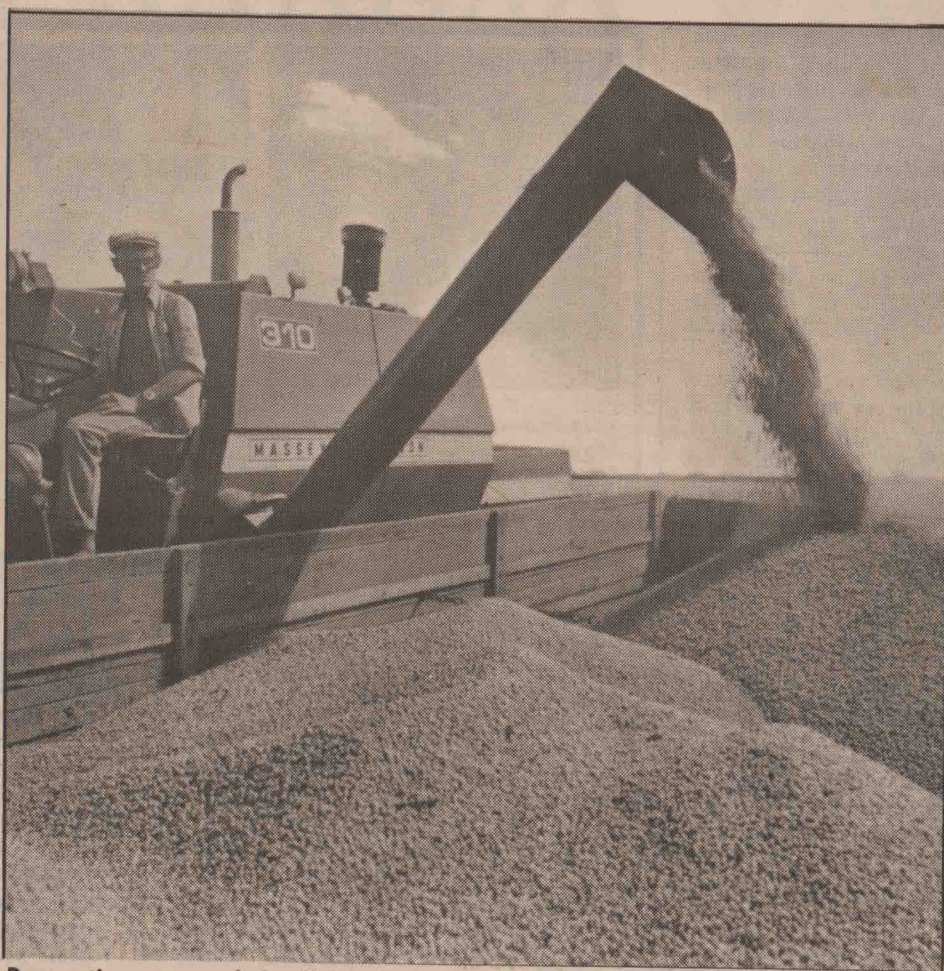
Só que os americanos não se dispõem a perder essa briga, pois sempre arranjam compensações para seus negócios. O dólar menos forte poderia de fato fazer com que o mercado se recuperasse, com benefícios para países como o Brasil e Argentina. Mas os Estados Unidos têm um plano pronto, para impedir o assédio desses concorrentes, segundo Argemiro Luís. "O que se presencia agora — diz ele — é uma verdadeira guerra comercial entre os EUA e outros países".

GUERRA

No caso da soja, a guerra está sendo reiniciada. Agora, em dezembro, o governo americano definiu a política agrícola para 86, determinando redução nos preços mínimos. Isso poderia indicar, pelo desestímulo à remuneração do produtor, uma tentativa de reduzir a produção. Nem é bem o que irá acontecer. O governo americano tira de um lado e compensa do outro. A compensação virá na forma de subsídios às exportações, ou seja, a soja é vendida a preços de mercado para o exterior, mas o governo banca a diferença ao produtor.

Isso já foi feito com o trigo, e certamente será feito com a soja. A última safra americana ficou ao redor de 57 milhões de toneladas de grãos, de um total mundial de 91,5 milhões. O Brasil participou com cerca de 17 milhões de toneladas, e a Argentina com 9 milhões. O que se prevê é que a participação dos EUA deverá crescer ainda mais, em função do subsídio que estimula indiretamente a produção. Nisso tudo, há objetivos bem claros dos EUA:

- O governo americano pretende aumentar a produção e forçar assim uma queda de preços a nível de bolsa. A diferença entre preço final e a remuneração ao produtor é bancada pelos cofres públicos com o subsídio.
- Provocando queda nos preços,



Perspectivas para a soja brasileira não são boas a curto e médio prazos

em função de uma maior oferta, os concorrentes são aniquilados. As consequências atingem diretamente Brasil e Argentina.

- Em terceiro lugar, os EUA comprometem, pelo menos em parte, os programas europeus de substituição da soja importada por oleaginosas produzidas internamente. Para os europeus, será mais interessante comprar um produto importado mais barato, para cobrir parte da demanda interna, do que investir nos programas alternativos.

MAIS GRÃOS

Acontece que a Europa está com mercado para a soja estagnado desde 1981, e essa situação é característica da França, o principal comprador de farelo brasileiro. Tanto a França como a Itália vêm investindo na produção de soja, colza e girassol, para reduzir a dependência criada pelas importações. Para complicar ainda mais quem vende soja, como o Brasil, as atividades que absorvem o farelo, para produção de carne de boi, suínos, aves e leite, estão em baixa. Há uma superoferta de alimentos e todos querem

vender para poucos que querem comprar.

Além de estar buscando alternativas internas, a Europa revela outra tendência sombria para os interesses dos exportadores de soja. Há uma disposição, na Comunidade Econômica Européia, de forçar a redução das compras de farelo, com prioridade para as aquisições em grãos. Isso seria favorecido pela entrada agora de mais dois novos integrantes da Comunidade, a Espanha e Portugal, que têm boa capacidade de esmagamento.

ÓLEOS

O que acontecerá a partir daí? O Brasil, que tem no farelo o carro-chefe das exportações, em especial para a França, seria prejudicado. Os europeus — segundo prevê Argemiro Luís — darão preferência aos grãos dos Estados Unidos. Assim é que os EUA fechariam o projeto de aumentar a produção, forçar a queda dos preços e reconquistar fatias perdidas no mercado europeu. Nem mesmo o Japão, que poderia ser lembrado como saída para absorver excedentes, é hoje mercado comprador.

O quadro desfavorável para a soja

fornar preço de mercado. Pois o óleo de soja tem concorrentes capazes de achatá-lo na composição final. Esse concorrente é o óleo de palma, que deve ter sua produção de 7,8 milhões de toneladas ampliada em 8,7 por cento, passando — na safra 85/86 — para 8,5 milhões. O óleo teria sua produção aumentada em apenas 1,8 por cento, passando de 13,1 para 13,4 milhões de toneladas.

Enquanto a participação do óleo de soja não acompanha o aumento da produção do óleo de palma, outro produto, extraído do girassol, também vai ampliando seu espaço. O óleo de girassol, que está em terceiro em produção, pode ter sua oferta aumentada de 5,6 milhões de toneladas para 6,4 milhões na safra 85/86. O que pesa, nesse crescimento que a soja não consegue acompanhar, é o menor custo das oleaginosas alternativas.

PLANEJADO

Esse conjunto de situações desfavoráveis terá repercussões durante um bom tempo, pois o processo de enfraquecimento da soja no mercado é bem arquitetado. Os Estados Unidos, que tentam se intrometer nos programas dos europeus, seriam os únicos beneficiados entre os exportadores. São eles, afinal, os maiores produtores de soja, e também os que mais investem em subsídios quando das exportações.

Argemiro Luís Brum também não vê a possibilidade de uma reação no mercado a curto prazo, que venha favorecer a safra brasileira deste ano. O primeiro fator capaz de provocar oscilações nas cotações é a estimativa da área de plantio nos EUA, como acontece anualmente. Essa primeira estimativa sai entre fevereiro e março, e os preços podem reagir se houver anúncio de redução da lavoura americana, o que parece pouco favorável. Outro fator pode ser o agravamento da seca no Brasil. Mas é claro que não seria interessante para o país esperar melhores preços na Bolsa de Chicago às custas de uma safra frustrada.

O que se vê hoje é a cotação da soja nos mais baixos níveis desde o "boom" de 1973. De lá para cá, nunca a soja havia chegado, como aconteceu em novembro, aos 4,90 dólares o bushell. Até o dia 16 de janeiro, a cotação estava em 5,35 dólares o bushell. Na pedra, para o produtor, a soja estava a 106 mil cruzeiros, no preço do dia.

Protek, um farelo mais barato

Além do assédio dos americanos, outro fator negativo para exportadores como o Brasil e Argentina é o desejo dos compradores de reduzir as compras de soja. Essa disposição já foi comentada muitas vezes por Argemiro Luís Brum, com números capazes de comprovar o êxito

dos programas europeus. Na França, por exemplo, em 6 anos a área destinada à soja cresceu 453 por cento. E a França é o principal comprador de farelo do Brasil.

Só que os franceses não contam apenas com o crescimento da produção de soja para diminuir as importações. Os criadores de bovinos, suínos e aves daquele país já contam com um farelo de colza e girassol, produzido lá mesmo, que substitui o farelo de soja com menores custos. O farelo é o tal de Protek, da indústria da Central Soya, um grupo americano que tem filial na França.

Argemiro Luís Brum observa que 100 quilos do Protek custam hoje para o criador 130 francos, contra os 175 francos do preço dos mesmos 100 quilos do

farelo de soja. O Protek é uma ração concentrada destinada à elaboração da ração caseira nas propriedades, e foi lançada para conquistar, no mínimo, 10 por cento do mercado francês.

Em 1985, os criadores da França consumiram 1 milhão de toneladas de farelo concentrado. A meta da Central Soya é vender algo ao redor de 100 mil toneladas em 1986. Argemiro ressalta que a França continua sendo o principal comprador de farelo brasileiro, mas vai deixando de ser um cliente seguro. Para atender à demanda interna, é provável que os franceses passem a comprar farelo de soja esmagado na Espanha, diminuindo a participação brasileira no fornecimento do produto para o engorde de bovinos, suínos e aves.

Em busca do novo pacto

Pesquisadora estuda o passado dos agricultores para lançar luzes no futuro

A história do Movimento dos Tricicultores, na década de 50, já foi contada muitas vezes, mas está longe de ser assunto esgotado. A mobilização de granjeiros, colonos e peões sem-terra, que terminou levando à criação das cooperativas de trigo, a partir principalmente de 1957, é novamente tema de pesquisa, agora por conta da professora Elza Fonseca Falkembach, da Fidene-Unijuf. A novidade, desta vez, é que, ao recontar essa história, Elza analisa mais a fundo as alianças que tornaram possível o surgimento do novo cooperativismo, e faz comparações entre a situação enfrentada pelos agricultores nos anos 50 e o quadro vivido hoje pelos que lidam com a lavoura.

O trabalho da professora está no livro "Desenvolvimento, Crise e Perspectiva do Cooperativismo Empresarial no Rio Grande do Sul", editado em convênio da Unijuf com a Fecotriga, Fundação de Economia e Estatística e o Laboratório de Economia Internacional de Montpellier (França). Elza pesquisou livros, jornais e documentos que vão desde o início do plantio do trigo no Rio Grande do Sul, que teria acontecido no ano de 1.600, até chegar ao Grito do Campo, em outubro de 1984. Mas o forte da pesquisa é mesmo o período do Movimento dos Tricicultores e o surgimento das cooperativas, nas décadas de 50 e 60.

POETA

Ela relembra que a mobilização em favor da triticultura nacional foi puxada pelos granjeiros arrendatários, que passam a ocupar terras do Planalto Médio, por volta de 1946. São geralmente campos cedidos por fazendeiros e advogados, médicos, comerciantes, que passam a ser conhecidos como os "aventureiros do trigo" ou "poetas rurais". Eles apostavam na lavoura como atividade que poderia assegurar boas rendas, e viam mais longe ainda: acreditavam que poderiam iniciar a modernização no campo.

Esses granjeiros lideraram, a partir da segunda metade da década de 50, o Movimento pela valorização da triticultura, depois de enfrentar o descaso do governo ou políticas instáveis, que oscilavam entre o apoio a questões imediatas e a total indiferença. Seus aliados são os peões sem-terra, que também utilizam áreas de campo para plantar, e os antigos colonos. Estes últimos, no entanto, não chegam a ter participação decisiva na condução do Movimento, e só entrarão de fato na história recontada por Elza após o surgimento das organizações que substituirão as antigas cooperativas mistas.

ALIANÇA

As reivindicações dos granjeiros ficavam em torno do subsídio à produção, estrutura para armazenagem, política estável para comercialização e a elimina-

ção das fraudes que beneficiavam especialmente a indústria moageira. Fala-se muito na necessidade do país substituir as importações de trigo e buscar a auto-suficiência. E, por trás disso tudo, apostava-se firme no enfrentamento à dominação estrangeira, exercida no caso pelos Estados Unidos, no desenvolvimento da agricultura e pelo menos na redução das desigualdades sociais.

Essa luta foi fruto de uma aliança entre grupos sociais contrários ao atraso representado pelo latifúndio, às indefinições do governo e à ameaça estrangeira. Esses grupos, representados pelos granjeiros, pelos peões e pelos colonos, levantaram também a bandeira da reforma agrária, nos anos 60, e tinham uma palavra de ordem: a defesa da soberania nacional.

As cooperativas tritícolas, que surgem em 1957, dão ao movimento o lastro econômico que faltava a uma forte luta política. Os produtores passam a contar com uma estrutura de armazenagem que lhes era negada pelo governo, e aos poucos conseguem — com pressão — uma política mais estável para o setor. É assim também, e especialmente a partir de 1964, que o governo atende aos interesses mais imediatos dos produtores, retirando-lhes, de outro lado, a possibilidade de real participação nas decisões.

PACTO

Todo o trabalho de Elza Falkembach conduz para uma análise deste período e o seu confronto com o que passa a acontecer principalmente entre o final da década de 70 e início de 1980, e que culmina com o Grito do Campo, em outubro de 1984. Com o fim do modelo que durou mais de duas décadas, sem crédito barato, sem mercado para a soja que consolida a modernização e sem perspectiva, o que resta ao agricultor? Afinal, nem mesmo a meta da auto-suficiência foi alcançada, apesar da lavoura moderna puxada pelo trigo ter sido depois conduzida pela soja.

Para a professora da Fidene/Unijuf, é agora que se questiona de novo o tal pacto que permitiu, a partir do Movimento dos Tricicultores, a formação das cooperativas empresariais. O Grito do Campo, segundo ela, tem muito das características do Movimento de mais de duas décadas atrás, porque volta a defender a soberania do país, se opõe à política econômica, pede a reforma agrária. Mas será que as mesmas figuras de tanto tempo atrás — o granjeiro, o peão e o colono — estão de novo andando pelo mesmo caminho?

INTERESSES

A situação hoje é outra — explica Elza —, mesmo porque a lavoura capitalista, almejada na década de 50, está consolidada. É nessa hora que começam a ficar definidos os interesses dos grupos sociais envolvidos na



Elza Falkembach pesquisou o Movimento dos Tricicultores, que na década de 50 agitou o Estado com seminários e passeatas, como esta da foto, em Ijuí



produção. E com essa definição é que o próprio cooperativismo irá se reacomodar, passando por mudanças e ao mesmo tempo resgatando seu compromisso não só econômico, mas também social. Também fica claro hoje que a bandeira da reforma agrária, por exemplo, volta a ser erguida pelos pequenos produtores e pelos empresários rurais modernos, ao mesmo tempo em que é rejeitada pelos latifundiários. Nem poderia ser diferente.

"Os avanços conquistados com a abertura política permitem que também os agricultores passem a evidenciar seus interes-

ses, definindo-se os grupos sociais", diz Elza. Esse também é, em função disso tudo, o momento de se definirem os espaços políticos de atuação de cada uma das categorias. E o lugar mais próximo, para que essa atuação se concretize são certamente os sindicatos.

As cooperativas, que chegaram a cumprir uma tarefa também política, igualmente passarão por mudanças, como prevê a pesquisadora. Afinal, a realidade é outra, e a rearticulação de forças, para renovação do pacto social, irá considerar o novo quadro político e eco-

nômico. Elza arrisca dizer que há uma tendência hoje em favor do fracionamento das cooperativas. "Isso não aconteceria — explica ela — em função da necessidade das cooperativas se 'apequenarem', ou seja, simplesmente reduzirem seu tamanho".

Não será com pequenas entidades desarticuladas entre si que o cooperativismo conseguirá competir num sistema capitalista. O fracionamento será provocado muito mais pela necessidade da rearticulação de interesses dos grupos sociais, e não porque a saída agora seja voltar a ser pequeno.

NUVACRON

o 3 EM 1 DA CIBA-GEIGY

NUVACRON 400 é o produto que combate as principais pragas da soja (Lagarta da Soja, Lagarta Falsa Medideira, Broca das Axilas e Percevejos — Verde, Verde pequeno e Marrom), com tri-proteção. Porque NUVACRON tem em sua formulação um ingrediente ativo, o Monocrotofós na proporção de 400 gramas para cada litro de produto. NUVACRON 400 é um inseticida sistêmico que também age por contato e ingestão. É a chamada tri-proteção. Assim:



Os Percevejos, ao sugarem a seiva da planta, não escapam, pois NUVACRON 400, com sua ação sistêmica, permanece ativo no interior da planta, sem ser lavado pela chuva.

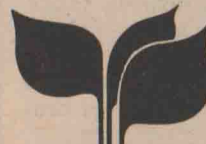


As Lagartas, ao comerem as folhas, também não escaparão (ação de ingestão).



As pragas que estiverem sobre a planta quando tocarem nela, durante e após a aplicação de NUVACRON 400, serão controladas (ação de contato).

Não aplique defensivos desnecessariamente. Utilize o controle integrado de pragas e siga as instruções da EMBRAPA para determinar a infestação de sua lavoura. Se constatar infestação a nível de dano econômico, use NUVACRON 400, o 3 em 1 da CIBA-GEIGY.



NUVACRON®

® Marca Registrada

Os granjeiros e o jogo político

Movimento foi conduzido por liberais e comunistas

O Movimento dos Triticultores foi uma luta econômica, mas foi também um projeto político. Se não tivesse sido assim, a briga iniciada na década de 50 não teria levantado as bandeiras do desenvolvimento nacional, da reforma agrária, do enfrentamento à dominação estrangeira. Estava claro na cabeça dos articuladores do Movimento que o Brasil precisava dar um passo adiante, e este passo poderia se iniciar no campo. Uma agricultura moderna — segundo eles — iria puxar o desenvolvimento e daria nova feição ao país.

A professora Elza Falkembach conta no seu livro, com muitos detalhes, de que forma o Movimento era fermentado, com seminários, congressos, passeatas (leia primeiro a matéria na página anterior). As idéias, para condução tática da luta, não saíam da cabeça de pessoas que tinham as mesmas posições políticas. Elas brigavam juntas pelo fortalecimento da lavoura e pela defesa da soberania do país, mas eram engajadas ou simpatizantes de partidos diferentes e com programas bem distintos.

INTELECTUAIS

Essas pessoas eram geralmente os intelectuais do Movimento, os "poetas" que se encarregavam de pensar o que fazer. Eram os granjeiros arrendatários (comerciantes, advogados, médicos, dentistas e outros profissionais liberais) ligados aos partidos liberais ou conservadores, como o PSD, PTB, UDN, PRP e PL. E também havia entre eles os militantes do Partido Comunista Brasileiro. Segundo Elza, o pessoal do PCB teve bastante influência na condução do Movimento.

Ela lembra que os liberais aceitavam a tática dos comunistas para condução do Movimento, mas desconfiavam dos "fins últimos que o PCB propunha para a sociedade brasileira". Um detalhe importante é que os partidos não interferiam diretamente na luta dos triticultores. A participação política se dava através dos simpatizantes, que antes de serem militantes de determinado partido dentro do Movimento eram, na verdade, granjeiros brigando principalmente por uma questão imediata.

EM DUPLA

A preocupação com o equilíbrio de forças chegava ao ponto dos liberais tomarem certas cautelas. Eles andavam sempre em dupla com os comunistas, quando de congressos e conferências, para acompanhar de perto suas pregações. O pessoal do PCB acreditava que, com a modernização da lavoura e o surgimento de uma agricultura empresarial, estaria acontecendo um grande avanço no sentido do fortalecimento ou surgimento de



Miron: todos se conheciam

determinadas categorias sociais, como o trabalhador assalariado do meio rural.

Um dos nomes mais lembrados entre os militantes do PCB é o do economista Paulo Schilling, que foi granjeiro arrendatário em Encruzilhada do Sul. Schilling participou depois, da década de 60, do movimento pelas reformas de base no Estado. Ele escreveu vários livros sobre o trigo e a economia do Rio Grande do Sul. Foi assessor do governador Leonel Brizola e se exilou, depois de 64, no Uruguai. Schilling reside atualmente no Rio de Janeiro.

LEMBRANÇAS

Boa parte das pessoas envolvidas no Movimento ou no surgimento das cooperativas tritícolas desconhece essa participação do PCB nas articulações da década de 50. O contabilista Léo Miron, de Ijuí, se recorda de Paulo Schilling, "que era um rapaz inteligente", mas afirma que, na época, desconhecia sua militância comunista. Miron foi o primeiro diretor comercial da Cotrijuí, de 1957 a 1966. Depois, de 74 a 78, atuou como diretor de patrimônio da Cooperativa, quando se aposentou.

Ele acompanhou toda a movimentação para criação da Cotrijuí como funcionário da Casa Veterinária, usada como ponto de encontro dos granjeiros arrendatários. Ali aconteciam rodadas de chimarrão e grandes papos sobre a triticultura, com participação dos "poetas". Mas Léo Miron concorda com Elza Falkembach ao dizer que Ijuí não tinha comunistas declarados. "Havia um bancário já falecido, que diziam ser comunista, mas este não era granjeiro", relembra o contabilista. Muita gente poderia até simpatizar com o PCB, mas sem alardear a preferência, pois o partido estava na ilegalidade.

JÂNIO

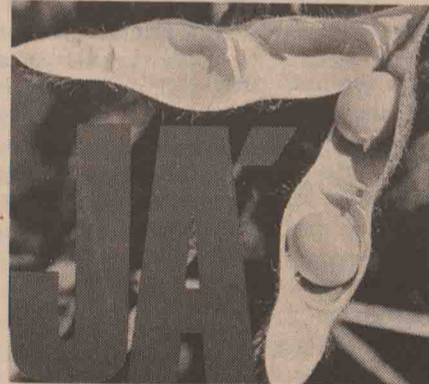
"Todo mundo se conhecia, e em Ijuí não se sabia da existência de comunistas", diz ele, observando que, antes das idéias políticas, os granjeiros tinham outra que pesava bem mais: "A idéia mesmo era ganhar dinheiro". Léo Miron se recorda de

alguns dos intelectuais do Movimento, que defendiam pontos de vista "mais avançados", como Leo Fett e Genaro Krebs, de Santo Ângelo. Mas também estes, segundo ele, não se declaravam militantes do PCB.

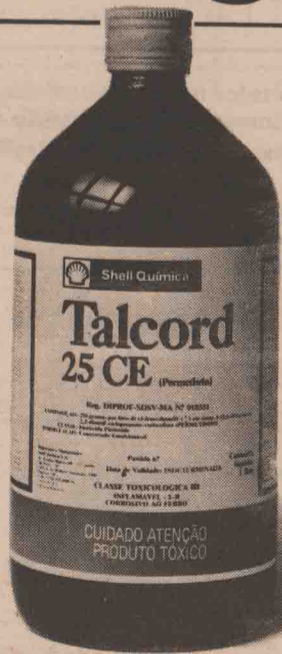
Em 1960, Miron chegou a participar, junto com Paulo Schilling, de um grupo de triticultores que foi ao Rio de Janeiro falar com o então presidente eleito Jânio Quadros. Levaram junto até mesmo um padeiro, para provar que o Brasil poderia consumir um pão que não dependesse apenas do trigo importado. Esse pão seria feito com uma mistura de farinha de trigo, milho, centeio, painço e sorgo. Vinte e cinco anos depois, Jânio está de volta à política, com um olho na presidência da República, e o Brasil ainda não conseguiu reduzir a dependência do trigo para fazer o pão que consome.



Esta foto no Pão de Açúcar é de 1960, quando uma comissão foi falar com Jânio. Da esquerda para a direita, Paulo Schilling, Miron, Edgar Peres, presidente da Fecotriço, e Ênio Kilpp, conselheiro da mesma Federação



Lagartas não.



Quando a infestação de lagartas atingir níveis de dano econômico, aplique Talcord 25 CE. Inseticida à base de permetrina, é o mais eficiente plertróide para o controle da lagarta-da-soja.



Shell Química

Uma tarefa que é de todos

O ano de 1985 foi decisivo para o setor de Comunicação e Educação e de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Região Pioneira na Cotrijuí. O setor foi totalmente reformulado, passando a ter uma função de assessoria junto ao grupo executivo comum da Cooperativa e que é formado pela sua diretoria eleita e contratada. "Além da reorganização administrativa, comenta o Walter Frantz, assessor do departamento na Região Pioneira, o setor foi também reorientado no sentido de suas atividades desenvolvidas, sem, no entanto, deixar de aproveitar as experiências acumuladas nestes anos todos de trabalho".

Em cima destas experiências, se construiu uma nova proposta de trabalho, procurando melhorar qualitativamente o trabalho e ao mesmo tempo, adaptar-se às novas circunstâncias do momento. Sendo assim, a Comunicação passou, efetivamente, a ser colocada como uma tarefa de todos. "Não existe mais o chamado "comunicador", que tinha de saber tudo o que acontecia dentro da Cooperativa e ainda desempenhar o papel de intermediário entre a direção e o quadro social", explica o Romeu Rohde, chefe do setor de Comunicação e Educação na Pioneira. Com a implantação das reformulações, todos deverão estar aptos a enfrentar um grande desafio: o da formação e informação.

Assim como os funcionários terão de se capacitar, de entender melhor a sua cooperativa, o Walter Frantz também admite que a própria Cotrijuí terá de se estruturar melhor para agilizar todo o fluxo de informações. O compromisso com a informação é a grande tarefa de todos, ficando apenas a coordenação desse fluxo entre o universo dos associados, funcionários e cooperativa para a área de Comunicação e Recursos Humanos.

NECESSIDADE

Dentro da nova proposta de trabalho, abre-se, segundo o Romeu Rohde, uma outra necessidade que é a do treinamento destes recursos humanos, ou seja, a formação destes recursos humanos. Toda essa prática de treinamento e desenvolvimento deverá, segundo o Walter, pautar-se por duas noções básicas, isto é, por dois conceitos: o de desenvolvimento e o de treinamento. "Por treinamento se entende a preparação para o desempenho da função e cujo objetivo é o de elevar os níveis produtivos de trabalho dos funcionários. Através do desenvolvimento, continua o assessor de Comunicação e de Desenvolvimento em Recursos Humanos, se busca a formação política e cultural, oportunizando a capacita-



Uma das reuniões da direção com os representantes e que se falou de comercialização

ção criativa. O objetivo fundamental consiste em tornar as pessoas criativas e agentes ativos do processo produtivo".

MUITO TRABALHO

As reuniões de núcleos, os encontros e seminários têm servido para aumentar o interrelacionamento entre o quadro social, a direção e os funcionários da Cooperativa. Dentro desta visão, pode-se dizer que 1985 foi um ano de muito trabalho, onde a participação do associado, o contato com a Cooperativa ficou assinalado através dos 1.235 encontros, reuniões e seminários realizados, e que atingiram um total de 23.339 associados, todos eles ligados à Regional Pioneira.

As reuniões específicas com os representantes eleitos chegaram a 99, contando com a participação de 1.419 pessoas. Na Regional Pioneira o número de representantes eleitos totaliza 90. "Entre estes encontros e reuniões, salienta o Walter Frantz, destacam-se aqueles realizados pela direção com os representantes para tratar de diversos assuntos, entre estes a comercialização da produção". Só em 1985, depois da posse da nova diretoria da Cotrijuí, aconteceram cinco destes encontros.

Também somam as reuniões da direção junto às demais Unidades da Regional Pioneira, como forma de descentralização da administração e que sempre

contaram com a participação dos representantes. Em Ijuí, por exemplo, foram realizadas duas reuniões com os associados da cidade — com o núcleo da sede —, quando foram tratados assuntos referentes à situação da Cooperativa. Numa destas reuniões, por sugestão do próprio núcleo da sede, foi realizada uma visita ao Centro de Treinamento da Cotrijuí.

Nas reuniões com associados se discutiu o balanço da Cooperativa, o encaminhamento do processo eleitoral, reforma administrativa, educação, constituinte, comercialização, diversificação da produção, entre outros (ver quadro abaixo). A discussão

do balanço, vem sendo feita, inclusive, por orientação regimental da Estrutura do Poder e colocado em prática há quatro anos.

As reuniões com esposas e filhas de associados, em número de 796, atingiram 12.361 pessoas apenas nas Unidades da Regional Pioneira. O encontro de liderança, realizado em novembro, em Ijuí, reuniu 304 mulheres, líderes oriundas de todos os núcleos da região.

As atividades desenvolvidas com funcionários chegou, em 1985, a 205, contando cursos, palestras e estágios, envolvendo 4.549 pessoas. "Nestes cursos e palestras, observa o Walter, além dos assuntos específicos da área de treinamento, também foram discutidas questões envolvendo o cooperativismo, a organização do produtor, a racionalização do trabalho, política agrícola, entre outros.

A área agrotécnica também teve um ano cheio de trabalho envolvendo associados. Suas atividades ficaram entre dias-de-campo, reuniões técnicas, encontros, palestras, cursos, atingindo um total de 7.392 associados. No Centro de Treinamento o número de visitantes, na sua maioria associados da Cotrijuí, atingiu 5.660.

PREOCUPAÇÃO

Todos estes números citados, segundo o Walter Frantz, indicam claramente a preocupação que se teve em 1985 de organizar e informar o quadro social. "Este trabalho deverá ter continuidade em 1986, com a preocupação de corrigir as falhas que ainda persistem. Queremos que a participação do associado na Cooperativa aconteça de forma constante e não apenas periodicamente. A informação, a participação e a integração entre os associados, direção e funcionários são questões centrais no dia-a-dia de uma Cooperativa".

Principais assuntos levantados nas diversas atividades realizadas durante o ano. Setor de Comunicação e Educação e de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuí na Região Pioneira, 1985.

Assuntos
Reforma administrativa
Balanço
Eleições
Educação
Constituinte
Comercialização e diversificação
Reestruturação do trabalho do setor
Reativação da comissão de leite
Encontro com outras cooperativas da região
Saúde e Nutrição
Capitalização
Cooperativismo
Reforma Agrária
Planejamento de trabalho.

O Quadro das atividades desenvolvidas em 1985. Setor de Comunicação e Educação e Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuí, na Região Pioneira, 1985.

Atividades	Nº de cursos palestras ou encontros	Nº de participantes
Reun. c/ assoc. e familiares	247	6.861
Reun. c/ esposas e filhas de associados	796	12.361
Reun. palest. c/ jovens e estudantes	22	977
Reun. c/ representantes	99	1.419
Reun. c/ comis. de atividades	27	688
Reun. e encontros de líderes (hom. e mul.)	24	811
Cursos para novos assoc.	14	151
Curso de corte e cost.	07	71
Total	1.235	23.339

LAVOURA DO MÊS



ALHO

A disponibilidade de semente, que para a próxima safra será pequena em função do interesse demonstrado pelos produtores da região em relação ao plantio desta cultura, tem feito com que a Cotrijuí, através do Departamento Técnico, oriente os produtores no sentido de que armazenem a semente própria em locais bem ventilados, nos galpões onde foram curados, e devem ser conservados na temperatura ambiente.

Participação da Cotrijuí na reunião da Associação Gaúcha dos Produtores de Alho, realizada em Porto Alegre, tendo como temas principais: reserva, compra e posição sobre alho semente e importações de alho.

Com relação as importações, no final do ano/85, o Sindicato dos Importadores de São Paulo e as indústrias, tentaram importar 1.800 toneladas de alho industrial, sendo que a manifestação contrária da Anapa e do comitê do Planalto, fizeram com que a importação fosse suspensa. A importação de alho, tanto industrial como comercial, possivelmente poderá ocorrer no mês de fevereiro, apesar de estar prevista somente para março.

Em recente visita a Argentina, alguns integrantes da Anapa estiveram visitando as regiões produtoras de alho. A produção

nesta última safra foi muito boa, com produtividade variando de 7 a 11 toneladas hectare.

Os preços a nível de produtor estavam muito baixos (cerca de 0,4 dólar/kg), sendo que a grande fatia do lucro fica com o intermediário. A Argentina exporta os alhos brancos nobres para os EUA e países europeus. Os alhos roxos são exportados para o Brasil, com preço previsto de aproximadamente 4 dólares/kg.

Com relação ao alho semente, foram discutidos: disponibilidade de sementes, produção de semente certificada de alho Quitéria, informações técnicas sobre ciclo, adaptação em outras regiões, fotoperíodo, aquisição de sementes pelas cooperativas e instituições interessadas.



HORTALIÇAS DIVERSAS

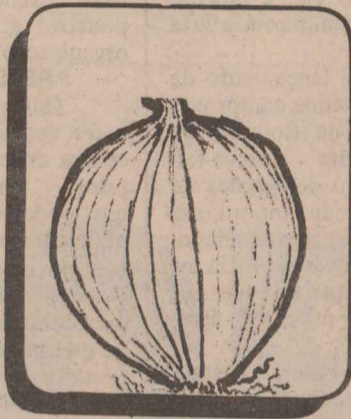
Com a forte estiagem, a redução na oferta de hortaliças tem se acentuado, ocorrendo a diminuição da qualidade do produto e elevação dos preços a nível de consumidor.

A falta de água para irrigação das hortas tem sido o principal problema observado na região produtora. O repolho, pepino e a alface, são hortaliças que estão sendo produzidas em maior escala, sendo que beterraba e cenoura estão apresentando grandes dificuldades de desenvol-

A seca está sendo responsável pela diminuição da qualidade e pela elevação dos preços dos hortigranjeiros.

vimento.

A cooperativa, a partir dos próximos dias, colocará à disposição dos associados sementes de hortaliças diversas, próprias para o plantio neste primeiro semestre do ano. Todas as unidades da região pioneira serão abastecidas, proporcionando, a partir da ocorrência das chuvas, que o associado passe a iniciar o plantio de hortaliças para o consumo próprio, a nível de hortas domésticas ou para venda no caso de hortas comerciais.



CEBOLA

Com o ingresso da cebola da Região Sul (SC-RS) na Ceagesp (SP) e Ceasa-RJ, os preços tendem a se elevar, uma vez que o produto do sul é, indubitavelmente, mais caro. Os preços tendem a elevar-se até que a cebola argentina passe a ser compatível em termos de preço. A partir desta igualdade, certamente iniciará a importação do produto pelo Governo Federal ou o comércio formiga via fronteira BR-ARG se intensificará.

FRUTÍFERAS

Lembramos aos senhores associados da região pioneira que já estão abertos os pedidos de mudas de árvores frutíferas em todas as unidades. Procure informações junto ao Departamento Técnico e desde já encomende suas mudas.

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIETADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase Chumbinho				12 m2 Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagrner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagrner e Maravilha verão		12 m2 Kagrner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tal Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

UNIMED-IJUÍ
SOCIEDADE COOPERATIVA DE SERVIÇOS MÉDICOS LTDA.

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE COTRIJUI - UNIMED

Os beneficiários do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED deverão comparecer, no período de 20.01.86 a 31.01.86, nas Unidades em que entregam sua produção, para renovação ou cancelamento do referido plano de saúde.

Os associados da COTRIJUI ainda não beneficiários e que desejarem participar do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED poderão inscrever-se no período de 20.01.86 a 22.02.86, nos locais acima mencionados.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta com 286 médicos, 36 hospitais e 34 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

1 - Consultas com todos os médicos da área pioneira da COTRIJUI, num total de 286 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área;

2 - Exames de laboratório: atendimento por 34 laboratórios;

3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anatomo-patológicos, etc;

4 - Fisioterapia;

5 - Exames de Raio X;

6 - Atendimentos de urgência diretamente nos pronto-socorros;

7 - Hospitalizações em quarto semi-privativo, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesareanas);

8 - Medicamentos hospitalares; quando a internação hospitalar ocorrer exclusivamente através da UNIMED.

Maiores informações sobre o Plano como complementação de honorários em acomodação hospitalar superior com ou sem acoplamento com o INAMPS, carências, etc. encontram-se no Folheto COTRIJUI-UNIMED à disposição nas Unidades da Cooperativa.

Os usuários podem utilizar a assistência odontológica, pelo sistema de Serviços Prestados, pagando o custo pela Tabela da UNIODONTO CENTRO OESTE - Sociedade Cooperativa de Serviços Odontológicos Ltda.

O sistema funciona da seguinte maneira:

1 - o usuário, de posse da Carteira de Beneficiário da UNIMED, se dirigirá ao dentista de sua escolha que fará o orçamento do tratamento a ser realizado;

2 - de posse do orçamento, o usuário se dirigirá à UNIMED onde pagará previamente o custo orçado.



COTRIEXPORT - CORRETORA DE SEGUROS LTDA

A SERVIÇO DA COTRIJUI E DE SUAS SUBSIDIÁRIAS

Senhores Associados e Funcionários. Estamos aptos a prestar-lhe os seguintes serviços: - Seguro de Veículos; - Seguros de Maquinários Agrícolas; - Seguros Residenciais; - Seguros de Vida em Grupo e Acidentes Pessoais; - Bilhete Obrigatório.

Maiores informações: Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone: 332-3765 ou 332-2400, ramal 364.

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342, 5º andar - Fone: 21.08.09.

A luta retomada

Igreja volta a falar da terra no minifúndio da soja

Um padre polonês, que está há seis anos no Brasil, vai retomar numa das paróquias de Ijuí o trabalho que a Igreja não realizava no município desde os tempos da FAG — Frente Agrária Gaúcha, no início da década de 60. Zdzislaw Malczewski, vigário da Matriz da Natividade, que chegou há dois anos a Ijuí, vindo de Erechim, tem como tarefa prioritária estimular a formação de núcleos da Pastoral Rural. E, a partir dessa organização, motivar a comunidade católica para um assunto que andava meio esquecido na paróquia: a reforma agrária, já escolhida como tema da Campanha da Fraternidade de 1986, com o apelo "Terra de Deus, Terra de Irmãos".

O caso da Natividade é bem um exemplo da retomada da questão da terra em regiões onde a Igreja preferia ser moderada diante de tema tão polêmico. Apesar das romarias da terra, que se realizam todo ano desde o final da década de 70, das pastorais que se ampliaram em outras regiões do país, e da luta dos bispos e padres do Norte e Nordeste no enfrentamento a grileiros e jagunços, na zona de trigo e do Rio Grande do Sul o assunto andava em banho-maria. O lançamento do Programa Nacional de Reforma Agrária e o debate que envolve o país estão fazendo a Igreja avançar um pouco também nessas regiões, antes mesmo do lançamento da Campanha da Fraternidade, que só acontecerá dia 12 de fevereiro.

FÉ E VIDA

"Ainda há os que não admitem que a religião deve estar ligada à vida, e se surpreendem quando se discute reforma agrária e Constituinte", diz o vigário da Natividade, ressaltando: "A fé deve levar à vida". Ele sabe que não vai ser fácil, "pois até mesmo o pequeno agricultor tem medo de perder sua terra". Zdzislaw lembra que "o povo tem medo, e quando se fala em reforma agrária pensa-se logo em comunismo".

Para o vigário, essa associação entre mudança na estrutura fundiária e comunismo pode ser tratada com clareza, especialmente por alguém que, como ele, veio da Polônia. O padre relembra o caso do cardeal primaz da Polônia, Augusto Hlond, que repetia um alerta aos seus bispos, antes da Segunda Guerra. De acordo com o cardeal, os bispos, que eram grandes proprietários, deveriam estimular uma reforma agrária no país, a partir da divisão de suas próprias terras. "Veio o comunismo — conta o vigário — e as terras foram repartidas à força".

INVASÕES

Este não é o caso do Brasil — esclarece Zdzislaw a quem lhe pede explicações. Ele está convencido de que a reforma pode sair sem grandes traumas. "A Igreja — afirma — deve conscientizar o povo para que este conheça a realidade e saiba que no Brasil não há falta de terra". O que aconteceu no país, segundo o vigário, é uma brutal concentração da propriedade.

A Natividade já está iniciando o trabalho de formação dos núcleos da Pastoral da Terra, em atenção a uma prioridade que é de toda a diocese, que tem sede em Cruz Alta e abrange 27 paróquias na região. Cada comunidade do interior desses municípios terá seu núcleo, que contará com uma comissão central na diocese. Os próprios leigos se encarregarão do trabalho, que prevê debates e levantamentos sobre a situação dos sem-terra.

Zdzislaw ressalta que a escolha da questão da terra como tema prioritário pela diocese aconteceu antes mesmo do lançamento do programa do governo, em maio. Ele já abordou o assunto em ser-

mões, nas missas da Natividade, e não se sente constrangido ao tratar de tema quase esquecido. Afinal — diz ele — a reforma agrária deve ser uma luta de toda a sociedade. "E se a reforma não for justa, os próprios sem-terra vão promover invasões, sem a ajuda de ninguém".

JUSTIÇA

Essa também é a opinião do bispo diocesano de Cruz Alta, Dom Jacó Hilgert, que irá coordenar a Campanha da Fraternidade nas 27 paróquias. "A realização da reforma agrária é uma questão de justiça social, e ela precisa acontecer agora, de forma pacífica, para que não aconteça mais tarde com o uso da força", afirma o bispo. Segundo ele, a diocese está motivada para contribuir com a luta dos sem-terra.

E, antes mesmo do lançamento da Campanha, a diocese pretende comprovar essa motivação quando da Romaria da Terra, no dia 11 de fevereiro — a terça-feira de carnaval —, levando delegações de vários municípios à Fazenda Annoni, em Sarandi. "Os que entendem que os religiosos devem ficar recolhidos à sacristia estão reagindo a esta participação, mas nós apenas cumprimos com a missão da Igreja", observa Dom Jacó.

Ele diz mais: "A pressão já é bastan-



Dom Jacó: esta é a missão da Igreja

te acentuada, para que a Igreja não participe dessa luta, e eu aqui em Cruz Alta não consigo nem mesmo divulgar artigos sobre o assunto na imprensa. Os contrários à reforma agrária se organizam de todas as formas para ter o controle absoluto da opinião pública". Para o bispo, essas resistências serão, de qualquer forma, vencidas aos poucos, através da organização.

PRESSÃO

Outra barreira a ser vencida se encontra entre os próprios agricultores que poderão ser beneficiados pela reforma,

no caso os pequenos proprietários. Dom Jacó admite que não são poucos os minifundiários que entraram na conversa de que poderão perder suas terras. "Existe até mesmo — diz ele — pequenos agricultores que fazem críticas aos seus irmãos acampados na Fazenda Annoni, e que são muitas vezes taxados de aproveitadores ou vagabundos".

As críticas aos acampados se baseiam no fato de que alguns deles já teriam, anos atrás, recebido terras. "Essa gente realmente fracassou, mas muitos poderosos também já fracassaram. O fracasso é decorrência da falta de apoio dos problemas de um sistema capitalista", ressalta o bispo ao se referir à situação de antigos assentados. Ele entende que todos os setores favoráveis à reforma devem se mobilizar, ou a luta não irá avançar.

"Eu ainda tenho dúvidas sobre as reais intenções do governo diante dessa questão", diz Dom Jacó. "As forças polí-



Zdzislaw: os pequenos também temem a reforma agrária

ticas e econômicas que se opõem a isso ainda são muito grandes, e eu não sei se a proposta de reforma agrária não será apenas uma tapeação para conter um pouco a pressão popular".

COMPROMISSO

Em Ajuricaba, o vigário Wunibaldo Reckziegel, da paróquia São Pedro, já vem abordando a questão da terra, principalmente em trabalhos com as comunidades do interior, e irá intensificar o debate com a Campanha da Fraternidade. A reflexão em torno do assunto será coordenada pelos grupos de família, que irão dedicar especial atenção a esta troca de idéias durante a quaresma. Mas o vigário também admite que enfrentará resistências no município.

"Apesar de todos serem cristãos, e da maioria estar aberta à reflexão, há os que não aceitam essa participação da Igreja", afirma ele. Segundo o padre, apesar do bom trabalho realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Ajuricaba, ainda existem muitos pequenos agricultores contrários à reforma agrária. "Estes agricultores — afirma — são convencidos pela conversa dos grandes, e terminam ficando contra si mesmos".

Para o vigário, a conscientização do agricultor irá acontecer aos poucos, apesar da "malícia dos que tentam confundir os". E aos que condenam a ação da Igreja, ele tem uma resposta na ponta da língua: "Jesus Cristo ensinou o Pai Nosso, mas também multiplicou o pão e se preocupou com os problemas concretos dos homens, enfrentando a máquina dos poderosos. Esse deve ser o compromisso de qualquer cristão".

Para Wunibaldo, Cristo "foi o maior de todos os políticos e, ao fazer política, a Igreja apenas cumpre com sua missão". Ele explica que "política significa a organização da convivência humana, e nada tem a ver com politicagem". O vigário diz mais: "Fazer política é cuidar do bem comum, sem divisões entre o espiritual e o material, pois esta divisão não existe na Bíblia".



Wunibaldo: Cristo fazia política

Em 1980, tema censurado

A participação mais recente da Igreja na luta dos sem-terra ganhou força no Brasil durante a década de 70, sob a liderança da CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e com a proliferação das comunidades eclesiais de base. Mas até bem pouco tempo esse engajamento ainda provocava sustos, como aconteceu em 1980, quando a Campanha da Fraternidade teve como tema as migrações. Para chegar ao público e sensibilizar a sociedade, a campanha teria, é claro, que ser divulgada, mas isso não foi fácil.

No dia 23 de fevereiro, a campanha foi lançada em cadeia de rádio, no Rio Grande do Sul, com o seguinte apelo: "Para Onde Vais?". A pergunta era dirigida aos migrantes. No dia seguinte, a Associação Gaúcha de Rádio e Televisão — Agert, transmitia ao cardeal arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, a decisão de não mais divulgar o assunto. "Os temas tratados são eminentemente políticos, e a entidade não quer se envolver neste tipo de polêmica", disse o presidente da Agert na época, Fernando Ernesto Correa.

Na verdade, as emissoras de rádio e TV sofreram pressões para boicotar a campanha. Entre o apoio da Igreja aos sem-terra e os interesses do grande empresário gaúcho, a entidade preferia ficar

com esses últimos. O curioso é que o lançamento da campanha teve a participação do então governador Amaral de Souza e do cardeal Vicente Scherer, considerado um conservador. De acordo com os donos de rádios e televisão, o apelo da Igreja era "revolucionário". Amaral de Souza e o cardeal estariam assim envolvidos numa conspiração.

CENSURA

A indignação de Dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, que considerou a proibição da Agert uma das "atitudes incendiárias" esperadas pela Igreja, não chegou ao conhecimento do grande público. Se a campanha estava censurada, também a reação dos religiosos deveria estar. Mas dias depois os donos das emissoras revisaram sua posição, e o tema voltou a ser abordado.

Os mesmos bispos e padres envolvidos na polêmica de 1980 certamente não iriam esperar que, cinco anos depois, fossem presenciar o que aconteceu em 1985. O apelo em favor da reforma agrária foi "encampado" pelos mesmos veículos de comunicação que em 1980 consideravam o tema muito perigoso. A TV, por exemplo, divulgou mensagens falando em "terra para todos", apresentadas nos mesmos intervalos destinados aos comerciais. Religiosos e sem-terra acompanham tudo isso com um pé na frente e outro atrás.

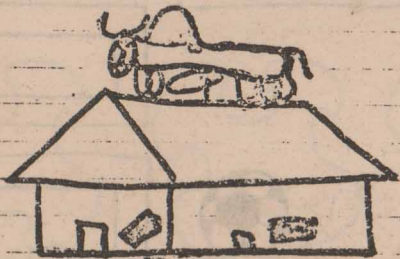


SUPLEMENTO INFANTIL

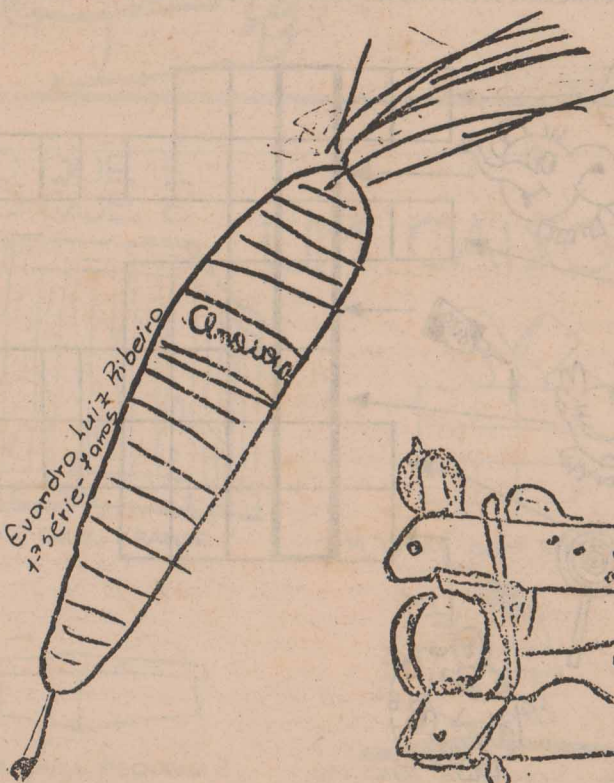
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação Maria Aparecida Pereira Mendes

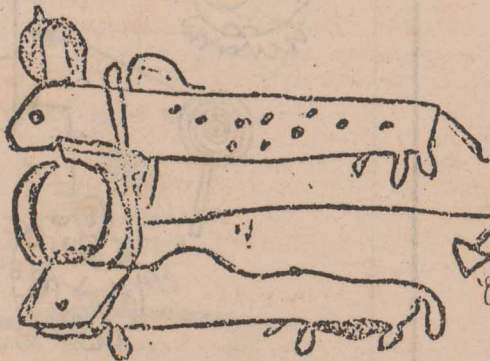
A chácara do Chico Bolacha



Delmir Goulart
1ª série - 8 anos



Evandro Luiz Ribeiro
1ª série - 7 anos



Evandro Luiz Ribeiro
1ª série - 7 anos



Cecília Meireles

Na chácara do Chico Bolacha
o que se procura
nunca se acha!

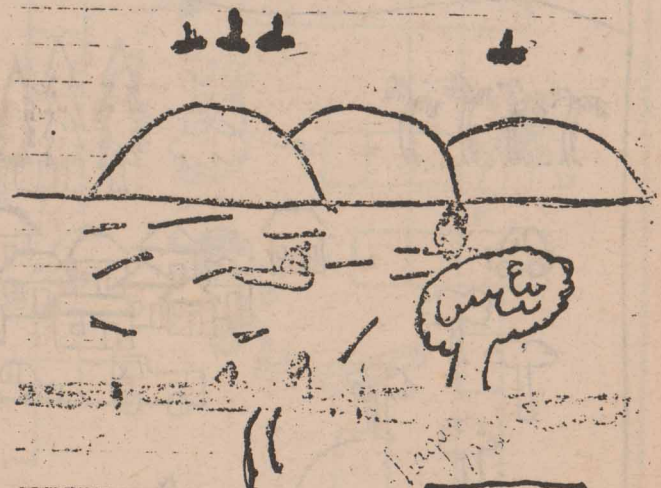
Quando chove muito,
o Chico brinca de barco,
porque a chácara vira charco

Quando não chove nada,
Chico trabalha com a enxada
e logo se machuca
e fica de mão inchada.

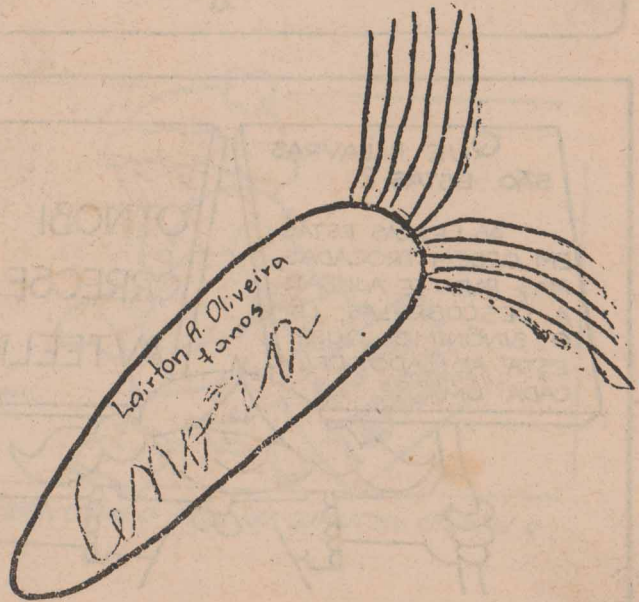
Por isso, com o Chico Bolacha,
o que se procura
nunca se acha.

Dizem que a chácara do Chico
só tem mesmo chuchu
e um cachorrinho coxo
que se chama Caxambu.

Outras coisas, ninguém procure,
porque não acha.
Coitado do Chico Bolacha!



Leandro Chagas
6 anos - 1ª série

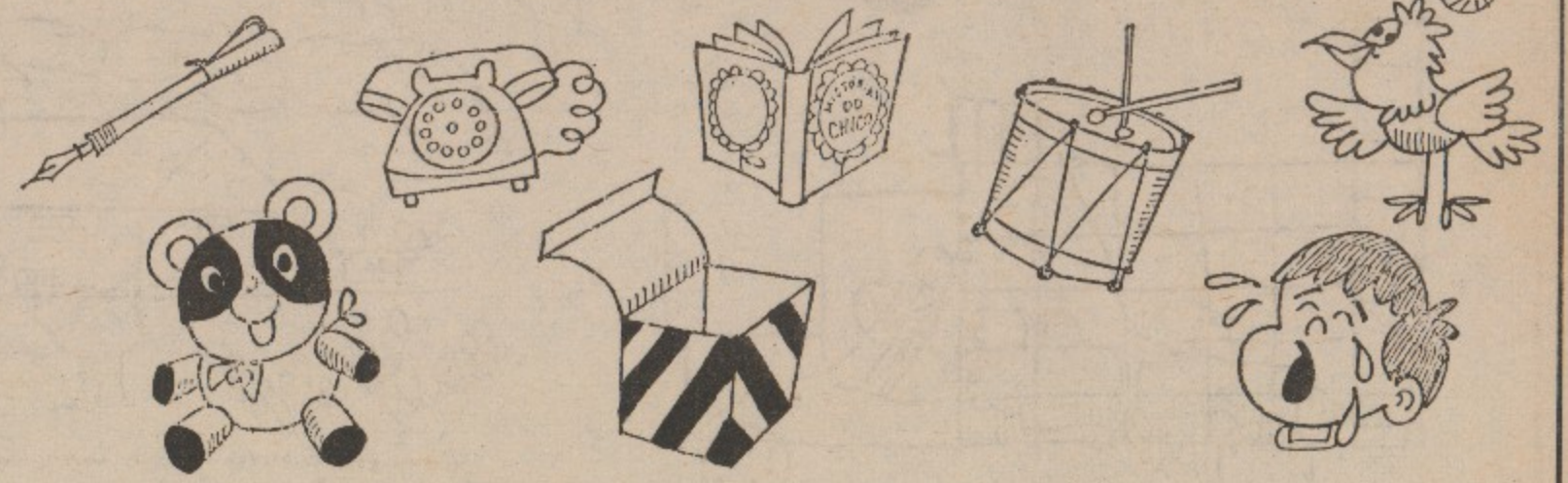


Lairton A. Oliveira
4 anos



Passatempo

PASSA UM CÍRCULO EM TORNO DOS DESENHOS QUE PRODUZEM SOMS:



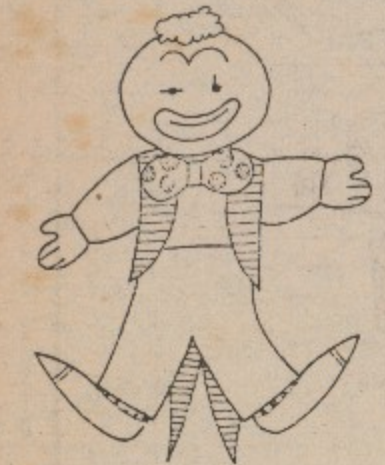
O QUE É? O QUE É?
um peixe?
um cavalo pequeno?

UM PEIXE ESQUISITO? UM CAVALO PEQUENO?

UM RELÓGIO ANTIGO? UMA ROUPA LUXUOSA?

peixe e um cavalo pequeno.

SÓ HA' UM CAMINHO PARA CHEGAR ATE' O JOGO. QUAL DOS GURIS ESCOLHEU O CAMINHO CERTO?



QUAL É A PEÇA ACIMA QUE SE ENCAIXA COM A PEÇA QUE ESTOU APONTANDO?

Solução: E

ESCREVE O NOME DE CADA FIGURA NA DIREÇÃO INDICADA PELAS FLECHAS.

OBSERVA, NO DESENHO DA PAISAGEM, ONDE ESTÃO CADA UM DOS DESENHOS ABAIXO E LIGA-OS.

ESCREVE NOS QUADRINHOS O NOME DOS DESENHOS PARA FAZER APARECER A PALAVRA MÁGICA NOS QUADRINHOS DIFERENTES.

O QUE É? O QUE É?
UM CAIXOTE?

UMA CAIXA GRANDE? UMA CAIXA BEM ENROLADA?
UMA CAIXA PEQUENA? UM CARA BAIXINHO?

CAIXOTE É UMA CAIXA PEQUENA

PARA ONDE VAI O MENINO VIAJANTE?
COLOCA AS LETRAS EM ORDEM PARA DESCOBRIR.

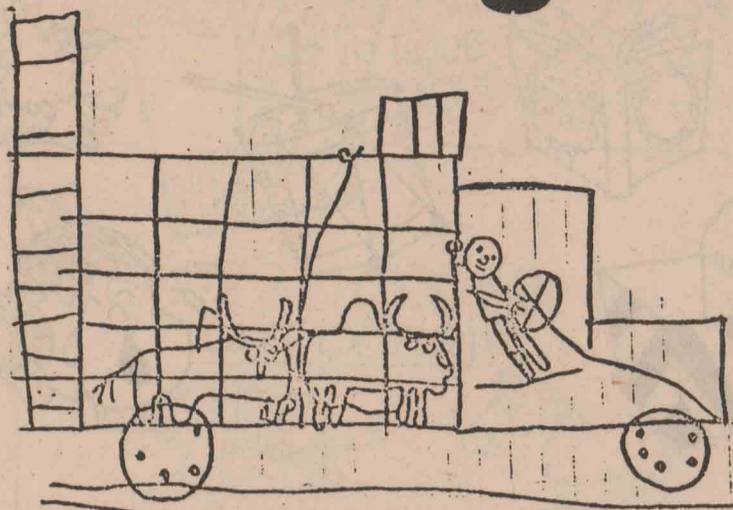
RESPOSTAS: → MENINO VIAJANTE VAI PARA O POLO NORTE.

QUE PALAVRAS SÃO ESTAS?

AS LETRAS ESTÃO EM ORDEM TROCADAS, MAS PARA TE AJUDAR A DESCOBRIR-LAS, LÊ O SINÔNIMO QUE ESTÁ AO LADO DE CADA UMA.

OTNOBI (LINDO)
CRRECSE (DESENVOLVER)
AVTEELN (AUDAZ)

Página do leitor



Lairton Ribeiro de Oliveira - 7 anos
1ª série - Rincão dos Júlios -
Cel. Bicaço.

Que bom! Estamos em férias. Durante este ano, nós nos esforçamos para mostrar o melhor para vocês. Esperamos que nosso trabalho tenha sido do agrado de todos. Sentimos muita satisfação com a expressiva participação dos nossos leitores, que este ano foi muito significativa. Esperamos que no próximo ano a gente possa contar com todos vocês, novamente. Para o pessoal que nos escreveu e que ainda não viu seu trabalho publicado, a gente comunica que está tudo conosco e que a partir de março nós começaremos a publicar todos eles. Um abraço, boas férias e até março!

Os trabalhos abaixo são dos alunos da 1ª a 4ª séries da Escola Municipal Salgado Filho, de Rincão dos Júlios, Coronel Bicaço. Quem nos enviou foi a professora Waldemir da Silva Ribeiro.

A ÁRVORE

Lá em minha casa tinha árvores muito bonitas, até que um dia, estávamos mal de terras e o único meio foi derrubá-las para cultivar a terra. Aquelas lindas árvores que estavam produzindo frutos e sombra para nós, foram destruídas, seus galhos apodreceram e serviram de adubo para a terra.

Cada vez foram desmatando mais e o ar foi ficando cada vez mais poluído, muita gente indo aos hospitais com problemas respiratórios. Quando existia matas em grande quantidade nada disso acontecia.

Hoje eu vivo bem. Plantei mais ou menos umas cem mudas de árvores. Graças à árvore vivo bem de saúde, e tomara que elas também vivam e cresçam fortes, porque senão, eu irei acabar morrendo junto com elas por "ar poluído".

Nilson Ribeiro - 4ª série - 10 anos

A ÁRVORE

A árvore tem muitas utilidades: podemos fazer casas, dela extraímos elementos para fazer livros, cadernos, etc. Ela é nossa amiga. Nós temos que plantar cada vez mais árvores para podermos nos manter vivos, pois ela nos oferece o oxigênio e nós lhe damos o gás carbônico. Nós podemos cortar as árvores para utilizarmos quando necessitamos, mas temos que plantar mais árvores para equilibrar o clima e para podermos viver bem com elas. Quem conserva as árvores tem vida boa. Eu gosto das árvores, por isso sou amiga delas. Elas me dão frutos, sombra e flores bonitas. Eu agradeço às árvores porque elas também gostam de mim. Eu queria que todos plantassem cada vez mais árvores para nós sobrevivermos. Quem quiser desmatar para plantar trigo, arroz, feijão, mandioca, etc. deve plantar mais. Eu agradeço a você por manter o meu ar puro.

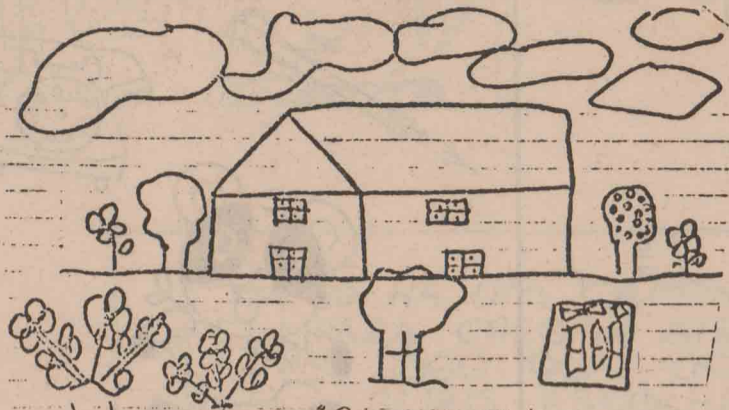
Clarice Ribeiro de Oliveira
4ª série - 9 anos

A ALIMENTAÇÃO

A alimentação é muito importante para a nossa vida, sem ela nós não teremos força para viver.

A alimentação não só é necessária para os homens, mas para os animais também, pois sem alimentação os animais não podem viver, não terão condições para produzir energias para o trabalho. Os animais e os seres humanos necessitam de uma alimentação rica em vitaminas e proteínas para crescerem fortes e saudáveis, e terem força para trabalhar, procurando manter a sua vida e a vida de outros seres que necessitam de sua ajuda.

Márcia Amorim - 4ª série - 10 anos



"Eu quero chuva para as plantas não morrerem".

Lediane Barcellos Bueno - 6 anos
Pré-Escolar - Vila S. Pedro - Cel. Bicaço



Evandro Luiz Ribeiro
3ª série - 7 anos

A ALIMENTAÇÃO DA CRIANÇA

A criança deve se alimentar e muito bem, com frutas, leite e outros alimentos, pois sem eles ela se tornará fraca e não irá crescer com saúde. Se alimentando bem ela ficará gordinha e inteligente. As mães procuram sempre alimentar bem seus filhos para que eles não fiquem doentes.

Gilmar da Silva Chagas
2ª série - 11 anos

A ALIMENTAÇÃO DO HOMEM

Todos nós devemos nos alimentar bem pela manhã, tomar café com leite, comer pão e manteiga e ovos fritos. Ao meio dia comer feijão, arroz, mandioca, carne e salada de alface, repolho ou outras.

A nossa saúde tem muito a ver com o que comemos, pois uma pessoa que é bem alimentada é feliz e sadia.

Marco Antônio Pfeifer
2ª série - 10 anos

OS ANIMAIS

O animal é um ser que devemos tratar bem, nunca tratá-los mal.

Os animais são diferentes da gente, porque Deus lhes deu esta natureza. Eles também sabem se proteger da chuva, do frio, etc., só que o lugar onde eles vivem é diferente do nosso.

Os animais andam de quatro pés e o homem tem mãos e pés.

Em minha casa tem muitos animais e temos que cuidar deles, alimentá-los bem. E até que se torna divertido cuidá-los.

Cleonice Ribeiro de Oliveira
3ª série - 8 anos

A GALINHA AMARELA

Era uma vez uma galinha de penas amarelas. Todos a chamavam de Amarelinha, e ela não gostava que chamassem ela assim, porque ela não era pequeninha.

Um dia um menino estava na floresta e a galinha estava lá, ciscando. O menino viu aquele galinhão tão amarelo e chamou bem alto: - Amarelinha! A galinha, como não gostava que a chamassem de Amarelinha foi correndo para o lado do menino. Sua velocidade foi tanta que o menino nem percebeu, só viu quando ela lhe deu um beliscão. O menino gritou e todos ouviram e foram ver o que tinha acontecido com ele. Ai entenderam a razão da galinha ter agido assim,

pois o menino não sabia que ela não gostava de ser julgada pequena.

Cleonice Ribeiro de Oliveira
3ª série - 8 anos

A VACA DE METADE

Era uma vez uma vaquinha pintada, que tinha cinco tetas. Uma teta não saía leite, porque na teta tinha só banha e carne. Das outras três saíam 3 litros de cada uma das tetas; todas juntas davam 12 litros de leite, mas o dono vendia metade do leite que tirava da vaca. O leiteiro que distribuía o leite tinha que passar por uma floresta e cada vez que passava por lá, sentava à sombra de uma árvore e tomava metade do leite. O leite tirado da vaca ficou virando só em "metade".

Márcia Amorim - 4ª série - 10 anos

O GALO SABIDO

Era uma vez um galo e uma raposa. O galo estava empoleirado em uma árvore. Num belo dia a raposa chegou e disse:

- O senhor está sabendo que surgiu uma nova lei?

- Não, eu não estava sabendo, respondeu o galo.

- Pois é, senhor galo, na nova lei consta que o galo e a raposa não irão mais brigar, nem o cachorro com a raposa. Por que você não desce daí para nós confraternizarmos?

O galo não quis descer e disse:

- Eu não posso descer daqui, mas você pode esperar um pouco que ali vem vindo três cachorros.

E a raposa respondeu ao galo:

- Desculpe, mas estou com um pouco de pressa. Preciso ir para casa, fazer limpeza e tenho que cuidar dos meus filhos, para não passarem fome nem frio. A alimentação deles agora é somente carne ou resto de algum animal morto.

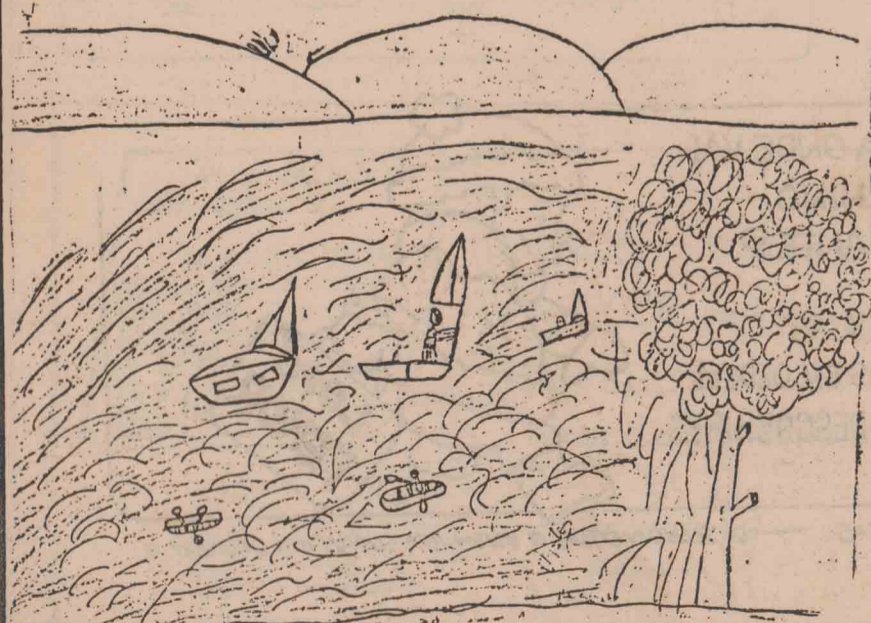
Quando a raposa deu por si os cães já estavam perto e ela tratou de ir embora, dando um "até logo" breve ao galo.

Edson Leandro Pfeifer
4ª série - 13 anos

OS ANIMAIS

Eu gosto de cuidar dos animais porque alguns são úteis, nos dão carne, como a galinha, o porco, a vaca. Eu gosto muito de cuidar dos animais.

Lairton Ribeiro de Oliveira
1ª série - 7 anos



Lairton Ribeiro de Oliveira
1ª série - Rincão dos Júlios - C. Bicaço